

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LETRAMENTO EM PESQUISA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NA (IN) FORMAÇÃO DO
JOVEM PESQUISADOR

MICHELLE PEREIRA SOARES

BRASÍLIA

2019

MICHELLE PEREIRA SOARES

LETRAMENTO EM PESQUISA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NA (IN) FORMAÇÃO DO
JOVEM PESQUISADOR

Relatório Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre. Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional e Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ormezinda Maria Ribeiro

BRASÍLIA

2019

MICHELLE PEREIRA SOARES

LETRAMENTO EM PESQUISA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NA (IN) FORMAÇÃO DO
JOVEM PESQUISADOR

Relatório Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre. Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ormezinda Maria Ribeiro

Defendida e aprovada em: 05 julho de 2019

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro
Universidade de Brasília/PPGE
(Presidente)

Profa. Dr. Rodrigo Matos de Souza
Universidade de Brasília /FE

Profa. Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues
Universidade de Brasília /LIP

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (Suplente)
Universidade de Brasília/ LIP

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a base de todos os meus planos, cuidando e guiando para que tudo ocorra bem.

Ao meu amor, incentivador e companheiro Christiano Brito, que não permitia as ausências, pois sempre estava por perto.

À minha família, que mesmo sem compreender em que grau universitário estou é a base para minhas realizações.

Aos amigos Marcelo, Cecília, Fabiana e Klever por serem companheiros de jornada, de estudos e de dilemas.

Ao amigo Sandro, por facilitar minha entrada na escola pesquisada e me apresentar a todas as pessoas possíveis.

A todos os professores do Centro Educacional 01 do Riacho Fundo e, principalmente, aos professores Maurício e Carlos por colaborarem e ficarem interessados na pesquisa.

À professora Ilma, por contar histórias e compartilhar sua vida e seu trabalho.

À amiga Ana Regina Lacerda, em seu papel de bibliotecária, tornar acessível várias pesquisas realizadas sobre o tema.

Aos amigos de sempre da BCE, e sem querer citar nomes, para não incorrer na injustiça de esquecer alguém, que constantemente torcem e vibram com minha trajetória.

À melhor orientadora, professora Aya Ribeiro, que além de todas as revisões, conversas e conselhos, conseguiu a grande proeza de deixar o mestrado leve e se tornou alguém para guardar na memória e no papel.

RESUMO

Neste estudo, busca-se compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da construção de pesquisas escolares que possam aproximar biblioteca e estudantes. O letramento e as habilidades de leitura e escrita são temas recorrentes que visam responder às pesquisas dessa natureza e às atuações de leitura no contexto educacional. Assim, para tratar dos conceitos de letramento e letramento informacional, postulado básico que orienta este trabalho, são utilizadas as reflexões dos seguintes autores, Soares (2004, 2008, 2009, 2010), Street (1984), Kleiman (1995, 2004), Bakhtin (1995), Gasque (2010, 2012), Campello (2003,2009, 2010) e Kuhlthau (1999). A escolha teórico-metodológica para coleta e tratamento dos dados dá-se na perspectiva de uma abordagem, que conjuga a pesquisa qualitativa com a quantitativa, no intuito de atender ao objetivo geral que é compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da construção de iniciação científica que possam aproximar biblioteca e estudantes. Os objetivos específicos são realizar atividade de iniciação científica mostrando as metodologias existentes; apresentar recursos de pesquisa informacionais que possam contribuir na coleta da informação; planejar, com os professores, atividades que se aproximem das atividades ofertadas pela biblioteca em seus planos de aula; compor vídeo que permita ao aluno conhecer a Biblioteca da Universidade de Brasília. Na metodologia, foi realizado primeiramente um pré-teste, para verificar o conhecimento prévio dos estudantes acerca do assunto abordado. Os alunos responderão a um questionário na primeira aula ministrada pela pesquisadora. Sendo um passo importante, pois no segundo momento de intervenção, as questões levantadas já terão sido vistas na prática docente por meio de exposição dialogada. Para exercer a prática social, escolheu-se a Biblioteca Central da Universidade de Brasília com propósito de atender a comunidade acadêmica. A BCE dispõe de diversos serviços, com o intuito de levar o letramento informacional também aos usuários externos à universidade, como é o caso de estudantes de escolas públicas, que vivenciam essa proximidade por meio das visitas orientadas. Neste estudo, temos como resultado a resposta ao objetivo geral, identificando possíveis carências relacionadas às técnicas de pesquisa com discentes do ensino médio.

Palavras-Chave: Letramento informacional. Pesquisa. Bibliotecas.

ABSTRACT

This study try to understand the process of information literacy in high school, from the construction of school surveys that can approach the library and students. Literacy and reading and writing skills are recurrent themes that aim to respond to research of this nature and reading performances in the educational context. Thus, to address the concepts of information literacy and basic information, the basic postulate that guides this work, we use the reflections of the following authors, Soares (2004, 2008, 2009, 2010), Street (1984), Kleiman (1995, 2004), Bakhtin (1995), Gasque (2010, 2012), Campello (2003,2009, 2010) and Kuhlthau (1999). The theoretical-methodological choice for data collection and treatment is based on the perspective of an approach that combines qualitative and quantitative research in order to meet the general objective of understanding the process of information literacy in high school, from of scientific initiation building that can approach library and students. The specific objectives are to carry out scientific initiation activity showing the existing methodologies; present informational research resources that may contribute to the collection of information; plan with teachers activities that approach the activities offered by the library in their lesson plans; compose video that allows the student to know the Library of the University of Brasilia. In the methodology will be carried out first a pre-test, to verify the previous knowledge of the students about the subject addressed. The students will respond to a questionnaire in the first lecture given by the researcher. Being an important step, because in the second moment of intervention, the issues raised will already have been seen in the teaching practice through a dialogued exposition. In order to carry out the social practice, the Central Library of the University of Brasília (BCE) was chosen to serve the academic community. The BCE has several services in order to bring information literacy to users outside the university, as is the case of public school students, who experience this proximity through guided visits. In this study it is expected as a result the answer to the general objective, identifying possible needs related to the research techniques with high school students.

Keywords: Literacy. Search. Library.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proposta da autora	21
Quadro 2 - Ferramentas da pesquisa	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistematização do processo.....	60
Figura 2 - Breve Histórico.....	67
Figura 3 – Conceitos de Alfabetização, Letramento e Arcabouço teórico	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Conceito de Letramento	74
Gráfico 2 – Uso do letramento no Ensino Médio	75
Gráfico 3 – Uso da ABNT.....	76
Gráfico 4 – Busca de informações.....	77
Gráfico 5 – Estímulo ao uso da sala de leitura	78
Gráfico 6 – Busca de Informações.....	79
Gráfico 7 – Busca de Informações.....	80
Gráfico 8 – Busca de Informações.....	81
Gráfico 9 – Busca de Informações.....	82

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACRL	<i>Association of College and Research Library</i>
ALA	American Library Association
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GDF	Governo do Distrito Federal
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PPP	Planejamento Político Pedagógico
RM	<i>Ranking</i> Médio
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem
SOE	Serviço de Orientação Educacional
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

A CAPA: CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO E O OBJETO	11
CAPÍTULO 1 – LUVA - PRIMEIRAS FOLHAS – LEITURAS INICIAIS	19
1.1 Conceitos de letramento	19
1.2 O papel da biblioteca no letramento em pesquisa	26
<i>1.2.1 Contexto histórico da formação das bibliotecas e leitores.....</i>	<i>26</i>
<i>1.2.2 Tipos de Bibliotecas</i>	<i>31</i>
<i>1.2.3 A influência das Bibliotecas na disseminação do letramento em pesquisa.....</i>	<i>33</i>
<i>1.2.4 As ferramentas e as tecnologias presentes nas Bibliotecas</i>	<i>38</i>
<i>1.2.5 A Biblioteca da Universidade de Brasília e o seu comportamento frente ao letramento em pesquisa</i>	<i>39</i>
1.3 Letramento informacional em visitas guiadas.....	41
1.4 Letramento Informacional na escola e na vida	43
CAPÍTULO 2 – A LOMBADA – ITINERÁRIOS DA PESQUISA	52
2.1 Acolher: a sala de leitura	61
2.2 Breve revisão sobre projetos de letramento informacional	64
CAPÍTULO 3 – O MIOLO.....	71
3.1 Os rumos da pesquisa.....	71
3.2 Principais resultados	73
CAPÍTULO 4 – O MARCADOR.....	83
CAPÍTULO 5 – A COSTURA.....	86
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICES A – QUESTIONÁRIO	94
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	96
APÊNDICE C – QUESTÕES UTILIZADAS COMO NORTEADORAS PARA DISCUSSÃO NAS AULAS.....	97
APÊNDICE D – PROPOSTA DE CONTEÚDO	98
ANEXO A – PLANEJAMENTO ANUAL 2019	101

A CAPA: Contextualizando o cenário e o objeto

“Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
 Todo verbo é livre para ser direto ou indireto
 Nenhum predicado será prejudicado
 Nem tampouco a frase, nem a crase
 Nem a vírgula e ponto final
 Afinal, a má gramática da vida
 Nos põe entre pausas
 Entre vírgulas
 E estar entre vírgulas
 Pode ser aposto
 E eu aposto o oposto
 Que vou cativar a todos
 Sendo apenas um sujeito simples
 Um sujeito e sua visão
 Sua pressa e sua prece
 Que enxerguemos o fato
 De termos acessórios para a nossa oração
 Adjuntos ou separados
 Nominais ou não
 Façamos parte do contexto
 Sejamos todas as capas de edição especial
 Mas, porém, contudo, todavia, não obstante
 Sejamos também a contracapa
 Porque ser a capa e ser contracapa
 É a beleza da contradição
 É negar a si mesmo
 E negar-se a si mesmo
 É muitas vezes encontrar-se com Deus
 Com o teu Deus
 Sem horas e sem dores
 Que nesse momento em que cada um se encontra agora
 Um possa se encontrar no outro
 E o outro no um
 Até por que
 Tem horas que a gente se pergunta...
 Porque é que não se junta tudo numa coisa só?”
 (Magramática - Teatro Mágico)

Perceber a leitura e a pesquisa como parte integrante do ser estudante fez com que o meu interesse pelo letramento em pesquisa surgisse. Neste texto, a escolha pelo letramento informacional surge por compreender que aprender a pesquisar faz parte da nossa vida de estudante, presente também em nossas ações educacionais futuras.

Compreendemos o letramento não somente pelo aspecto do uso da tecnologia, com o manuseio de ferramentas elaboradas, mas também pelo reconhecimento de que a pesquisa e a forma de fazê-la deve existir desde as séries mais tenras, levando o jovem leitor a tornar-se um curioso, independente, munindo-o de ferramentas para realizar as suas pesquisas escolares.

Este trabalho trata da pesquisa como fonte de construção do aprendizado para alunos do ensino médio. Compreendê-la e realizá-la é permitir que o letramento se consolide, como proposta de aproximação do estudante do ensino médio de conceitos que muitas vezes estão presentes somente na teoria, e que, não sendo concretamente trabalhado na educação de maneira prática, distancia o jovem pesquisador do universo científico e contribui para a manutenção de um *status quo* científico inalcançável. Essa condição nos tem distanciado de nossas vivências tornando-nos cidadãos periféricos.

Mais tarde, esse mesmo estudante ingressará na universidade e conviverá cotidianamente com os aspectos intrínsecos à pesquisa, a qual, muitas vezes, esteve distanciado durante o ensino médio.

Voltando ao interesse pelo tema, destaco que ele surgiu quando, ao lecionar para um curso técnico concomitante ao ensino médio, solicitei uma pesquisa aos alunos, os quais voltaram com cópias de sites como *Wikipedia* e o *Google*. E ao serem informados que aquela não era a forma correta de conduzir uma pesquisa, um aluno questionou-me: mas o que seria pesquisar? Como saber que não cometi plágio? Por que usar normas como a ABNT? Professora, isso é só para universitários? Percebi, então, que esses alunos do ensino técnico tinham necessidade de um letramento em pesquisa, e se interessavam pelo assunto.

Tentei, à época, responder a essas questões relativas à ABNT e às práticas de pesquisa no ensino médio de maneira mais simples, para que o estudante pudesse compreender e aprender de uma maneira mais próxima a sua realidade, mas também por perceber que todas as dúvidas, já antes de serem escritas, estavam no interior daqueles jovens, nos conduzindo e fazendo refletir como é necessário falar mais do letramento em pesquisa. Na universidade, e com o apoio da biblioteca, percebi que pesquisar é um ato de coragem, que requer tempo e aprendizado constante. Muitas ferramentas estão presentes, atualmente, com o intuito de

facilitar a pesquisa e o compartilhamento de informações, porém ainda é preciso caminhar junto ao jovem pesquisador, desbravando esse universo.

Assim, com os questionamentos de meus antigos alunos e para a reflexão ficar ainda mais intensa, refletindo uma forma de inserir a pesquisa no cronograma do ensino médio, constatei ser o letramento informacional em pesquisa um tema relevante para discussão na academia.

No ano de 2015, concluí o curso intitulado “Licenciatura em Educação Profissional” e tive acesso à disciplina “Letramento”, na qual me possibilitou compreender os conceitos até então desconhecidos sobre letramentos.

Sendo assim, como estudante e educadora, percebi que o caminho da pesquisa precisa ser mais longo, não bastando começá-lo na graduação. Esse trajeto pode e deve atingir os estudantes do ensino médio, em suas preparações acadêmicas, de maneira inter e transdisciplinar na escola, juntamente com outras disciplinas e outros mediadores. Considerando nesse percurso também a biblioteca, a qual tem grande importância, pois é por meio dela, seja escolar ou universitária, que algumas ferramentas podem ser amplamente explicitadas.

Outra perspectiva é pensar o papel das bibliotecas na construção do letramento informacional juntamente às escolas de ensino médio. Nesse sentido, atualmente, a Biblioteca da Universidade de Brasília recebe visitas orientadas de estudantes de escolas de nível médio e técnico da região, permitindo que nessas visitas o estudante tenha acesso ao espaço físico e ao acervo da Biblioteca da Universidade de Brasília, passando por setores como Atendimento ao Usuário, Mídias, Restauração e Arquivo.

Atuo profissionalmente na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, o que também contribuiu para as reflexões acerca do letramento, desde a interação com os usuários como na contribuição dessa instituição para a sociedade.

A interação entre a Biblioteca da Universidade de Brasília e as escolas contribui para a formação em extensão universitária, porém a proposta é que as escolas tenham espaço para que as suas próprias bibliotecas realizem um trabalho de intervenção.

Para que possam levar o letramento em pesquisa para mais próximo do público do ensino médio, sendo o aluno estimulado a pensar em seus trabalhos acadêmicos de maneira mais cíclica, de modo a aprender por si a tecer relações ou analisá-las no contexto da pesquisa, ou seja, com trabalhos finais corretamente formatados e elaborados, compreendendo que a pesquisa faz parte do trajeto de aprendizado.

Ao considerar a influência da compreensão do letramento na trajetória do aluno pesquisador e com as ferramentas necessárias para observar o aprendizado por meio da promoção dos trabalhos mais independentes, com objetivo de diminuir a participação passiva e ter o aprendiz como pessoa capaz de entender a sua formação no contexto de mundo. Assim, o professor passaria a ter o papel de mediador do conhecimento e fortaleceria as trocas de informações tão benéficas em sala de aula.

Nesse contexto surgem os seguintes questionamentos: Como os estudantes do ensino médio percebem o ato de pesquisar? Como a pesquisa pode ser introduzida de maneira inter e transdisciplinar no ensino médio? Quais os aspectos que estão envolvidos na construção do letramento em pesquisa ainda no ensino médio? Como a biblioteca pode contribuir na inserção do letramento informacional no ensino médio? Como promover o movimento de entrada da biblioteca na sala de aula? E, por fim, mas não menos importante, como trabalhar projetos políticos pedagógicos que permitam a interação entre atividades promovidas por professores e membros da biblioteca?

Esses questionamentos, unidos à minha prática de trabalho¹, fizeram despertar em mim o interesse pelo letramento informacional, com o enfoque da pesquisa escolar. Desse modo, passei a investigar esse processo no segundo e terceiro ano do ensino de escola pública do Distrito Federal.

Reitero a curiosidade e o propósito de investigação dos aspectos subjetivos que precedem o letramento e a necessidade de entender esse conceito de maneira mais ampla como levantado por Soares (2004, 2008, 2009, 2010), Street (1984), Kleiman (1995, 2004), Bakhtin (1995), Gasque (2010, 2012), Campello (2003, 2009, 2010) e Kuhlthau (1999). Essas estratégias podem nos levar a compreender os aspectos operacionais do letramento informacional, mas também a buscar uma forma de torná-lo natural para o estudante, promovendo o “aprender a aprender” e estimulando a criação de perguntas por parte do aprendiz que poderão alavancar, futuramente, outros estudos. Pensamos que não é necessário esperar chegar a graduação, para que os alunos tenham independência na criação de seus trabalhos e pesquisas. Assim, como também é importante que o professor envolvido no processo conheça as principais ferramentas de letramento informacional, a fim de contribuir com a construção do aprendizado, aproximando atividades de sala de aula aos serviços oferecidos pela biblioteca.

¹ Atualmente, sou professora do curso de graduação em Secretariado Executivo de uma Faculdade privada em Brasília. Mas trabalhei por quatro anos no ensino técnico profissionalizante, onde pelo contato com as indagações dos estudantes sobre pesquisa, percebi que eram comuns essas dúvidas, não somente no ensino técnico, mas como em todo ensino médio.

A partir dessas conjunturas, estruturamos o presente trabalho de pesquisa e justificamos nosso interesse em perceber como inserir o letramento informacional no ensino médio em atividades já propostas pelos docentes e de que maneira a biblioteca pode promover esse aprendizado em pesquisa ao participar da formação em sala de aula (ou seja, a biblioteca além de suas paredes). Este trabalho, portanto, tem como questões de pesquisa: Que aspectos do letramento informacional e ferramentas podem ser inseridos no ensino médio para a construção do aprendizado em pesquisa? De que modo se relaciona a biblioteca na construção desse aprendizado juntamente com os professores?

Nessa perspectiva, nosso trabalho foi estruturado com os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da construção de pesquisas escolares que possam aproximar biblioteca e estudantes.

Objetivos Específicos

Temos como objetivos específicos que contribuirão para o alcance do objetivo geral:

- a) realizar atividades de pesquisa mostrando as metodologias de pesquisa com o uso de livros, ambiente virtual e iniciação à pesquisa;
- b) apresentar recursos de pesquisa informacionais que possam contribuir para a iniciação científica;
- c) planejar com o professor regente de língua portuguesa atividades que possam aproximar o estudante dos serviços ofertados pela biblioteca em seus planos de aula;
- d) realizar visitas orientadas virtuais que permitam ao aluno conhecer a proposta de extensão da Biblioteca da Universidade de Brasília.

A escola escolhida para este estudo encontra-se na região administrativa do Riacho Fundo II, sendo os sujeitos participantes da pesquisa os alunos do terceiro ano do ensino médio e/ou os professor(es) regente(s) de língua portuguesa. Nosso propósito é mostrar que o letramento em pesquisa para jovens do ensino médio de escola pública do Distrito Federal não é um objeto distante de suas realidades, mas, ao contrário, esse processo pode emancipar e aguçar a criatividade e o aprendizado de maneira transversal ao ensino das disciplinas principais da grade curricular. Sendo essa a contribuição inicial que almejamos dar com este trabalho.

Por já conviver com a elaboração da pesquisa no ambiente universitário e acadêmico, fui levada a refletir sobre o porquê de não se começar a ensinar os jovens estudantes a pesquisar antes, no ensino médio, quando os desafios da pesquisa estão borbulhando e a curiosidade é uma chama acesa. Nos cursos técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC), nos quais trabalhei, deram-me a base para tornar essas reflexões reais e transformá-las em objeto de pesquisa e a Universidade de Brasília com sua Biblioteca Central me forneceu os constructos e interações necessárias para perceber a importância do ato de pesquisar, pois como servidora pude experimentar as interações entre usuários e os serviços oferecidos pela instituição.

Além disso, a Universidade de Brasília, por meio de sua biblioteca, realiza atividades de extensão que contribuem para a participação da comunidade nos seus espaços, permitindo interações e o reconhecimento de serviços que são prestados pelas bibliotecas de modo geral, dando maior ou menor ênfase de acordo com sua categoria e tipologia. Por perceber que a comunidade é quem sempre sai do seu *lócus* para conhecer os serviços prestados da Biblioteca Central, ou, até mesmo, tão somente para conhecer a estrutura do prédio, é que pensei sobre o papel inverso. Assim, vislumbrei a Biblioteca Universitária extrapolando os seus muros, expandindo horizontes e adentrando as bibliotecas escolares.

Nessa perspectiva, a Biblioteca Universitária pode propiciar aos sujeitos dessa pesquisa das bibliotecas escolares um aporte de treinamento para o ato de pesquisar, visando estimular os estudantes a um letramento informacional (de caráter mais social), e a perceberem que o envolvimento com a pesquisa faz parte da formação como estudante desde o ensino médio.

De certa forma, eu mesma extrapolei meus muros já que, ao crescer na Ceilândia, percebia a Universidade de Brasília como algo distante, quase inatingível. Passei na seleção para o cargo de Secretária Executiva e o exerço há quase dez anos. Claro que a alegria não se dá somente pela aprovação no concurso público, mas também por ter sido guiada e ser empossada na Biblioteca Central, o que, para mim, é um grande presente, pois a minha trajetória de afeto com os livros sempre foi muito forte.

A Universidade abriu espaço para as reflexões acerca do letramento e também contribuiu efetivamente para a minha formação pessoal, permitindo o aprendizado constante, as possibilidades de crescimento, as amizades feitas e tudo que adquiri após a entrada na UnB. Com essa percepção, a gratidão de ter construído uma vida e realizado projetos é que busco devolver, por meio deste trabalho, contribuições que possam atingir os elementos do tripé ensino, pesquisa e extensão.

Assim, para a elaboração desta pesquisa, recorreremos aos pressupostos da pesquisa descritiva, com abordagem nos princípios da fenomenologia e do letramento como prática social para a construção das informações presentes neste trabalho.

Na escrita do texto, optamos por utilizar a primeira pessoa do singular, quando as experiências forem relacionadas com a autora, ou seja, quando se tratarem de experiências pessoais. Quando tiver relação com a parceria autora e orientadora ou quando envolver mais pessoas da comunidade acadêmica, usaremos a primeira pessoa do plural.

Este estudo está dividido em seis capítulos que simulam, por analogia, o formato de um livro. Como acompanhamento dos títulos iniciais, foram utilizados os termos capa, miolo, lombada, luva, marcadores e costuras. Essa opção de apresentação foi feita para aproximar o leitor dos termos que compõem essa dissertação, que, ao mesmo tempo, são práticos e poéticos. Práticos, por estarem presentes em todos os livros e poéticos, por cada livro ter uma estrutura externa que pode ser trabalhada e enxergada pelo seu autor de diversas maneiras. O que não faz cada livro uma obra rara, mas o torna raridade para quem o escreveu.

A introdução foi nomeada “A Capa”, por compreendermos que as capas dão o tom do livro e convidam o leitor à sua leitura. Existem vários formatos e cores, e quem nunca comprou um livro pela capa? A capa pode te seduzir, mas também pode te prender após algumas páginas.

O capítulo um é denominado “Luva” e trata das concepções e conceitos iniciais do letramento, como se os assuntos tivessem sido pinçados, além de abordar o processo de inserção das bibliotecas nesse processo, incluindo os tipos de bibliotecas existentes e como a pesquisa pode ser inserida no ensino médio para jovens pesquisadores. Em sua confecção, os restauradores utilizam-se de perícia e, muitas vezes, também de *designs* de artes para as luvas, tratando-as como uma parte extremamente significativa do livro. Assim, a escolha desse termo para o capítulo inicial se dá por percebermos quão significativa é essa parte da pesquisa que retrata os conceitos base.

No capítulo dois, “A Lombada”, temos o itinerário da pesquisa, no qual descrevemos a metodologia utilizada. A escolha do termo “lombada” faz alusão à lateral do livro e foi escolhido por comparação à resistência e à estrutura dessa parte da estrutura física de um livro. Todas as lombadas passam por um processo de costura ou colagem, e, quanto mais resistentes, mais durabilidade terá o livro. Para esta pesquisa, a durabilidade se refere às escolhas metodológicas feitas e às descrições dos fenômenos observados. Nesse momento, também apresentaremos os dados da pesquisa.

No capítulo três, “O Miolo”, estão as análises dos dados. Em um livro, normalmente, o miolo é algo interno, que visa dar voz ao texto. No miolo, estão as informações relevantes e a essência do livro. O tipo de papel para o miolo é muito relevante na confecção de um livro, pois a escolha do papel também constitui uma parte importante do *design* de um livro e da facilitação que esse proporciona ao leitor. Aqui não escolhemos o papel, mas buscamos abordar o assunto da maneira mais clara para nossos leitores, de modo que os pesquisados compreendam o seu processo dentro da pesquisa. A análise de dados não será supérflua, pois envolve atores que estão inseridos no contexto do letramento informacional. O que acarreta enxergar o sujeito como parte preponderante desse contexto. Assim são os miolos nos livros que nos insere e, por vezes, prometem, a vivência dentro dos seus longos capítulos.

No capítulo quatro, “O Marcador”, temos a proposta, ou seja, o produto resultante desta pesquisa. Chamamos de marcador por considerar que essa parte é como um “mimo” que será deixado, denotando toda a troca de experiências que existiu ao longo da pesquisa. Os marcadores surgiram por volta de 1850, eram destacáveis e utilizados em bíblias e livros de orações, produzidos pelas próprias mulheres que manuseavam esses livros e, muitas vezes, trocados entre elas.

Por fim, no capítulo cinco, “A Costura”, temos as considerações finais. Para o acabamento de um livro especial, utilizamos linhas específicas que passam por todo o livro, dando-lhe a junção. Escolhemos esse termo para as considerações finais por entendermos que nessa parte ocorre a síntese das discussões dos capítulos anteriores, com as respostas aos questionamentos levantados, visando atingir os objetivos pretendidos neste trabalho.

CAPÍTULO 1 – LUVA - PRIMEIRAS FOLHAS – LEITURAS INICIAIS

1.1 Conceitos de letramento

Pertencer a um grupo social aguça a percepção de quais são as particularidades dos indivíduos dessa comunidade e como ocorre seu relacionamento com o mundo e suas nuances. No universo do trabalho não seria diferente. Não é tão simples como um exercício de se assemelhar a seus pares, despindo-se de conhecimentos próprios e abandonando a sua essência, e sim a tentativa de desbravar a realidade que nos cerca, não por meio da imposição, mas por meio daquilo que é mais benéfico a todos.

No contexto educacional, a metodologia científica sempre teve uma configuração de distanciamento de seus usuários. Assim, alunos do ensino médio acreditam que a metodologia para realização de um trabalho acadêmico é algo intransponível e, até mesmo, de difícil aprendizado. O letramento para a pesquisa não é estimulado e, muitas vezes, os discentes se veem apenas sendo copistas das informações.

É comum observamos que o letramento se insere nesse contexto, algumas vezes, por falta de entendimento do que realmente significa essa palavra. A ideia de letramento é muito maior do que apenas a abordagem de saber ler e escrever e nos faz adentrar em um mundo de vasto conhecimento que pode englobar outros “olhares” para vida. Percebemos, então, que o entendimento seco da palavra letramento pode ter deixado periféricamente pessoas que detêm outros saberes ou que conseguem se manifestar adequadamente pelas questões cotidianas da vida. Entender o letramento é perceber que “o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma letrado” (SOARES, 2008, p. 24).

Mas para tecer algumas considerações, devemos compreender as vertentes e os conceitos de letramento. Para Soares (2004, p. 74), “o Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Não é, contudo, o mesmo conceito levantado por Brian Street (1984), ao afirmar que os conceitos são semelhantes, mas não idênticos.

Já para Bortoni-Ricardo (2010), estamos imersos em uma sociedade cada vez mais centrada na escrita, sendo necessário desenvolver competências para utilizar a leitura e a escrita, competente para uso no cotidiano. O que nos leva a refletir em como tornar mais simples o letramento em pesquisa para alunos do ensino médio. “O indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais” (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 52).

Retomando um pouco a história e a cunhagem do termo, observamos que teve sua primeira ocorrência no livro de Mary Kato (1986). Ressaltamos aqui que o termo letramento não aparece nos dicionários tão comumente como outras palavras advindas do ato de escrever, se o indivíduo conhece ou não as palavras, como analfabetismo e alfabetismo. Em Soares (2005) também encontramos o conceito do termo *Literacy*, vindo do latim *littera* (letra), com sufixo “cy”, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Esse termo nos faz compreender um dos significados denotados a letramento. Para a autora Soares (2009, p. 17-18), o letramento “tem consequências sobre o indivíduo, altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos”.

Tfouni (1988) distingue alfabetização de letramento, ampliando o conceito ao envolvê-lo a aspectos sócio históricos da escrita. Já Kleiman (1995), baseada em Street (1984), apresenta dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. O primeiro aborda as habilidades de escrita de maneira independente do contexto sócio histórico, enquanto o segundo considera o social.

O termo “literacia” foi utilizado inicialmente em Portugal, na década de 90. Trata-se também da tradução do termo *literacy*, mas a ênfase recai sobre a capacidade de processamento da informação, pela leitura e escrita, de sujeitos que tiveram acesso a vários anos de escolarização. É um conceito mais abrangente do que aprender a ler e escrever, sendo um conhecimento processual, dinâmico, em aberto. O conceito inclui as funções que a leitura e a escrita desempenham na vida cotidiana do sujeito. Como o termo tem se expandido, é comum ver expressões como: literacia matemática, literacia cultural, literacia tecnológica e informacional (MACEDO; SEMEGHINI-SIQUEIRA, 2000).

Arelado ao letramento, deve-se perceber e apropriar-se também da composição dos processos linguísticos em si. Bakhtin nos mostra que a linguagem é um constante processo de interação mediado pelo diálogo. Encarar o letramento de determinada área permeia nossas relações e as redes que fazemos. Como uma costura, desenvolvemos o letramento pelo nosso desenvolvimento pessoal e pelas interações, o que pode estar relacionado ao que Bakhtin nos mostra como sendo uma relação dialógica.

Em seus estudos, Bakhtin manifesta-se interessado em perceber os pontos de relevância na linguística sincrônica e diacrônica. Para esse autor, “ambas as correntes não satisfazem as exigências da natureza do fenômeno linguístico” (BAKHTIN, 1995, p. 63). E não satisfazem, pois a língua deve estar em função do uso de seus locutores e interlocutores nas diversas situações sociais, ou seja, o sujeito, que utiliza a linguagem deve, sim, ser

considerado, visto que é ele que compõe o discurso. Sem sujeito, o discurso pode ficar sem sentido. Kleiman (1995) pondera que, se considerarmos Bakhtin, os estudos de oralidade e escrita podem ser vistos ora como semelhantes, ora como distantes. Em Queiroz (2013), temos a reflexão de que o processo de leitura e escrita são complementares e devem ser trabalhados de maneira associada.

Diante dessa vastidão de reflexões e pensamentos frente ao conceito de letramentos, temos que:

Quadro 1 – Perspectivas e Abordagem do letramento

Autor	Perspectiva	Abordagem
Relatório Unesco (2006)	Conjunto autônomo de habilidades	Escrita superior à fala. Abordagem fonética.
Kleiman (1995)	Conjunto autônomo de habilidades	Ênfase na escrita; Polaridade entre oralidade e escrita;
Bakhtin (1995)	Prática social constitutiva da linguagem	Dialógica
Soares (2009)	Dimensão social	Letramento como prática social
Street (1984)	Dimensão social	Letramento com caráter ideológico
Barton (1994)	Dimensão social	Letramento com base nas áreas social, psicológica e histórica.

Fonte: baseada em Queiroz (2013)

Podemos pensar também que o

Letramento é um estado, uma condição, um processo de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais da leitura e da escrita; é o estado ou condição de quem interage com diversos gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida e em processo de aquisição de conhecimentos por meio da leitura e da escrita. (RIBEIRO, 2018, p. 4).

Nessa compreensão, devemos também entender o sujeito como ativo do processo de pesquisa. Na maior parte das vezes, as pesquisas nascem de interesses dos sujeitos com questões que os incomoda. Esse incômodo cresce e, ao extrapolar o sujeito, passa a ser reorganizado como forma de responder aos seus questionamentos, os quais não ficam limitados ao próprio sujeito, e sim a uma quantidade de indivíduos que manifestam os mesmos questionamentos, o que nos leva a refletir sobre o papel da pesquisa na sociedade. Essa deve atingir o seu público, com uma linguagem compreensível àqueles que dela

necessitem. Talvez aqui tenhamos o grande desafio da academia, visto que muitas pesquisas não reconhecem “as vozes” que ressoam nela. E não estamos aqui a nos manifestar contrários às normatizações e às metodologias, mas sim, ressonando Bakhtin, a chamar a atenção para os sujeitos envolvidos no processo.

Diante de todos os conceitos levantados, não podemos deixar de considerar com Paulo Freire (2008, p. 11) a concepção de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, pois de tão dinâmicas, torna-se encorajador estimular o indivíduo por meio das realidades que lhe são conhecidas.

Essa reflexão responde, em parte, à indagação das razões pelas quais os alunos de ensino médio não cultivam o interesse pela pesquisa desde os anos iniciais. Talvez por não serem reconhecidos como sujeitos daquele processo e não se perceberem parte integrante do ensino-aprendizagem. Acreditando que o “fazer” pesquisa seja somente para aqueles que se creem detentores de um conhecimento privado.

Bakhtin (1995, p. 42) afirma que

As transformações no mundo alavancaram as práticas de relações sociais de comunicação. Antes, uma informação que levaria alguns dias para atingir seu destinatário, hoje em menos de segundos pode estar em outro lugar do mundo. A busca e o uso de informações sempre permearam as relações pessoais e profissionais. Mas como fazer um uso adequado e eficaz dessas informações? Será que nossos alunos são preparados para o letramento informacional, já que constantemente são bombardeados por uma variedade de informações? Para responder a estes questionamentos, investigaremos os tipos de letramentos existentes, buscando por fim, redirecionar este trabalho para o letramento informacional.

Nesse contexto de movimento do mundo e transformação das informações, é mister que a educação esteja em constante processo de abarcar essas demandas, orientando os alunos nas melhores maneiras de utilizá-las. A educação no ensino médio deve se preocupar também com a formação e a independência desses estudantes ao realizar uma pesquisa, buscando incluir na sociedade pessoas que tenham o mínimo de letramento para interagirem com o mundo do trabalho.

Por conviver com relações mais fluidas, os alunos interagem rápido com as tecnologias e as informações. Assim, o professor também passa a desempenhar outro papel, que não é só o de detentor do conhecimento, mas daquele que coopera com o conhecimento e ajuda o estudante a construí-lo.

As práticas de letramento atingem diversos grupos de maneiras diferentes. Portanto, estudar e analisar essas práticas não é tarefa fácil, visto que a compreensão do letramento

deve ser realizada de maneira vasta, enfocando os vários contextos de atividades relacionadas à escrita e à leitura que também estabeleçam uma leitura com o mundo.

Em consonância com Bortoni-Ricardo (2010) e Soares (2009), a compreensão de um texto depende do conhecimento de mundo e do tema em si, sendo necessário captar o contexto e seus significados, identificar grafemas e realizar inferências. Freire (2008) já havia anteriormente explicitado acerca da importância do conhecimento de mundo como forma de alavancar o aprendizado.

Ensinar e apoiar o uso qualitativo da informação pode evitar problemas como o plágio. Gasque (2012, p. 23) afirma que “em muitos casos, o acesso às informações, que não são necessariamente de qualidade, torna o plágio bastante comum entre muitos aprendizes, que se limitam a copiar e colar”. Mas podemos relacionar essa atitude ao fato de que desde a mais tenra idade escolar não fomos ensinados a refletir criticamente no momento de realizar uma pesquisa. As pesquisas, no âmbito escolar, conhecidas como “trabalhos” não são realizadas, muitas vezes, de maneira a propiciar ao aluno a busca das informações de qualidade e a possível reflexão acerca dessa informação.

Para este trabalho, utilizaremos a abordagem do bibliotecário norte-americano Paul Zurkowsky (1974, p.06) que diz: “O letramento informacional corresponde ao processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e a resolução de problemas”.

Essa busca de informações por parte do discente desencadeia o apelo à necessidade do estímulo à pesquisa científica em estudantes, desenvolvendo práticas de iniciação científica. Segundo Perillo e Silveira (2012) e Gasque (2012), o termo *Information Literacy* surgiu na década de 70, mais precisamente em 1974. Considerando o termo aqui no Brasil, podemos citar conforme Gasque (2012): letramento informacional, alfabetização informacional, habilidade informacional e competência informacional.

Apesar de ainda estarmos no princípio dos estudos sobre letramento informacional, já são vários autores que o têm discutido. O termo em inglês *information literacy* (DUDZIAK, 2003); alfabetização informacional (CAREGNATO, 2000); competência informacional (CAMPELLO, 2003, 2009) e letramento informacional (GASQUE, 2007).

Todos esses autores validam a ideia de que a inclusão digital deve ser feita de maneira mais breve possível; os professores e bibliotecários devem trabalhar de forma integrada; e os documentos de políticas educacionais devem prever a usabilidade da biblioteca como instrumento de estímulo ao aluno.

O letramento informacional guarda uma relação intrínseca com a sociedade da informação. Visto que na sociedade da informação todas as pessoas deveriam ter direito à informação para que possam melhorar suas vidas (ALA, 2018).

A escolha do termo “competência” significa, no uso informal, o somatório de conhecimentos ou habilidades. De modo formal, esse mesmo termo, pode ser entendido como a capacidade de realizar determinada tarefa. Na educação profissional, os alunos são corriqueiramente levados a realizar tarefas que sejam similares às do mercado de trabalho. Então, incitar competência informacional desde o início do curso poderá propiciar uma melhor independência desse aluno frente ao campo de trabalho.

Para Campello (2009), a biblioteca deve estar à frente da mediação, propiciando que o conhecimento seja comunicado e que o usuário aprenda com a informação. Para a autora, o livro pode ser considerado uma metáfora, visto a grande variedade de suportes existentes atualmente, já que o ato de pesquisar é oportunizar ao estudante aprender e fixar conhecimento, o que justifica a grande influência do construtivismo nas explicações do letramento informacional.

Portanto, noções como “*resource-based learning*, aprendizagem independente, aprender a aprender, aprendizagem ao longo da vida, aprendizagem por questionamento, aprendizagem por solução de problemas, pensamento crítico foram incluídas no discurso do letramento informacional” (CAMPELLO, 2009, p. 71).

Com as utilizações frequentes desses termos, temos que a pesquisa baseada em aprendizado (*resource-based learning*) refere-se ao uso das fontes de informação pelo aluno. Na realidade, a aprendizagem está centrada no aluno que deverá utilizar de fontes viáveis de informação para realizar a tarefa. “Funciona como estratégia de aprendizagem flexível que acomoda o ritmo de cada aluno e lhe dá oportunidade de aprender habilidades de analisar, interpretar, sintetizar e organizar informações, além de exercitar capacidades de ler, escrever, falar e ouvir” (CAMPELLO, 2009, p. 71). Nessa abordagem, busca-se formar alunos criativos e críticos no uso das informações, sendo o bibliotecário e o professor, apenas mediadores dos estudos.

A aprendizagem ao longo da vida visa ao aspecto do letramento social, no qual todas as nossas vivências colaboram para a nossa leitura de mundo, pois “o letramento informacional orienta-se para a ação; é demonstrado por meio da capacidade de o indivíduo solucionar problemas e tomar decisões, permitindo a outras pessoas aprender com ele” (BJORNER, 1991, p. 150).

Já a aprendizagem por questionamentos permite ao aluno criar estratégias com as fontes apresentadas, tornando-o habilidoso no uso das ferramentas informacionais por meio das perguntas. Assim, a “abordagem por questionamento pressupõe guiar os alunos para pensar e refletir no processo de busca de informação e usar essa conduta para compreender e aprender, o questionamento forma a base do letramento informacional” (KUHLTHAU, 1998, p. 83).

Sempre que se fala em letramento informacional, insere-se o conceito, mesmo que subjetivamente de pensamento crítico. Loertscher; Woolls (1997) infere que o pensamento crítico é um processo de conceituar, aplicar, analisar, avaliar as informações recebidas, gerando uma reflexão que poderá guiar uma ação. O que corrobora Teixeira e Greco (2016) ao dizer que o letramento informacional propicia o aprendizado ativo.

Ao tratarmos de todos esses aspectos, letramento informacional e pensamento crítico, não podemos nos esquecer do simples ato de ler. Para que o aluno compreenda a própria pesquisa que está realizando, ele precisa ler e, acima de tudo, interpretar as informações que encontra. Falamos anteriormente que compreendemos o letramento como um fator social, corroborado por toda a leitura de mundo (FREIRE, 2008) que os cidadãos possam fazer, o que nos leva a um grande desafio que é a interpretação por intermédio da leitura.

Porque estamos situados em uma sociedade que tem a grafia como algo primordial, devemos estabelecer conexões que possam minimizar a retirada dos estudantes do processo do aprender, para não criarmos os “excluídos de dentro” (BOURDIEU, 1997). O que está em consonância com a proposta de letramento de Magda Soares.

O uso do termo letramento no plural identifica que há inúmeras formas de letramento, o que seria adequado para explicar as diferenças existentes entre os sujeitos e as características multimodais atuais. Para Soares (2009), a escola deve perceber essas diferenças e buscar formar leitores de grandes variedades de textos que circulam para a formação do letramento.

Para o trabalho com pesquisa devemos incentivar a compreensão do estudante. Assim, nesta pesquisa entendemos a leitura como uma ferramenta que propicia a compreensão dos trabalhos realizados pelos estudantes. E para este trabalho pretendemos entender o letramento como uma forma de compreender os processos de formação leitora em suas fases, passando pelo viés da iniciação científica e descoberta do pesquisar.

1.2 O papel da biblioteca no letramento em pesquisa

1.2.1 Contexto histórico da formação das bibliotecas e leitores

As bibliotecas têm especial participação no processo de letramento em pesquisa do estudante. Sejam elas públicas, escolares, universitárias, são o *locus* onde o estudante pode buscar inspirações e referências. As bibliotecas também fazem parte do imaginário social, quantas vezes aparecem em filmes ou livros como os locais de abertura ao conhecimento.

As bibliotecas podem estar próximas das realidades dos jovens e dos adultos que a procuram. Essa proximidade é mais uma possibilidade de abertura de olhares de jovens pesquisadores, para que nessa perspectiva não se tornem apenas utopias discursivas, como bem nos ensina Freire (2008, p. 25) ao dizer “que não é discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso”.

Então, considerando a biblioteca como espaço deste trabalho e pela simbologia que esse local congrega ao ato de pesquisar, temos como referencial que as bibliotecas “são espaços de memória de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico” (GASQUE, 2009, p. 153).

No Dicionário Michaelis *online* “as bibliotecas são coleções de livros, pública ou privada, classificadas segundo algum critério, com o objetivo de conservá-los e de facilitar a consulta e o estudo”. Desde sempre, a humanidade tem procurado registrar o que produz, não importando o suporte. É válido salientar que a conservação do conhecimento humano é algo refletido e discutido de maneira ampla, pois temos a necessidade de guardar a história, para acessá-la quando precisarmos.

Para a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), biblioteca é uma coleção de documentos bibliográficos (livros, periódicos, folhetos) e não bibliográficos (gravuras, filmes, mapas, discos e fitas), organizada para a formação, consulta e recreação de todo o público ou de determinada categoria de consultantes.

Já a American Library Association (ALA) entende como biblioteca como sendo uma coleção de materiais informacionais organizada para que possa servir um público.

Nesta pesquisa consideraremos que as bibliotecas, além de presumirem coleções de livros e diferentes suportes, são também locais de acolhimento.

Para guarda da história, contamos com vários suportes e um desses - e talvez os mais conhecidos sejam os livros. Exemplares que formam acervos e podem, além de contar trajetórias, compor o repertório dos indivíduos que tenham afinidade com a leitura, transformando-os.

Os livros desembarcaram no nosso país com os Jesuítas, no formato de manuscritos, assim a alfabetização de índios e filhos de colonos ocorriam com os acervos das “bibliotecas” recém-criadas (VALIO, 1990).

Porém, com o aumento dos acervos, esses tornaram-se privados aos Jesuítas, explicado também pelo fato de que a maior parcela da população era analfabeta, o que diminuía o interesse em se estimular o acesso aos acervos.

No Brasil, a discussão sobre a necessidade das bibliotecas no sentido de coleção de acervo, só nasce no final da segunda metade do século, visto que, desde sempre, o livro tinha um *status* que somente atingia as classes mais abastadas (VALIO, 1990). “A biblioteca escolar surgiu como recusa das traduções vindas de Portugal e foi criada pelo Conselho de instrução do Império e sob a direção do Barão de Paranapiacaba” (VALIO, 1990, p. 17).

Esse é o contexto histórico para refletir acerca da criação de acervos voltados ao público que utilizava da oralidade para ter acesso às informações. Porém, o formato das bibliotecas como conhecemos atualmente surge com as escolas normais, que visavam facilitar o acesso do usuário ao livro, o que ainda hoje é um propósito das bibliotecas.

É necessário refletir que as bibliotecas, com seus colaboradores, permitem o reconhecimento do sujeito estudante como participante do processo de ensino-aprendizagem. A biblioteca pode transformar-se em um laboratório de pesquisa, propiciando práticas aos estudantes que procurem seus serviços.

Valio (1990, p. 22) ressalta que é na “idade escolar que é possível formar comunidades de leitores que irão ser usuários das bibliotecas de bairro, de paróquia, de fábrica e de tantas outras”, ou seja, tornando partícipes dos projetos criados pelas bibliotecas.

Ao longo da História, as bibliotecas foram se modificando até chegarem ao que conhecemos hoje e foram classificadas principalmente pelo suporte que utilizam para dispor as suas informações. Na trajetória das bibliotecas, temos que considerar até mesmo a disposição arquitetônica de seus prédios, que tinham como objetivo primordial evitar o roubo de acervo. Santos (2012) salienta que o acervo, normalmente, era disposto lado a lado e com divisórias entre as estantes, com pouco espaço de circulação, contendo a descrição da obra em etiquetas.

Voltando a história da formação de acervo, temos que as principais bibliotecas históricas são:

Biblioteca de Nínive: pertencente ao rei Assurbanipal II, pode ser considerada a primeira a ser indexada e catalogada na história. Recebia bastante recursos e atenção por parte do rei por possuir em seu acervo, em blocos de argila cozida, diversos assuntos.

Biblioteca de Pérgamo: fundada por Átalo na Ásia Menor, contava com um acervo de 200 mil volumes, sendo utilizada para encontros linguísticos e literários.

Bibliotecas na Grécia: número pequeno de bibliotecas, explicado talvez pelo caráter oral da região.

Bibliotecas de Roma: conhecidas como “Casas da Sabedoria”, as bibliotecas em Roma se dividiam em públicas e privadas.

Biblioteca de Alexandria: reuniu o maior acervo de arte e cultura da Antiguidade, promovendo o aprendizado e o legado deixado para a humanidade. Criada por Ptolomeu Sóter I (o Salvador), que admirava as letras. A organização era em pilhas e continham os nomes dos autores para facilitar a busca. (SANTOS, 2012, p. 03).

Já na Idade Média, surge a divisão das bibliotecas em Monacais, particulares e universitárias. Nessa época, os usuários ainda não tinham acesso ao acervo, a não ser em raras permissões. Atentemo-nos, neste momento, às bibliotecas universitárias, pois adiante apresentaremos a Biblioteca Universitária da UnB, base deste trabalho.

As bibliotecas universitárias surgiram juntamente com as universidades, nos séculos XIII e XV, sendo considerado o maior avanço ter em sua disposição física os nomes dos autores e obras, com vista a facilitar a busca. Em nosso tempo, essas bibliotecas são conhecidas como disseminadoras de informações, o que vem ao encontro de nosso objetivo que é alinhar os processos de disseminação em pesquisa aos estudantes de ensino médio, letrando-os de maneira que possam se posicionar como cidadãos pesquisadores.

Assim, busca-se integrar biblioteca e educação, interagindo nas relações pedagógicas para melhor inserção do aluno-pesquisador, proporcionando o letramento informacional. A atuação do professor nesse processo é importante, pois é ele quem também apresenta a biblioteca e realiza os trabalhos que fomentam a curiosidade na pesquisa. Algumas instituições possuem bibliotecas, considerando seu conceito padrão ou apenas salas de leitura. Mas não só o professor é considerado nesse processo de descoberta da pesquisa, outros profissionais, como os bibliotecários têm elevada importância, por aproximarem as ferramentas informacionais de jovens estudantes. Os bibliotecários também realizam a ponte entre a sala de aula e o acervo. Aliando esses dois protagonistas, podemos visualizar a união de forças em prol do aluno pesquisador.

O desenvolvimento da leitura concorre com outras ferramentas que estão à disposição dos estudantes, pois em um mundo virtual é preciso esforço para se fazer presente. Até aqueles que se percebem realizando suas atividades cotidianamente, refletem sobre o uso de ferramentas de comunicação. Então, estar com a atenção plena requer cuidados e, às vezes, até um esforço por parte da sociedade moderna.

Promovendo o alinhamento às equipes multidisciplinares para a emancipação em pesquisa desses jovens, Campello (2010, p. 185) destaca na esfera de atuação do bibliotecário

a “educação de usuário/ auxílio à pesquisa”, desencadeando no desenvolvimento de habilidades informacionais.

Para não nos atermos somente à prática de leitura, considerando como já exposto que letramento é muito mais do que o ato de aprender a ler, então a escolha dos instrumentos que impulsionam a leitura deve ser pensada e refletida. Campello (2010) nos diz que as estratégias didáticas por vezes não consideram a opinião dos alunos, não os percebendo como sujeitos estimulados para a leitura, afastando o leitor do texto.

Normalmente, “as leituras em sala de aula são relacionadas à avaliação” (CAMPELLO, 2010, p. 187), fazendo com que o cansaço resultante de práticas pouco estimulantes, afastem o estudante até mesmo do ambiente das bibliotecas. Por essa razão, o papel do bibliotecário é bastante relevante nesse processo de inclusão e estimulação.

Para Campello (2010), as práticas estimulantes em leitura passam pelo planejamento dessa leitura. Essa reflexão nos faz perceber que o ato de ler para os jovens deve ser estimulado de maneira consciente. Por meio da consciência passamos a identificar as reais necessidades de nossos aprendizes.

Os professores, bibliotecários e outros colaboradores da escola integram uma rede para o desenvolvimento do estudante na área de pesquisa. Assim, podemos pensar em um circuito colaborativo entre os envolvidos que se integram, debatem e refletem acerca das pesquisas realizadas, pois tomando emprestado um termo da administração, teremos um *networking* informacional.

Promover o *networking* informacional faz parte do processo de formação do aluno pesquisador, tendo, as bibliotecas, um papel fundamental. Porém, as bibliotecas escolares ainda não obtiveram um espaço de participação de destaque na formação do aluno pesquisador, sendo que, muitas vezes, os professores utilizam os espaços de informação apenas como uma maneira de tornar a aula mais dinâmica, mas sem a participação direta dos colaboradores da biblioteca.

Campello (2009) ressalta que o papel educativo das bibliotecas escolares é o de promover a leitura e desenvolver nas crianças e jovens o gosto por ler, tornando-os adultos leitores. Nesse prisma, a biblioteca não somente faz parte da escola, ela é um pedaço significativo desse processo educativo.

Para ser parte da escola, os colaboradores da biblioteca devem ter consciência do seu papel dentro do processo de ensino-aprendizagem. Primeiramente, devemos observar a constituição do acervo e o atendimento aos usuários da biblioteca escolar. As orientações de busca deveriam passar por um bibliotecário, profissional que seria capaz de entender as

necessidades de informação e detectar possíveis erros na solicitação. Contudo, em escolas públicas, esse profissional ainda não consta nos seus quadros de recursos humanos.

Na escola pública é comum termos servidores no atendimento que foram remanejados de suas funções habituais, por algum problema de saúde ou por orientações relativas à necessidade de abertura da biblioteca. Esse é um problema bem específico da rede pública de educação, que, certamente prejudica o acesso à informação por não disponibilizar o profissional adequado à função, apesar da existência da legislação nº 12.244/2010 que versa sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país, e que traz em seus artigos a obrigatoriedade de se ter biblioteca em cada escola pública ou privada, além de que esse espaço conte com um profissional bibliotecário.

Essa, todavia, não é a realidade das escolas públicas do DF, pois muitas não têm em seus quadros o profissional bibliotecário e as bibliotecas funcionam com profissionais de outras áreas. Algumas vezes ocorrem em atendimento à legislação, pois a Lei 8.112/90, traz em seu artigo 24, a explicação de que a “readaptação é a investidura do servidor público em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada por inspeção médica.” Assim, quando pessoas de quaisquer áreas passam por algum processo desse tipo, são realocados em novos postos de trabalho, o que não chega a ser um problema. A perda se dá, e para ambas as partes, quando nenhuma análise de perfil laboral é realizada e visa-se apenas a realocação das pessoas. Por haver uma cultura de que as bibliotecas são locais calmos e tranquilos de trabalho, com tarefas de simples execução, essa análise é completamente esquecida. Com base nesse discurso, não há uma preocupação real com os projetos que possam ser desenvolvidos, envolvendo as bibliotecas.

As Leis nº 4.084/1962 e nº 9.674/1998 tratam especificamente da regulação e do trabalho do bibliotecário e do exercício da profissão. Os profissionais bibliotecários têm conselho próprio, que orienta suas atuações. Quando a escola não tem em seu quadro esse profissional, acaba perdendo em contribuição de trabalhos que possam promover o ato de pesquisar independentemente.

Considerando o letramento, o bibliotecário pode orientar os estudantes nas escolhas para a realização das pesquisas solicitadas pelos docentes. Por meio dessa interação e de um planejamento de aula que envolva a biblioteca, os alunos terão subsídios e materiais para progredir em seus estudos, de maneira mais independente.

O letramento informacional nasce na perspectiva de fundamentar o trabalho educativo do bibliotecário, dando visibilidade a esse papel de cunho mais pedagógico (CAMPELLO,

2009). Ao oferecer seus espaços de maneira mais criativa e também ao se inserir no universo da sala de aula, a biblioteca passa a lapidar a formação em pesquisa dos estudantes.

1.2.2 Tipos de Bibliotecas

Com a finalidade de apresentar ao leitor as classificações existentes sobre bibliotecas, essa subseção tem o objetivo de mostrar serviços prestados da área de informação a seus usuários. Começaremos com as bibliotecas especializadas que são instituições voltadas para um assunto específico, com temáticas pontuais. Como exemplo, as bibliotecas que assumem a responsabilidade de uma área do conhecimento como saúde. Elas atendem a um público específico, que tem uma necessidade de informação também peculiar.

As bibliotecas universitárias surgiram junto com as universidades, para assistir nos serviços que são demandados de pesquisa. As universidades ampliaram-se na distribuição e diversidade de cursos, fazendo com que suas bibliotecas estejam cada vez mais capacitadas para receber e orientar esse público.

Porém, o questionamento do papel das bibliotecas universitárias se dá, no momento em que elas são públicas e de acesso público. Nessas instituições, o acervo não fica resguardado somente ao público universitário e, muitas vezes, para alinhamento ao tripé ensino, pesquisa e extensão, as bibliotecas são usadas para atingir o objetivo da extensão, participando de projetos e inclusões com a sociedade em geral.

Machado e Blattmann (2011, p. 11) dizem que as “as bibliotecas servem de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, por meio da prestação de serviços a alunos de graduação, pós-graduação, professores e funcionários da instituição na qual está inserida”. Já Almeida Junior (2004, p. 80) salienta que “a função básica de uma biblioteca é orientar para a prestação da informação”.

Então, a extensão pode ser a convergência da biblioteca universitária, levando à comunidade embasamento para o estímulo de pré-pesquisadores no ensino médio. É uma maneira também de extrapolar seus portões visando aproximar esse público da universidade.

No universo do ensino médio, as bibliotecas escolares apresentam características inerentes a sua formação. Para Campello (2010), as bibliotecas escolares contam com espaço físico capaz de comportar o acervo, os usuários e os serviços técnicos; têm diversos suportes de materiais informacionais; guardam informações digitais; é um espaço de aprendizagem e têm uma equipe qualificada para atender ao público.

O que corrobora com o que é levantado por Maia (2014), quando essa autora nos diz que a biblioteca escolar é um local de conexão, com o objetivo de formar alunos perspicazes e curiosos. Sendo por meio dessas conexões a criação de interconexões que possam contribuir na formação dos estudantes, facilitando as interpretações que possam existir ou serem solicitadas em textos e leituras passadas pelos professores.

São vários os autores que descrevem a importância da biblioteca no trabalho conjunto aos professores, visando melhorar o letramento em leitura de seus estudantes. O aluno deve perceber que o trabalho interdisciplinar faz sentido, pois do contrário não terá sua atenção tão plena na atividade. O que tem acontecido relativamente de maneira comum nas escolas são as atividades serem distanciadas da realidade do estudante. O mesmo não se sente pertencente as estas atividades ao realizá-la, ficando desmotivado.

Como todos os fatores estão elencados, Queiroz (2013, p. 10) afirma que “a circulação da informação é fator de importância na linguagem e a experiência discursiva dos usuários é fundamental para ajudá-los a tornarem-se mais conscientes da prática em que estão envolvidos”. Não queremos com isso afirmar que apenas o letramento que envolve a prática de escrita é o válido, mas chamar a atenção para a importância da biblioteca escolar nesse processo. O desenvolvimento do jovem pesquisador depende do quanto ele tem acesso à leituras que façam parte de sua leitura de mundo.

Por consequência, ao estimularmos nossos estudantes ao uso da biblioteca escolar, percebemos que essa ação pode evitar a fragmentação da informação, como ocorre no uso intensificado somente da internet.

Além dos conceitos abordados anteriormente, temos ainda que as bibliotecas públicas são aquelas com acesso livre ao acervo. Já as privadas são sustentadas por instituições particulares, de análise ou bons colecionadores (ANTUNES, 2000).

Para que as bibliotecas escolares possam ter uma utilização eficaz, é necessário repensar as práticas existentes nas escolas de ensino médio. Nesse movimento, é importante que a escola conheça o público frequentador de sua biblioteca e o que eles almejam.

Motivar o questionamento, para jovens pesquisadores, é primordial, pois Ribeiro (2018, p. 65) analisa que a “biblioteca precisa permitir o acesso à literatura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos”. O mais importante não são as respostas obtidas, mas, sim, quais perguntas têm sido realizadas.

Enaltecer o aspecto motivador é mais relevante do que voltar-se a pensamentos mais antigos, de alguns profissionais, com relação às bibliotecas escolares, como locais de punição.

Para Miranda (2018), era comum no passado a biblioteca ser local para punição, ou seja, se um aluno atrapalhasse a aula, ele era enviado à biblioteca, sem nenhuma atividade mediada.

Assim, o papel da biblioteca escolar deve ser orientado e mediado. E não percebemos como apenas o caminho traçado pela via aluno/biblioteca, mas também a proposta inversa de biblioteca/aluno.

1.2.3 A influência das Bibliotecas na disseminação do letramento em pesquisa

As transformações no mundo alavancaram as práticas de relações sociais de comunicação. Antes, uma informação que levaria alguns dias para atingir seu destinatário, hoje em menos de segundos, pode estar em outro lugar do mundo. A busca e o uso de informações sempre permearam as relações pessoais e profissionais, mas como fazer um uso adequado e eficaz dessas informações? Será que nossos alunos são preparados para o letramento informacional, já que constantemente são bombardeados por uma variedade de informações?

Nesse contexto de movimento do mundo e transformação das informações, é mister que a educação esteja em constante processo de abarcar essas demandas, orientando os alunos nas melhores maneiras de utilizá-las.

Cada país tem seu contexto de disseminação de informação e é por meio desse acesso que formamos cidadãos ativos, leitores, com debates coerentes com seus pares, e até capazes de exercer funções sociais.

Como bem aborda Semeghini-Siqueira e Macedo (2000), a participação efetiva do sujeito cidadão ocorrerá a partir da consciência de suas ações de forma construtiva para o desenvolvimento da democracia como um todo. Porém tudo isso dependerá de uma adequação com livre e irrestrito acesso à informação e ao conhecimento.

Concordamos que as bibliotecas exercem influência nos locais onde estão alocadas. Dessa maneira, como estimular o uso por parte dos estudantes e como inserir a biblioteca na sala de aula, como estimuladora do letramento em pesquisa? Sabemos que as pesquisas permeiam o universo escolar e que os alunos são constantemente demandados de trabalhos escolares que visam estimular a independência e a construção do aprendizado.

Como forma de tentar resolver a gama de explosão de informações que são expostos nossos estudantes, seria interessante aliar os profissionais que trabalham nas redes de ensino, principalmente, nesse caso, que envolve leitura, aos bibliotecários e professores.

Para Freire (2008, p. 23),

A biblioteca popular deve ser vista como um centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica.

A proposta desse autor do uso da linguagem popular é como uma forma de possibilitar ao sujeito que se reconheça no processo de aprendizado, não desconsiderando suas origens. Da mesma maneira no movimento de criação do aluno pesquisador, que poderá ter mais autonomia para a construção de seus textos.

Para a formação desse aprendizado, não podemos dissociá-lo da leitura, pois, por vezes, percebemos, em nossos jovens, dificuldades de compreender os textos que leem. Este trabalho não tem o objetivo de analisar essa perda, mas de verificar como aliar a pesquisa no processo de emancipação do estudante.

Educação, aprendizagem e outros termos relativos à evolução dos discentes, estão sempre correlacionados, o que nos leva a perceber que o desenvolvimento depende de uma gama de fatores para que aconteçam de maneira ativa. Para as autoras Semeghini-Siqueira e Macedo (2000), a biblioteca pública é a porta de entrada para o conhecimento, pois reconhecem nessa instituição uma força viva para o aprendizado.

Apesar das autoras nomearem apenas a biblioteca pública, acreditamos que as bibliotecas têm um papel que favorece o desenvolvimento estudantil a partir do momento em que estimulem e alavanquem os questionamentos dos alunos. Assim, o letramento informacional vem ao encontro da resposta dos questionamentos dos estudantes, aprimorando as habilidades intelectuais desses alunos.

Campello (2009) compreende que letramento informacional é o processo a partir do qual o indivíduo adquire a capacidade de entender suas necessidades de informação, sabendo onde localizá-las, selecioná-las e interpretá-las de maneira crítica e eficiente. O que reforça o entendimento de Gasque (2010) quando salienta que o termo competência informacional está ligado ao mundo do trabalho ou a aprofundamentos mais próprios do ensino médio, técnico e superior segundo outros estudos da área. Sendo nessa perspectiva a proposta desta pesquisa, entendemos que o letramento viabiliza a não fragmentação de conhecimentos.

Santos e Teixeira (2016) percebem que as informações estão ligadas em todos os setores da sociedade, afetando direta ou indiretamente os indivíduos e suas escolhas. Essas escolhas, na contextualização de Blank e Gonçalves (2017, p. 104), fazem-nos considerar a

pessoa letrada informacionalmente como aquela “capaz de perceber que necessita de informação, e capaz de identificá-la e analisar o que encontra de maneira ética e eficiente”.

Para Gasque (2012, p. 64), “O letramento informacional corresponde ao processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e a resolução de problemas”.

Para Perillo e Silveira (2012) e Gasque (2012), o termo *Information Literacy* surgiu na década de 70, mais precisamente em 1974. Considerando o termo aqui no Brasil, podemos citar, conforme Gasque (2012): letramento informacional, alfabetização informacional, habilidade informacional e competência informacional.

A longo prazo, o uso adequado das informações permite realizarmos escolhas, sejam estas boas ou ruins. É por esse motivo que fazer bom uso das informações de maneira crítica e ética nos faz ter consciência do processo de aprendizado em qualquer área.

E é por meio dessa reflexão que formamos sujeitos conscientes e autores de suas práticas. Tanto a biblioteca quanto a leitura são instrumentos para lapidar saberes – transformando-os de dentro para fora e de maneira também inversa (SANTOS; TEIXEIRA, 2016).

A transformação do aluno o torna um cidadão do mundo mais pleno, aplicando e usando as informações de maneira mais eficaz. Atualmente, no mundo globalizado e de informações rápidas, temos acesso a várias *Fake News* – notícias falsas - que poderiam ser minimizadas, por exemplo, com o uso eficaz, consciente e ético da informação. Tornando o cidadão responsável pelo uso que faz da informação recebida. A responsabilidade é fator discutido no âmbito do uso da informação, pois devemos considerar que os sujeitos também realizam sua leitura de mundo, sendo significativas essas interações e trocas, o que leva a responsabilizar-se por disseminações indevidas.

Fomentar a busca de informações por parte do discente desencadeia o apelo à necessidade do estímulo à pesquisa científica em estudantes, desenvolvendo práticas de iniciação científica.

Por fim, diante da explosão informacional, temos que orientar nossos jovens pesquisadores a não cair em armadilhas informacionais. O papel das bibliotecas junto ao letramento é o de consolidar práticas de pesquisa que englobem também as transições sociais, fazendo do ato de buscar informações tão amplo que contemple o usuário como sujeito desse processo.

Como uma caminhada, devemos levar nossos alunos da maneira que Gasque (2010, p. 86) orienta ao considerar “a alfabetização informacional como primeira etapa” a qual

envolveria o “conhecimento básico dos suportes de informação”. Esses suportes inicialmente seriam os dicionários, enciclopédias, livros e recursos informáticos.

A proposta, então, é que as bibliotecas, conhecedoras desses processos, desenvolvam em seus usuários competências que possam motivá-los positivamente a continuar na estrada da pesquisa. Nessa fase, os alunos já estariam trabalhando nos próprios textos de maneira muito mais autônoma.

A contribuição para uma educação que “modela as almas e recria os corações, sendo a alavanca das mudanças sociais” (FREIRE, 2008, p. 28) é a independência na execução das atividades por esses discentes, que munidos das ferramentas adequadas conseguiriam emplacar um projeto de pesquisa já no ensino médio. Devemos sempre nos perguntar de que forma podemos contribuir com as ferramentas que temos no presente e como as escolas podem atuar.

Gasque (2012) já havia refletido sobre a necessidade de sistematizar o uso da biblioteca pelos jovens alunos, possibilitando um letramento informacional guiado, minimizando a perda de informações que são relevantes. A orientação por meio de métodos, visava sistematizar e levar o aluno a utilizar a biblioteca de uma maneira eficaz, como elencado abaixo:

1) terão maior segurança dentro da biblioteca; 2) estarão cada vez mais aptos para investigar por conta própria dentro do acervo, a respeito dos tópicos sugeridos pelo professor em classe; 3) terão melhores condições de objetivar [sic] sobre os temas ou debates em equipe; 4) garantidamente saberão melhor concatenar as partes dos trabalhos escolares, de modo a formar um todo conclusivo; 5) em consequência, seus trabalhos, assim ordenados, serão mais fáceis e agradáveis para o professor corrigir; 6) desenvolverão melhor seus princípios de higiene, ordem, civismo, disciplina e auto-suficiência (BEJES; DIAS, 1973, p. 296).

Acreditamos que o caminho para a participação ativa do jovem pesquisador esteja centrado na interdisciplinaridade e no trabalho em equipe de todos os que participam desse processo. Corroborando nosso pensamento, Campello (2009, p. 47) afirma que a colaboração diz respeito ao “trabalho conjunto entre bibliotecários, professores e outros membros da equipe pedagógica da escola”, proporcionando resultados na aprendizagem.

A confiança, a existência de clima amistoso, a capacidade de compartilhar, o respeito, a reciprocidade, a capacidade de comunicação, o diálogo frequente e o reconhecimento da competência das pessoas envolvidas são exigidos como atributos em sistemas de colaboração (CAMPELLO, 2009). Para não se tornarem apenas um local para guarda de livros, as bibliotecas devem, juntamente com seus colaboradores, ter objetivos claros de trabalho com os estudantes das escolas.

Uma prática estimulada é trabalhar de forma harmoniosa a disponibilidade de bibliografias que estejam de acordo com o Planejamento Político Pedagógico (PPP) do curso. Esse trabalho conjunto torna muito mais eficaz o projeto de letramento informacional em pesquisa dos alunos, o que funciona como uma sintonia entre os envolvidos no letramento informacional. Cumprir metas para a formação dos estudantes de ensino médio, que os alavanquem para ações de pesquisa, poderá ter resultados quando esses alunos chegarem à graduação.

Mesmo que as bibliotecas participem ativamente da promoção da pesquisa nos espaços escolares, é importante considerar que o estudante tenha uma relação ímpar com a leitura. Manata (2011) defende que o hábito de leitura nos estudantes é uma forma de atitude, e conceitua atitude como uma disposição para agir favoravelmente ou não a determinada situação. Assim, o papel da biblioteca encontra-se presente ao evocar ferramentas que dialoguem com as atitudes requeridas a esses estudantes. Quando o estudante já tem uma prática em leitura, as motivações seguintes para a pesquisa são conduzidas de maneira mais fluida, pois não haverá a necessidade de treinos anteriores na prática de interpretação textual.

Os alunos que manejam os livros e participam ativamente de processos de leitura, sejam esses orientados ou não, trabalham com os aspectos “cognitivos, afetivos e conativos (situações reais face a prática de leitura)” (MANATA, 2011, p. 6). Esses aspectos propiciam ao indivíduo uma valoração positiva ou negativa frente a leitura. A escola e a biblioteca escolar podem contribuir para essa abordagem, visto que desde cedo somos levados às cópias e a não reflexão do que temos lido e escrito. A presente pesquisa considera que o aprender requer a motivação da curiosidade e da habilidade em perseverar, o que fomenta a discussão entre os alunos para a busca de respostas.

Se procurarmos no dicionário o significado da palavra “ler”, temos que “percorrer com a visão (palavra, frase, texto), decifrando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os significados próprios de uma língua natural” e que leitura é a “maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento” (MICHAELLIS, 2018). Esse ato de decifrar códigos está intrinsecamente relacionado a interpretação desse mesmo código. Nossos estudantes são cotidianamente expostos a uma vastidão de informações, que se assumem em vários suportes, sendo atualmente muito comum os virtuais. A virtualidade da leitura também está presente nas escolas, assim as bibliotecas escolares têm que se renovarem para se fazerem presentes nesse novo contexto de aprendizagem.

O estudante adquire a competência de leitura, interpreta as informações, recebe estímulos da biblioteca escolar e participa ativamente do processo de pesquisa, construindo suas relações de aprendizagem. E isso não é necessariamente algo que ocorre de maneira sistemática com todos os estudantes e nem de forma sequencial. Para explicar esse fenômeno da aprendizagem levaremos em conta a teoria apresentada por Lev Vygotsky. Para o autor, o aprendizado é inconsciente e espontâneo, ou seja, em suas teorias, a criança estabelece ligações associativas entre os estímulos recebidos; usa das simbologias apresentadas e as utiliza e interioriza o aprendizado obtido, sendo que as palavras sem significados não passam de uma cadeia de sons vazios (VIGOTSKY, 2001). Assim, o sentido que se dá para os instrumentos do letramento deve estar em consonância com a realidade de mundo do estudante. A biblioteca deve ser um espaço aberto e multifacetado, um ambiente propício a motivação da leitura e da pesquisa.

1.2.4 As ferramentas e as tecnologias presentes nas Bibliotecas

Sabemos que as tecnologias estão presentes na sociedade, e mesmo que alguns grupos ainda não tenham acesso amplo nem disponibilidade para o uso das ferramentas disponíveis, já consideramos essa a Era da Informação. O que nos leva a repensar o processo de letramento em pesquisa, já que embalados na fluidez da sociedade e da informação temos estudantes que têm o acesso à informação em sua mão.

Para Kuhlthau (1999, p. 1), é “necessário que as escolas preparem os alunos para o uso inteligente da informação presente na tecnologia”. Essa preparação pode contribuir em todos os aspectos da vida do estudante.

Esse entendimento alinha-se ao propósito desta pesquisa, que traça reflexões acerca das possibilidades que o aluno pesquisador pode ter ao saber usar de maneira eficiente o ato de pesquisar já que a disponibilidade de informações é enorme. Temos, atualmente, termos modernos que justificam a busca adequada de informações, para não cair em conceitos não são reais ou notícias falsas. Comprovar a idoneidade de uma informação pode colaborar para a não disseminação em caso de não ser verdadeira.

O papel da educação não é apenas o de preparar o estudante para o mercado de trabalho. A educação deve permitir que o aluno transforme o seu aprender e compreenda a importância que tem o seu trabalho. Dessa maneira Kuhlthau (1999) ressalta que é necessário levar em conta como a tecnologia modifica a relação de trabalho, pois os ambientes estão em

constante mutação. Para essa autora a tecnologia também modifica o senso de comunidade e como esse indivíduo passa a se relacionar com os demais.

O ato de pesquisar, inserido nesse contexto, pode vir a promover a criatividade e a satisfação pessoal. Se pensarmos que a pesquisa, quando estimulada e promovida no ambiente escolar, faz com que o estudante procure pelas informações de maneira mais eficaz, proporcionando-lhe acesso a uma visão mais ampla de mundo.

De posse das informações e tendo o professor como facilitador em sua compreensão, o estudante pode fazer um uso mais consciente de seu papel como aprendiz, não como um sujeito que espera, mas sim como aquele que faz parte do processo de ensino. Ler e compreender o que se apresenta é um desafio desse mundo moderno, visto que nossos jovens trazem alguns dilemas diante da leitura e seus desafios. Para Kuhlthau (1999), tanto o bibliotecário quanto o professor têm papel importante na facilitação desse processo de aprendizagem do aluno.

Assim, o termo competência informacional surge com o propósito de ressaltar esse equilíbrio entre ter a informação e usá-la de maneira eficiente. Desse modo, encontrar sentido em textos multimodais deve ser o objetivo de professores e bibliotecários, que poderão lançar projetos conjuntos numa rede de bibliotecas públicas e escolares, ao promoverem a informação de maneira eficaz ao estudante.

1.2.5 A Biblioteca da Universidade de Brasília e o seu comportamento frente ao letramento em pesquisa

Após contextualizar o universo de surgimento das bibliotecas, passando por seus aspectos históricos, de formação e organização, chegamos aos nossos tempos, quando as bibliotecas ainda mantêm o objetivo precípua de disseminação da informação.

A Universidade de Brasília apresenta em sua estrutura a Biblioteca Central e as setoriais nos diversos *campi* que surgiram com a expansão universitária. Mesmo com a ocorrência da expansão, a Biblioteca Central ainda colabora e trabalha de maneira compartilhada com suas setoriais, funcionando como braços da informação.

Historicamente, a Biblioteca Central surgiu em 1962, com o intuito de congregar em um único espaço todo o acervo que contribuísse para atender à demanda acadêmica. Vinda como um sonho do ensino superior, gratuito, no Distrito Federal, ela foi instalada em vários locais antes da definição da sua estrutura definitiva, os quais se podem elencar: Esplanada dos Ministérios, Sala dos Papiros onde se localiza atualmente a Faculdade de Educação, Edifício SG-12. A ideia do prédio definitivo surgiu em 1967, após acordos e tentativas de projetos que

pudesse abrigar o objetivo de construir uma biblioteca central. Porém, somente em 1973 ocorreu definitivamente a mudança para o prédio de 16000 m². Nessa instalação, a BCE busca atender com qualidade e por meio de suas equipes às demandas vindas de toda a comunidade da Universidade de Brasília.

As primeiras publicações vieram do Rio de Janeiro, a partir de aquisições ou de doações de particulares. O primeiro diretor/coordenador da BCE foi o professor Edson Nery da Fonseca. Natural de Recife, mudou-se para Brasília, após aprovação no concurso público da Câmara Federal. E com a mudança da capital Federal para Brasília, Edson Nery se viu na obrigação de acatar a ordem de mudança, haja vista que era servidor público. Em seu livro de memórias, o capítulo intitulado poeira e solidão, conta sobre seus anos iniciais em Brasília e como considerava essa terra inóspita.

Em entrevista a Miranda (2010), o professor Edson Nery considera que todos os seus maus hábitos tenham se intensificado nessa época. Ele que não bebia e/ou fumava em excesso, passou a fazê-lo. Assim, matava seus dias entre leituras, o trabalho na Câmara e a ponte aérea para o Rio de Janeiro (RJ).

Naquela época, conhecia Darcy Ribeiro do Rio de Janeiro, que era então Ministro da Educação no governo de João Goulart. Darcy, então, telefona para Edson Nery e o convida para lecionar metodologia na Universidade de Brasília, visto que os cursos de mestrado já se haviam iniciado em Letras, Artes e Ciências Humanas.

Convite aceito e na consciência de construir a melhor Universidade do País, começou os seus trabalhos como professor em 1962 e se tornou professor titular em 1965, onde passou a organizar e dirigir os cursos de biblioteconomia. Participou da implantação da Biblioteca Central, tornando-se seu diretor nos anos de 1962 a 1964. A relação com Anysio Teixeira também era boa, o que propiciou a continuidade dos trabalhos, mesmo na ausência de Darcy Ribeiro, perseguido durante a ditadura militar.

Contando com um acervo de aproximadamente 1,5 milhão de volumes entre livros, periódicos e outros, durante a realização das visitas orientadas os estudantes têm a oportunidade de conhecer os seguintes setores:

- Acervo geral: com o qual o estudante tem a possibilidade de conhecer a história da BCE, assim como o material disponibilizado. Essa parte da visita passa pelo atendimento ao usuário e pelo serviço de referência. Nesse contexto, há a possibilidade de ver a obra de arte “Minerva”, e também o

“Caminho do Livro”, mural no qual há a explicação do modo como os livros chegam até a Biblioteca.

- **Multimeios:** Acervo formado por vinis, mapas e materiais especiais. Os alunos, geralmente, por sua tenra idade, ficam extasiados ao conhecer ou reconhecer vinis no acervo, assim como têm a possibilidade de vê-los em funcionamento nos aparelhos disponíveis aos usuários na Biblioteca.
- **Arquivo:** No arquivo os alunos têm acesso à guarda e preservação de materiais. Além de terem acesso aos arquivos deslizantes, máquinas de escrever, fotografias da construção da Biblioteca. É a possibilidade de retorno ao passado.
- **Restauração de Obras:** O setor de restauração é o ápice da visita orientada. Nesse setor, por meio dos seus colaboradores, o aluno aprende a fabricar papel e conhece um pouco sobre preservação de material. É uma aula ministrada por restauradores, bibliotecários e assistentes que envolvem o estudante no universo de pequenos reparos e cuidados básicos com livros e documentos.

A biblioteca da UnB que também faz parte do contexto de letramento deve apresentar características que estimulem e emancipem o usuário que busque seus serviços. Para simbolizar essa prática social elencada pelos autores citados no texto, escolhemos a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, pois percebemos que ela já criou um alinhamento e aproximação com os alunos da rede pública do Distrito Federal. Além de ser uma biblioteca universitária, com propósitos de atender à comunidade acadêmica, a BCE tem também diversos serviços, com o propósito de levar o letramento informacional não somente à comunidade interna. As visitas orientadas, por exemplo, visam atender tanto escolas públicas quanto escolas privadas. A Biblioteca cumpre com seu papel de incentivar os letramentos múltiplos.

1.3 Letramento informacional em visitas guiadas

As visitas orientadas servem como a aula formal fora da sala de aula, extrapola a relação professor-aluno, é um espaço não convencional de ensino, propiciando uma aprendizagem significativa. Quando essas atividades são orientadas, os estudantes têm uma visão maior do objetivo daquele aprendizado. Porém, as visitas são feitas em curtos períodos de tempo e ocorrem apenas uma vez no semestre para cada escola, o que pode refletir numa

perspectiva pequena de uso do tempo. Não ocorrendo também uma preparação pedagógica para a consecução das visitas, ou uma orientação do que se pode aproveitar em sala de aula.

A sugestão seria um aproveitamento pedagógico melhor das visitas orientadas, onde os alunos tivessem ainda, no espaço da sua escola, uma ideia do que iriam aprender e do que estaria acessível a eles. Para isto, seria necessário que as escolas planejassem essas visitas e, ao realizá-las, a Biblioteca pudesse estabelecer um espaço de extensão efetivo.

A visita tem como objetivo aliar a teoria à prática, fornecendo subsídios para que os alunos reflitam acerca de tudo que foi debatido em sala de aula. As visitas têm se mostrado eficientes, pois temos registros de comentários positivos de seus frequentadores.

Na BCE, as escolas são sempre recebidas e motivadas a conhecerem os espaços da biblioteca universitária, sendo por vezes, até estimulada. Porém, como levar essa mesma biblioteca para aquele local de reconhecimento do sujeito, de forma simples, onde a compreensão possa ser amplamente estimulada, já que não é mais possível texto sem contexto, na formação de um educando que quer ler e questionar a construção da sua escrita (FREIRE, 2008).

Nas escolas, esse processo seria iniciado com a leitura e produção de gêneros textuais acadêmicos que pudessem estimular o aluno para a iniciação científica. A produção abarcaria, por exemplo, a produção de resenha, fichamento, memorial, relatório.

Assim, a proposta é criar um guia que oriente tanto o professor quanto o bibliotecário da escola de como ocorrerá a visita guiada e também para funcionar como um manual ao bibliotecário da Biblioteca Central que receberá essa demanda. Observando um plano de ação que englobará o planejamento do docente e estimulará a iniciação científica dos alunos. Como estratégias teríamos:

- agendamento da visita por parte da escola;
- divulgação no site de como as escolas devem proceder para agendar uma visita;
- levantamento do perfil dos alunos que irão visitar a BCE: tais informações como idade, localização da escola, quantidade de alunos, professores de quais disciplinas acompanhará a visita;
- escolha do profissional que acompanhará a visita;
- trajeto dentro da biblioteca, explicando o processo de cada área e como essas abarcam o pesquisador.

-finalização da visita que durará cerca de 30 minutos por turmas de até 40 alunos. Para públicos maiores, fracionar entre os profissionais disponíveis.

Anteriormente a essa fase, seria realizada uma aula de 45 minutos na escola com a explanação sobre iniciação científica. Com esse projeto, visa-se aliar o professor da escola, o bibliotecário escolar e a Universidade de Brasília como um agente de extensão efetivo. Não invalidando a visita orientada que seria arcabouço e síntese de todo o conhecimento aprendido.

1.4 Letramento Informacional na escola e na vida

Estamos refletindo acerca da necessidade da formação do pesquisador não somente ao ingressar em uma universidade, mas, para além dessa perspectiva, o estímulo à realização de pesquisas pode promover um amadurecimento até mesmo no campo do trabalho. Nessa contextualização do letramento dentro do trabalho, temos que verificar o que se entende por trabalho. Para essa finalidade, utilizaremos como referência o livro “O que é trabalho” de Suzana Albornoz. Para essa autora, “a palavra trabalho tem muitos significados e seu conteúdo também oscila, algumas vezes lembra dor, outras aflições, fardo”. Os diversos idiomas trazem em seu escopo uma tradução para trabalho. Fiquemos atentos à língua portuguesa que diz “é possível achar na palavra trabalho as significações de realizar uma obra que te expresse, que te dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável” (ALBORNOZ, 2012, p. 5).

Na língua portuguesa a origem da palavra trabalho vem do latim *Tripalium*, que significa “era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munido de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho para rasgá-lo e esfolá-los. A maioria dos dicionários, contudo, registra *tripalium* apenas como instrumento de tortura, o que teria sido originalmente ou se tornado depois. A *tripalium* se liga verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa justamente torturar”. (ALBORNOZ, 2004, p. 6).

Porém, como dito anteriormente, não queremos nos ater somente à acepção que leva ao caráter do trabalho como torturante. No mundo do trabalho, as relações e negociações são constantes. Essas interações são benéficas para criar o aspecto da cultura organizacional. Geralmente, a interação face a face nos faz reconhecer aspectos da linguagem e compreender de maneira sistêmica o outro. Atualmente, também vivemos a fluidez das relações e as redes de internet, programas, muitas vezes, tomam conta de criar simbologias que nos afastam da verdadeira compreensão do próximo.

É atual e relevante a constante necessidade de amadurecimento no campo educacional no sentido de evolução das práticas educacionais. O letramento dentro dessas perspectivas nos

leva a refletir acerca dos processos de ensinagens. Qual é o tipo de educação que aproxima e considera os falantes em sua essência e na percepção de suas identidades? Assim, Mesquita (2010) pondera que a preocupação central não deve se pautar na produtividade do trabalho do aluno e sim na significância desse trabalho. Para essa autora, o termo “excelência” é utilizado como uma exigência de “produtividade máxima”, aproximando-se também do termo eficiente.

Dessa forma, o letramento pode influenciar nessa capacidade de mensurar a qualidade. Aliado à prática da fala, alguns sujeitos são desconsiderados por não estarem no padrão linguístico chancelado. Segnini (2000) reforça que a “educação e a formação profissional aparecem hoje com questões centrais, com funções essencialmente instrumentais, capazes de possibilitar a competitividade e a concorrência, minimizando os efeitos do desemprego”. O que temos hoje no Brasil são relações de trabalho precarizadas, disfarçadas da crise que atinge os empresários.

É senso-comum pensar que quanto mais qualificação, mais fortemente empregado estará o cidadão, assim como não podemos concluir que determinada parcela de cidadãos com determinado aspecto linguístico são mais propícios à empregabilidade que outros. Por esse motivo, refletir o papel da pesquisa acaba sendo estratégico, pois o ato de pesquisar pode transformar o estudante, propiciando muito mais autonomia em outras áreas.

Antes de qualquer definição, é necessário compreender que a leitura está presente no ato de pesquisar. Para Teixeira e Santos (2016, p. 17), “a leitura é imprescindível dentro das relações humanas, sendo um ato de cidadania”. Ao apresentar esse contexto, os autores nos fazem perceber que ler é cotidianamente um requisito para que os cidadãos se encontrem no mundo. E aqueles que estão vivendo periféricamente a essa ideia lutam batalhas extremas para se posicionarem perante o mundo letrado, já que esse é um mundo composto majoritariamente de palavras.

Após inserir-se no mundo das palavras, é também importante que o estudante compreenda o que se tem lido. A interpretação das informações faz parte da composição da pesquisa, ou seja, pesquisar requer que o aluno faça a interpretação de informações e dados, devolvendo a seu público informações completas.

Considerando anteriormente o que foi escrito por Paulo Freire (2008) - que a leitura de mundo precede a da palavra - se pensarmos um contexto de alinhamento podemos identificar que o mundo e as palavras se misturam. Claro que os perfis de estudante se modificaram ao longo dos anos e, com isso, novas metodologias de ensino são constantemente estudadas, objetivando atrair esses jovens para os estudos. Porém, incentivá-los à prática de trabalhar

com o texto não é suficiente, caso eles não identifiquem objetivos e uma aproximação com seu universo nesses estudos.

Talvez pela distância criada pela academia dos estudantes do ensino médio, como algo utilizado apenas na graduação, os estudantes não têm acesso a como construir uma boa pesquisa. Por um lado, já ouviram falar das normatizações, por outro têm receio de utilizá-las por acreditarem que não conhecem a colocação correta. O que só mantém a confirmação de que padronização e normatização são os principais ativos de uma pesquisa.

Mas pesquisar não é somente formatar. Se fosse dessa forma, não haveria necessidade de discussão na academia sobre quem estamos formando, por exemplo, em aulas voltadas a professores. O maior desafio, portanto, é fazê-los compreender que a pesquisa faz parte do cotidiano estudantil e, para além disso, eles são sujeitos da pesquisa e não apenas objeto dela.

O que se percebe nas escolas é que os alunos aprendem de maneira passiva e reprodutora. Com os baixos resultados, por vezes obtidos por nossos alunos, verifica-se que o ensino não prevê uma independência dos estudantes, mas sim uma continuação do *status* da não compreensão da leitura e interpretação desses dados. Segundo Guimarães (2007, p. 24), “os indivíduos devem desenvolver diversas competências para dar conta de sociedades letradas e para ter a possibilidade de exercer sua cidadania com mais plenitude”.

Para Freire (2008), ainda é comum que os especialistas falem do sujeito, porém somente o escutam quando ele responde às perguntas. A escuta ativa na pesquisa é importante para a condução correta dos projetos e a maior eficácia para alunos e professores envolvidos. Contudo, também é extremamente importante lembrar-nos dos silêncios da pesquisa, aqueles momentos de reflexão, mas que podem trazer resultados positivos com relação ao desenvolvimento intelectual e à própria postura do pesquisador diante dos desafios.

“Pesquisa” tem origem na palavra latina *perquiro*, que significa “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca” (BERNARDES; FERNANDES, 2002). Esse contexto amplo do significado de pesquisa nos faz refletir em sala de aula sobre o que Ninin (2008, p. 23) conceituou como

pesquisa escolar como atividade sistematizada e mediada entre sujeitos, pautada em instrumentos que propiciam a construção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia, por meio de ações com características de reflexão crítica, que priorizam descobrir, questionar, analisar, comparar, criticar, avaliar, sintetizar, argumentar, criar.

Por estar exposto a uma grande quantidade de informações, o trabalho mediado fornece subsídios para que o aluno pesquise criticamente, com habilidades para lidar com o

processo de aprendizagem. Por isso, Manata (2011) dizem ao enfatizar que no momento da pesquisa o aluno fica angustiado e ansioso, pois faltam-lhe orientações básicas para busca, seleção e transformação das informações em conhecimento, tornando a pesquisa um sinônimo de copiar e colar, desvinculada da ação de pensar.

Se não houver interpretação dos textos lidos, os alunos se tornam apenas decodificadores da língua, diminuindo as possíveis interações e aprendizados que possam ocorrer de uma boa leitura. Como um dominó montado, a curiosidade pela leitura, a compreensão dos textos possibilita a escrita mais eficaz, se uma peça cai, todas caem. Permeando o processo de letramento informacional que requer habilidades de seus estudantes.

Para Lajolo (1993), ler não é somente decifrar como em adivinhações, é atribuir significados e relacioná-los a outros textos que possam ter sido lidos ao longo da jornada. Somando-se a proposta do letramento informacional, como levantado por Teixeira e Santos (2016, p. 22) “o letramento Informacional é um processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida”.

O grande desafio é transformar a grande massa de informação a que esses alunos são expostos em conhecimento. É comum termos autores que falam da importância de estimular o aluno a procurar a biblioteca, ou até mesmo de criar situações em que precisem dos serviços informacionais. Mas, propomos trilhar o caminho inverso, com a biblioteca indo para dentro da sala de aula. Assim, a pesquisa será estimulada, a partir das ferramentas informacionais, porém, vinculada a aprendizagem do aluno.

Uma sugestão que pode ser passível de discussão é colocar a participação da biblioteca na construção do plano político pedagógico da escola. Quando a construção desse plano é conjunta, torna-se possível alinhar o trabalho realizado por professor e bibliotecário, caminhando para um ensino inter e transdisciplinar na pesquisa. Entretanto, muitas vezes, é um desafio aos profissionais presentes nas escolas criar atividades articuladas, ainda mais quando estão relacionadas à tecnologia.

Segundo a Carta de Compromisso de Brasília,

cabará às universidades o entrosamento com bibliotecas e arquivos públicos nacionais, estaduais, municipais, bem assim os arquivos eclesiásticos e de instituições de alta cultura, no sentido de incentivar a pesquisa quanto a melhor elucidação do passado e à avaliação de inventários de bens regionais cuja defesa se propugna. (IPHAN, 1970).

Levar ferramentas que facilitam a pesquisa pode vir ao encontro do que propõe Kuhlthau, no quadro (1) a seguir:

Quadro 2 - Ferramentas da pesquisa

Busca da informação	Sentimentos	Pensamentos de cada estágio	Ações	Tarefas
Início	Incerteza	Generalizado	Buscando informações gerais	Reconhecer
Seleção	Otimismo	Ansiedade	Catalogando a informação	Identificar
Exploração	Confusão/Frustração/Dúvida	Exploração	Buscando informações relevantes	Investigar
Formulação	Clareza	Específicos	Refletir as informações	Formular
Coleta	Senso de direção/Confiança	Aumento do Estresse	Buscando informações focadas	Coletar
Apresentação	Alívio/Satisfação ou frustração	Foco	Conhecimento obtido	Completar

Fonte: Kuhlthau (1999)

Imaginemos uma pesquisa solicitada por um professor em sala de aula. Após a solicitação, geralmente os alunos ficam livres para realizá-la. Nesse espaço de liberdade, os alunos começam a compilar suas fontes e, não raras vezes, desconhecem como realmente elaborar uma pesquisa. Essa proposta tem resultado em algumas salas de aulas em cópias de livros ou da internet, no qual o processo de reflexão fica abandonado, pois não acontece.

Kuhlthau (1999) ainda nos diz que, em trabalho de pesquisa, o aluno deve identificar o processo de colaboração. Nesse momento, os discentes são levados a discutir em grupos, pois a diversidade de ideias pode alavancar o aprendizado. A continuidade se dá quando o aluno se percebe refletindo sobre o assunto levantado em sala de aula, em outros espaços e até criando diálogo com base no assunto da pesquisa. Após pensar acerca do tema, o estudante faz escolhas, dentro do próprio tema de que abordagem ele realizará. É importante mostrar aos alunos que, num único tema, várias abordagens podem ser levantadas, e que isso é o principal motivo de se fazer pesquisa. Também é importante trazer para a sala de aula o assunto de tempos em tempos, para que os alunos criem a liberdade e fomentem a possibilidade de discuti-los várias vezes. Os espaços em sala de aula são necessários para estimular o aprendizado, e também, para, de certa forma, apoiar o aluno pesquisador em seus achados. Para as finalizações, o aluno deve aprender a esquematizar suas ideias. A criação dos esquemas possibilita a apresentação das reflexões realizadas. O último estágio diz respeito à redação da pesquisa. Temos aqui um desafio, pois os alunos, muitas vezes, não conseguem

“colocar as ideias no papel”, para isso, temos que demonstrar, por meio de um caminho, estratégias de escrita que sejam benéficas a criação do aprendizado.

É importante que professores e outros profissionais presentes em bibliotecas estejam disponíveis para a criação de projetos que emancipem os alunos nas pesquisas. Pesquisar pode fazer com que o estudante tenha outras percepções na vida e além de estar estritamente relacionado ao papel do letramento em pesquisa, o qual não consideramos que deva iniciar somente na graduação. Essa orientação para a pesquisa deve ser estimulada desde as séries iniciais criando a habilidade do aluno de questionar e criar hipóteses, cooperando para a formação de jovens pesquisadores.

Semeghini-Siqueira e Macedo (2000, p. 9) apontam que “em um ambiente cultural, o sujeito passa a exercitar a busca de informação específica, a descobrir novas áreas de interesse e passa a receber estímulos que despertarão o desejo de saber cada vez mais”.

O uso qualitativo da internet pode auxiliar de maneira eficaz no processo de letramento, pois ali temos informações abundantes propiciando diversas formas de busca. E, cotidianamente, somos expostos a ambientes cheios de informações, conhecer as fontes e fazer a leitura de mundo nos ajuda a realizar uma seleção adequada daquilo que percebemos como importante para a nossa formação, ou seja, o letramento informacional de estudantes permite que esses sejam capazes de apurar as informações recebidas.

Esse uso qualitativo permeia a compreensão do aluno e da concepção desse centro de informação. Por isso é importante a criação e manutenção de um acervo que atenda aos objetivos tanto da escola e docentes, quanto dos alunos. Por vezes, percebe-se que os alunos buscam em seus estudos assuntos que realmente lhes atraiam a atenção. A tecnologia é capaz de criar essa interação quase que instantaneamente. As redes permitem uma comunicação tão rápida que muitas vezes os alunos pensam que não encontrarão essa diversidade fora da internet. Assim os profissionais devem ficar atentos, pois nesse processo de inserção da tecnologia no letramento informacional podemos intensificar a curiosidade de nossos estudantes.

Para as autoras Semeghini-Siqueira e Macedo (2000), a igualdade de acesso à informação envolve a capacidade de leitura e escrita do sujeito. E o letramento, compreendido como a alfabetização do estudante, passa a ter um papel importante, como não delimitador do *status* social. O que permite inferir um novo olhar a projetos de pesquisa que envolvam o lugar de onde esses estudantes falam.

Esse reconhecimento permite que a escola e seus docentes trabalhem formas de inserir alunos de diversas regiões, fugindo de programas padronizados de ensino, não moldando os

alunos a uma única leitura de mundo. Claro que estamos evoluindo para perceber que a educação se faz para os alunos. E para entender esse público alvo, é necessário saber qual o nível de conhecimento e quais as demandas deverão ser sanadas.

Ler e compreender uma informação requer o uso de várias operações cognitivas, tais como buscar informações, colher dados, distinguir o que é conceito e argumento, pressuposto, fato, opinião ou juízo de valor, e ainda verificar se as relações entre argumento e conclusões são pertinentes. Além de comparar ideias com os autores e refletir para suas próprias conclusões e aplicar o que se aprendeu (CARVALHO; SILVA, 1996).

Por mais que os professores universitários esperem de seus alunos leitura e compreensão do texto de maneira efetiva, é necessário verificar se esses alunos tiveram acesso a instrumentos que possibilitassem esse aprendizado nos anos anteriores. Carvalho e Silva (1996) lembram que há uma ruptura na passagem do ensino médio para o superior.

Essa ruptura deve ser observada e até mesmo trabalhada a fim de identificar os gargalos desses estudantes. O processo de iniciação à pesquisa deve considerar todo o processo pelo qual passam os estudantes. Com a formação da leitura e o estímulo à compreensão do texto, a competência informacional poderá ser trabalhada. E com o estudo do material disponível e uma leitura ativa e orientada desse material, poderão nascer boas produções.

Em nenhum momento estamos defendendo que esse é um papel exclusivo da escola. O que pretendemos é a criação de uma rede que possa transformar a educação por meio de projetos de pesquisa mais eficazes. Para isso, contamos com um sistema de interação entre bibliotecas e professores, que tornem o processo mais dialógico. O que sugerimos com este trabalho é que ocorra uma triangulação entre os professores, os bibliotecários e a Universidade de Brasília, amparados pela aula realizada na escola em momento anterior a visita orientada virtual a BCE.

As escolas têm que se preparar para a mudança no modo de estudar dos alunos. Até mesmo por causa da inserção da tecnologia, e da mobilidade que temos hoje com relação às informações. O acervo deve contribuir para essa evolução, permitindo até que ocorram interações entre aluno e objetos de pesquisa.

Apoiar a educação e proporcionar oportunidades para o desenvolvimento do estudante é papel da escola e a pesquisa pode ser a chave que desencadeia esse objetivo. Campello (2009) nos mostra que democratizar o acesso à informação, capacitar as pessoas para o uso crítico da informação e permitir a reflexão, a construção de ideias são atividades privilegiadas no espaço da biblioteca.

A pesquisa escolar é o gatilho perfeito para a interação entre alunos e bibliotecas. As pesquisas são idealizadas pelos docentes, com o intuito de fazer o aluno aprender a aprender e a criar autonomia para a reflexão. Por vezes, os professores passam a aceitar as cópias de textos, sem questionar, por acreditarem que de outra maneira é impossível (CAMPELLO, 2009).

Então, o aluno, que convenientemente é pré-julgado como passivo, passa a exercer sua independência como autor de suas próprias pesquisas. Suas idas à biblioteca escolar são apenas para obter textos que possam servir de cópias. Há muito tem sido feito dessa forma, basta lembrarmos das antigas enciclopédias que preenchiam nossas vidas e textos.

Todavia, mesmo com os diversos avanços da tecnologia e com importantes estudos sobre leitura e contextos de letramentos, a pesquisa, atualmente, ainda carece de uma orientação específica. Em sala de aula é comum observarmos que os alunos ao produzirem seus textos não citam fontes ou o fazem de maneira incorreta. Percebe-se, também, que alguns professores ficam inseguros quanto às regras para corrigirem, gerando um círculo vicioso, que dá continuidade às cópias. Daí a importância de se inserir uma metodologia científica não tão dura, que possa ter uma linguagem acessível para os jovens.

As pesquisas em sala de aula são vulneráveis ao passo que não consideram as realidades do estudante. É muito ruim e distante falar de coisas que não se conhecem. Rubem Alves e Paulo Freire já nos mostravam que as palavras têm o dom de dar significado àquilo que faz parte de nossa vida. Os alunos têm curiosidades e querem compreender, mas no mundo tão informatizado e cheio de novas percepções, as necessidades mudam. O professor deveria facilitar esse processo de descoberta do novo.

Nesta pesquisa, introduziremos os processos anteriormente abordados com alunos de escola pública da região do Riacho Fundo-DF. Nos capítulos posteriores, uma descrição mais detalhada de quem são esses sujeitos auxiliará no processo de reconhecimento da proposta de pesquisa e de seus objetivos.

Em outros momentos, a biblioteca deverá interagir com os alunos de maneira um pouco mais individualizada, visando perceber as necessidades informacionais de cada sujeito. Para um trabalho efetivo na escola, de letramento informacional, é necessário que seja sistematizado um projeto que possa servir de apoio para todos os alunos. A sistematização pode ocorrer por meio do planejamento escolar. Sendo esse projeto de planejamento escolar e visita orientada virtual a proposta deste trabalho. Uma junção entre professores e Biblioteca Central da Universidade de Brasília para visitas orientadas mais coerentes com a realidade das escolas.

Os planos escolares permitem aos professores planejar ao longo do semestre atividades de pesquisa que envolvam os alunos e membros da biblioteca. Lembramos que as ferramentas de pesquisa devem ser utilizadas adequando-se a linguagem ao ensino médio. Esse simples ato, como mencionado anteriormente, leva o estudante a aprender a aprender.

Talvez não seja a fórmula definitiva para inserção do letramento informacional nas escolas, mas, de certa maneira, ajuda a fugir dos desafios levantados por Gasque e Tescarolo (2010, p. 50): a dificuldade em mudar a cultura pedagógica, (2) a formação inadequada dos professores, (3) a concepção de ensino-aprendizagem, (4) a organização do currículo e (5) a ausência de infraestrutura adequada de informação.

A tradicionalidade do ensino e o pouco investimento governamental podem afetar a inserção do letramento informacional como forma de sanar problemas relacionados às pesquisas realizadas. Saber o quanto as pesquisas mediadas podem facilitar o aprendizado e estabelecer conexões com a realidade do estudante promove o aprendizado, as interações e ultrapassa as barreiras que são cotidianamente impostas as escolas.

Com tudo exposto, percebe-se que “ler é fazer sentido” (RIBEIRO, 2018), quando se tem a nítida noção de que o letramento, quando tratado pela perspectiva social abarca os aspectos de comunidade do cidadão, diminuindo a distância entre aprendiz e professor. Considerando novamente Freire e sua leitura de mundo, nos leva a compreensão de que os processos de leitura, pesquisa e aprendizado estão intrinsecamente relacionados, além de se complementarem constantemente. Podemos fazer uma alusão aos conjuntos da matemática e suas interseções. Essas interseções são aspectos da leitura, da pesquisa e do aprendizado, em que cada um tem elementos em comum que são compartilhados.

CAPÍTULO 2 – A LOMBADA – ITINERÁRIOS DA PESQUISA

Este capítulo descreve a trajetória da pesquisa para se obter os objetivos elencados no trabalho, considerando que a metodologia escolhida é baseada na natureza do problema ou na questão de pesquisa que está sendo tratada, nas experiências pessoais do pesquisador e no público para o qual a pesquisa se dirige, apresentamos os objetivos, a abordagem, os métodos e as estratégias utilizadas para selecionar, categorizar e analisar os dados.

Como forma de tornar este trabalho mais lúdico e aproximá-lo da configuração de um livro, resolvemos nomear essa seção de lombada. A escolha do termo “lombada” faz alusão à lateral do livro. Conforme explicado anteriormente na introdução, esse termo foi escolhido por comparação à resistência dessa parte da estrutura física de um livro. Todas as lombadas passam por um processo de costura ou colagem, e, quanto mais resistentes, mais durabilidade terá. Para esta pesquisa, a durabilidade se refere às escolhas metodológicas feitas e as descrições dos fenômenos observados.

Como forma de facilitar a compreensão da pesquisa, transcrevemos novamente os objetivos gerais e específicos:

Objetivo Geral
Compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da construção de pesquisas escolares que possam aproximar biblioteca e estudantes.
Objetivos específicos
Realizar atividades de pesquisa mostrando as metodologias de pesquisa com uso de livros e ambiente virtual.
Apresentar recursos de pesquisa informacionais que possam contribuir na iniciação científica.
Planejar com o professor regente de língua portuguesa atividades que possam aproximar as ofertadas pela biblioteca em seus planos de aula;
Realizar visita orientada virtual que permitam ao aluno conhecer a proposta de extensão da Biblioteca da Universidade de Brasília.

Para a abordagem metodológica optamos pelo método qualitativo e quantitativo. Para a pesquisa, a proposta é vivenciar junto aos alunos do ensino médio técnicas de pesquisa, além de inseri-los no universo da biblioteca escolar e da iniciação científica. Assim, será

previamente aplicado um questionário diagnóstico, visando identificar o conhecimento dos sujeitos acerca do ato de pesquisar. Para Flick (2009), explorar um fenômeno social significa considerar as variáveis envolvidas e reconhecer as inter-relações envolvidas nas etapas.

Os problemas abordados pelas ciências sociais são complexos, assim uma abordagem apenas qualitativa ou quantitativa poderia não abarcar toda a complexidade que envolve o problema. Nesta pesquisa, consideramos que a questão norteadora ou problema de pesquisa é: Como o letramento informacional pode contribuir para a construção de pesquisas independentes no ensino médio?

A ênfase neste trabalho será a pesquisa qualitativa, visto que a intenção é fazer com que os sujeitos pesquisados entendam e se percebam parte do processo e que o pesquisador conheça essa comunidade percebendo até mesmo os seus silêncios. Se para o processo de evolução acadêmica, nas universidades, pesquisar é um ato de desenvolvimento, ensinar alunos da rede pública de ensino a fazer pesquisa é quase um ato de amor à educação e ao desenvolvimento. Para Ribeiro (2000, p. 111), “sem pesquisa não há ação que se sustente [...] sendo o objeto das ciências sociais essencialmente qualitativo”.

A abordagem qualitativa tem suas raízes no século XIX, quando os cientistas começaram a indagar se os fenômenos humanos ainda poderiam ser mensurados com uma base positivista [...], visto que é por meio das relações sociais no trabalho, lazer e família, que são construídas as interpretações e significados (ANDRÉ, 1995).

Esse envolvimento abarca também o pesquisador, que passa a sentir e a experimentar a realidade do sujeito, pois normalmente pesquisadores atraem-se por objetos e sujeitos que de alguma forma estiveram presentes em sua formação e desencadearam o encantamento, assim como também a curiosidade e as dúvidas.

O que nos leva a concordar com Ribeiro (2000) quando afirma que a pesquisa qualitativa visa diminuir o distanciamento entre pesquisado e pesquisador ao promover oportunidades de interpretações, porém sem romper ao todo com os dados quantitativos, pois esses dados estão intrinsecamente relacionados à pesquisa qualitativa, pois, ao evidenciarem também as emoções, permitem uma proximidade com a realidade do sujeito. Assim, o pesquisador deve buscar ter uma visão ética e sólida evitando vieses em sua pesquisa que possam desacreditá-la. Acreditamos que o ato de pesquisar não deve se iniciar somente na graduação, a pesquisa deve fazer parte do cotidiano estudantil, sendo facilmente assimilada e corriqueira durante a passagem pelo ensino médio.

Neste trabalho utilizaremos a abordagem sequencial, visto que primeiramente aplicaremos um questionário diagnóstico, com a finalidade de traçar o perfil de utilização de

pesquisa da turma escolhida. Após essa fase de coleta e análise desses dados, a pesquisadora realizará uma nova entrada na turma, apresentando e explicando as ferramentas necessárias a realização de pesquisa de trabalhos escolares, essa segunda entrada contará com o aporte de uma aula conceitual na perspectiva do questionamento.

Nessa segunda entrada, a pesquisadora apresentará os principais conceitos relacionados à iniciação científica, uso das bibliotecas e escrita de trabalhos acadêmicos. Os alunos receberão impressos os principais pontos da aula para que possam fazer consultas sempre que necessário. Por fim, responderão algumas questões (vide anexo) relacionadas ao letramento em pesquisa. Como a iniciação em pesquisa, às vezes, encontra-se distanciada do cotidiano do aluno, o jogo propicia a construção do conhecimento e do desenvolvimento, além da interação entre pares e professores.

Na última fase, os alunos serão convidados a conhecer a Biblioteca da Universidade de Brasília, a fim de estabelecer contato com o local que futuramente poderão vir a estudar. Na visita orientada, será demonstrado todo o serviço disponível à comunidade geral. Após a visita será aplicado um novo questionário geral, visando identificar como os estudantes reagiram a visita na Universidade. O objetivo é utilizar os dados e resultados quantitativos para auxiliar na interpretação dos resultados qualitativos.

Não há como observar o mundo desconectado de suas práticas sociais e significados, o que Bortoni-Ricardo (2008, p. 58) salienta ao dizer que “não existe uma análise de fatos culturais absolutamente objetiva, pois essa não pode ser dissociada completamente da crença e da visão de mundo do pesquisador”, ou seja, o olhar do pesquisador sempre estará na pesquisa qualitativa para essa proposta de trabalho.

Os questionamentos acerca dessa proposta de pesquisa nasceram das minhas experiências pessoais, anteriormente relatadas, que me aproximaram do universo da pesquisa e das bibliotecas. Assim, estar imersa nesse contexto, aumentou minha sensibilidade e consciência para entender a complexidade do ato de pesquisar e como os estudantes têm recebido essas propostas na escola. Não queremos mais somente reproduzir, placidamente, digo “plagiamente”² aquilo que nos é colocado. Por vezes, o próprio docente, não consegue explicar ao estudante o porquê de se desenvolver o hábito de pesquisar.

Acreditamos que o letramento informacional, além de desenvolver didaticamente o estudante para as atividades escolares, também o emancipa para questionamentos diversos na

² O neologismo com as palavras placidamente e plagiamente é com a finalidade de ressaltar o quanto os alunos no ensino médio aceitam, recebem e entregam trabalhos sem reflexão nas suas construções. Reflexões que podem ser obtidas ao fornecer ferramentas de letramento informacional que propiciem à argumentação e ao questionamento.

vida em comunidade, pois a partir do momento que se passa a compreender as perguntas, têm-se ferramentas para buscá-las de maneira consciente.

As atividades relacionadas a este trabalho foram divididas em etapas para facilitar sua execução pela pesquisadora e divisão de tarefas junto à escola. Na primeira etapa teríamos a escolha da escola, que deveria apresentar os parâmetros de ser uma escola pública; ser uma escola com ensino médio, para se trabalhar com jovens que provavelmente gostariam de se inserir na Universidade de Brasília, seja pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), pelo vestibular ou pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); deveria ser uma escola localizada em alguma cidade satélite, para que fosse possível também captar sonhos e expectativas desses estudantes com relação à Universidade de Brasília.

Para a realização da pesquisa foi escolhido o Centro de Educacional 01 do Riacho Fundo II. Historicamente, temos que a escola foi construída em 2009 e inaugurada, inicialmente, como Centro de Ensino Fundamental 03 do Riacho Fundo II, em agosto do mesmo ano. Entretanto, em função da clientela atendida a sua tipologia foi alterada, a partir de 06 de outubro de 2009, para Centro Educacional 01 do Riacho Fundo II. Os alunos residem na região do Riacho Fundo II, Ponte Alta, Casa Grande, Asa Alimentos, Recanto das Emas e Gama. A turma do ensino médio é mista, composta de adolescentes do sexo feminino e masculino entre 16 e 17 anos, a turma tem cerca de 45 alunos. Os alunos são estudantes do 3º ano do Ensino Médio e estudam no período matutino. A maior parte dos alunos mora nas redondezas da escola, o que facilita o seu deslocamento. A renda financeira da família, foi um item não abordado, para que os alunos não considerassem importante a ligação entre a renda e a pesquisa por opção da própria autora. Não há também um perfil anteriormente traçado dessa turma específica na escola.

Pela amplitude de atendimento da escola e por conhecer a comunidade que busca matrícula na região, a pesquisadora viu, além da possibilidade de aplicação da pesquisa, também uma forma de aproximar a Biblioteca da Universidade da comunidade daquela região, seja pela possibilidade de programas de extensão, ou pelo simples estímulo à criatividade para conhecer o ambiente acadêmico e os serviços de informação. E de acordo com os materiais disponíveis na escola, propiciar aos alunos um aprendizado relevante sobre letramento em pesquisa. Os professores estando presentes foram como âncoras para a continuidade deste projeto dentro da escola. O trabalho foi realizado nas turmas do professor de língua portuguesa, demandando cerca de 45 minutos de aula na semana, assim permitindo uma vivência maior dos alunos nessa disciplina. Porém, os professores de outras disciplinas poderão emitir opiniões e pareceres acerca do projeto.

A escola conta com dois blocos pedagógicos, totalizando 15 salas de aula, 1 sala destinada ao funcionamento do Cine Mais Cultura, 1 laboratório de Química, 1 de Física e 1 de Biologia. Um bloco administrativo com salas para Secretaria, SOE, Supervisores Pedagógicos e Administrativos, Sala de Professores e Coordenadores, Mecanografia e Direção. Outro bloco de serviço com Depósito da Cantina, Cantina, Depósito da EJA, sala de Servidores e Sala de Recurso. Conta ainda com 2 banheiros femininos e 2 masculinos para alunos, 2 para professores, 1 feminino e 1 masculino para servidores, e ainda 2 banheiros adaptados para portadores de necessidades especiais. A escola também possui uma sala de leitura para os estudantes.

Especificamente, a abertura que se tem para a pesquisa foi na disciplina de língua portuguesa, por acreditarmos na aproximação entre letramento informacional e linguagem. As outras disciplinas foram indiretamente influenciadas, pois as pesquisas passarão a ter um escopo mais ligado a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). O professor regente também se formou na Universidade de Brasília e relatou ter bastante carinho pela instituição e pelos diversos projetos que lá são desenvolvidos. O professor regente comprova mais de 15 anos de docência, formou-se em letras pela UnB e desde então é professor do Governo do Distrito Federal (GDF).

A escolha da disciplina de língua portuguesa é pelo fato de a disciplina proporcionar ao aluno situações em que possa vivenciar a língua como prática social. Como já levantado por tantos autores (KLEIMAN,1999; SOARES, 2009; FREIRE, 2008), é importante e benéfico para o processo de aprendizagem que o estudante consiga aliar a teoria com sua vivência prática.

Para Kleiman e Moraes (1999, p. 87), “é o leitor quem tece as redes; é função do professor mostrar ao aluno como puxar os fios e fazer os nós”. Para exercer essa independência como estudante que percebemos como é necessário e desafiador o aprendizado nos processos de pesquisa e letramento informacional. Tornar o aluno mais consciente de suas práticas de pesquisa, pode levá-lo a realizar questionamentos de caráter mais social.

Os demais professores serão influenciados indiretamente, pois não será feita inserção em suas aulas, apenas o aprendizado em letramento e a aplicação prática da metodologia poderá ser estendido até suas turmas. A escola conta com, no turno matutino, 16 professores assim divididos: 1 de Física, 1 de Sociologia, 1 de Espanhol, 1 de Química, 1 de Geografia, 1 de História, 1 de Arte, 1 de Biologia, 1 de Inglês, 1 de Educação Física, 1 de Filosofia, 1 da Parte Diversificada bloco 1, 1 Parte Diversificada bloco 3, 1 Língua Portuguesa, 2 de Matemática.

Como bem levantado por Bortoni-Ricardo (2010, p. 52), consideraremos que todos os professores devem ser professores de leitura, “visto que ler faz parte da aprendizagem”. Mesmo não estando inserida em todas as aulas, a pesquisadora acredita que a mudança de hábito em pesquisa irá reverberar em outros momentos de aprendizado.

Buscaremos o envolvimento das áreas por meio da informação e construção do aprendizado em pesquisa, por entendermos que os projetos interdisciplinares e as especificidades das áreas são aproveitadas, sendo a valorização da leitura mais facilmente incorporada ao conjunto de atitudes dos alunos e levando o grupo de professores a incorporarem essas ações em suas aulas.

Quanto à biblioteca, a escola conta com uma sala de leitura, que disponibiliza um professor para auxiliar nas atividades que envolvam a biblioteca. A sala de leitura funciona numa sala de aula normal e possui cerca de 600 exemplares. Os alunos podem utilizar esses livros nos espaços da escola e o empréstimo é feito por sete dias. A frequência de uso é baixa, visto a quantidade de alunos na escola nos três turnos.

Já a segunda etapa tratada no questionário diagnóstico, visa demonstrar a parte quantitativa da pesquisa. A proposta é verificar quantitativamente, de maneira prévia, o conhecimento dos alunos acerca do tema letramento e pesquisa, para isto foi elaborada a sugestão do questionário em anexo, que poderá de maneira quantitativa mensurar esse conhecimento. A turma escolhida para a aplicação da pesquisa foi a turma de segundo ano do ensino médio, pois devido ao cronograma da pesquisa, esses alunos estarão no próximo ano no último período escolar, o que também proporciona verificar a evolução desses estudantes entre a aplicação do diagnóstico e a realização da pesquisa.

Para uma melhor análise dos resultados, foi realizada uma abordagem quantitativa para estabelecer o *Ranking* Médio (RM) para o questionário que utilizou escala tipo *Likert* de 10 pontos para mensurar o grau de concordância dos discentes que responderam aos questionários (o questionário completo encontra-se no anexo A). Nesse questionário, explorou-se questões tais como: o conceito básico de letramento é de conhecer as letras e ser letrado?; as informações sobre letramento são amplamente divulgadas no ensino médio?; as normas da ABNT são utilizadas em formatações de trabalho no ensino médio entre outras? Realizou-se a verificação quanto à concordância ou à discordância das questões avaliadas, por meio da obtenção da pontuação atribuída às respostas, relacionando à frequência das respostas que fizeram tal atribuição, na qual os valores menores que 5 são considerados como discordantes e, maiores que 5, como concordantes, considerando uma escala de 10 pontos. O

valor exatamente 5 seria considerado “indiferente” ou “sem opinião”, sendo o “ponto neutro”, equivalente aos casos em que os respondentes deixaram em branco.

Essas perguntas iniciais serviram como um norte para o encaminhamento do restante da pesquisa e para conhecer previamente os alunos pesquisados. Servem como propósito para aprofundar questões que serão novamente levantadas no futuro “contextualizando os fenômenos, explicitando suas vinculações mais profundas e completando as informações coletadas através de outras fontes” (ANDRÉ, 1995, p. 28).

Esse questionário abordará questões em associação com a biblioteca escolar, visando demonstrar quais as ferramentas que esses estudantes têm disponível na realização das pesquisas. Podemos também nomear esta pesquisa como etnográfica, ao perceber que há uma busca na formulação de hipóteses e não propriamente sua testagem. Demandando um plano de trabalho aberto e flexível, no qual há a possibilidade de revisão, reavaliação e reformulação, visando entender as realidades que o cerca (ANDRÉ, 1995).

Na perspectiva de estudar o ambiente escolar e verificar como as habilidades de pesquisa são comumente estabelecidas na relação docente, aluno e biblioteca, a pesquisadora descreve as ações e representações presentes e como o fazer pedagógico se alinha com os processos educativos realizados na escola. Observa na ótica do aluno, como a pesquisa está no seu cotidiano, promovendo o seu amadurecimento escolar. As interações escolares são parte intrínseca dessa pesquisa, uma lente de aumento de uma proposta que pode, ao longo de seu curso e de suas modificações, ser aplicada a outros âmbitos educacionais.

Conforme afirma André (1995), para se aprender o dinamismo da vida escolar é necessário estudá-la em três dimensões: a institucional, a instrucional e a cultural. Essas três dimensões fazem parte de uma inter-relação e não poderiam ser estudadas separadamente quando o objeto são as escolas, pois seria impossível dissociar estruturas tão interdependentes entre si.

Com o escopo dessa pesquisa, levaremos em consideração as dimensões citadas anteriormente por considerá-las de fato importantes na execução de um projeto de letramento, pois compreendemos que o envolvimento das várias instâncias presentes na escola é importante para a realização de qualquer projeto de sucesso. Nesse tipo de pesquisa, o distanciamento, não é sinônimo de neutralidade, mas preserva o rigor, sendo benéfico ao pesquisador o estranhamento, mesmo que a situação pareça familiar (ANDRÉ, 1995).

Na terceira etapa, utilizamos como base o plano de aula do professor regente de língua portuguesa, visando aliar o trinômio docente, biblioteca e sala de aula, para que os alunos possam desenvolver pesquisas independentes e de maneira consciente. A ideia é criar um

programa de letramento informacional que abarque o ciclo de Kuhlthau (1999), para atender às seguintes ações: buscar informações; catalogar; explorar; refletir; coletar e apresentar o conhecimento.

O plano de aula utilizado (vide anexo A) trata-se de um planejamento de língua portuguesa para o terceiro ano do ensino médio. A aplicação do questionário pré-teste ocorreu em apenas uma turma, porém a aula, por sugestão do professor regente, foi realizada em todas as salas, somando-se cerca de 140 alunos. Como cada aula é um processo singular, foi necessária uma adaptação ao procedimento inicialmente pensado.

Para Takahashi e Fernandes (2004, p. 114), “os objetivos e conteúdos são desenvolvidos com métodos e modos de realização da instrução e do ensino, proporcionando aos alunos conhecimentos e habilidades compatíveis com a temática estudada”. Segundo esses autores, compõem a estrutura do plano de aula “temática, objetivo, conteúdo programático, estratégias e recursos didáticos, duração e referências”. No plano de aula disponibilizado pelo professor regente da disciplina, indicaremos como ponto de inserção do projeto os itens nomeados de “trabalhando gêneros do discurso”, pois nesse ponto a liberdade para realizar outras atividades é maior, além de estar alinhado aos objetivos desta pesquisa. Nesse momento, os alunos costumam estudar os gêneros discursivos os aplicando a alguma prática orientada pelo professor regente.

Esse alinhamento é importante, pois por meio do plano de ensino disponibilizado, a pesquisadora pode ter uma noção de como conduzir a prática na pesquisa. Os objetivos elencados no plano de ensino devem ser realísticos, congruentes, compatíveis e relevantes (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004). O que nos faz inferir como seria importante o alinhamento com as atividades propostas pelas salas de leitura, pois ao serem consideradas nos planos de aula, teriam mais efetividade na condução de propostas de leituras para os discentes. Gerar confiança no processo escolar, com o propósito de alavancar aprendizagem é papel de todos que realizam suas funções dentro das escolas.

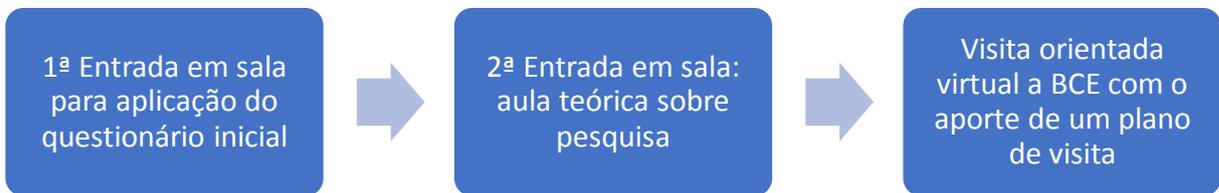
Mata (2014) acredita que o letramento informacional deve estar presente nas escolas por meio de programas que visem a integração com o planejamento educacional, o currículo e o plano das disciplinas, gerando um trabalho colaborativo entre biblioteca, sala de leitura e professores. Escolas que dissociam essa configuração tendem a diminuir o fluxo de uso da biblioteca.

Por fim, na quarta etapa, os alunos realizaram atividades na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, de forma virtual, com o objetivo de conhecer o espaço e os serviços oferecidos, criando uma aproximação entre a escola e a Biblioteca Universitária. A visita

orientada da Biblioteca Central da Universidade de Brasília tem como proposta mostrar a comunidade os serviços oferecidos e também os espaços possíveis de atuação da biblioteca frente ao letramento. Além da parte técnica, com as visitas, é possível estimular o interesse na expectativa dos estudantes das escolas públicas do DF em um dia participarem da vida acadêmica na Universidade de Brasília. Por isso abrir as portas de seus serviços à comunidade é como um convite a exploração, ao conhecimento e ao pertencimento.

Assim, como forma de sistematizar os processos vinculados à pesquisa, teremos como fluxo:

Figura 1 - Sistematização do processo



Fonte: elaborado pela autora

A segunda entrada em sala de aula, ocorreu em 19 de março de 2019 e conforme sugestão do professor regente, abarcou todas as turmas do terceiro ano, somando-se cerca de 140 alunos participantes. Essa aula foi ministrada pela pesquisadora, que se utilizou de um material pré-organizado de *slides* impressos (vide apêndice C) com os temas que seriam discutidos em sala de aula. Toda a aula foi gravada para posterior degravação. Ao final da aula, os alunos foram orientados a responder um breve questionário acerca de letramento informacional. Cada aula teve duração de 45 minutos e foi repetido em todas as turmas do terceiro ano, no segundo horário de cada aula.

A aula foi planejada e subsidiada considerando o material criado pela professora Gasque (2012) para o ensino médio. Com pequenas modificações, esse material foi adaptado para alunos do terceiro ano e também foi considerado o fato da escola ter uma sala de leitura e não uma biblioteca. Dessa forma, a pesquisadora fez uma breve introdução sobre o tema letramento, passando pelos principais conceitos que motivam a iniciação científica e a pesquisa. Na proposta da professora Gasque (2012), a divisão de conteúdo está dividida pelas séries do ensino médio. Para esta pesquisa, desconsideramos essa divisão e utilizamos a proposta de acordo com o plano de ensino disponibilizado pelo professor regente. Disponibilizamos a proposta de aula no apêndice D. O guia relacionado a visita orientada seguirá o modelo sugerido pela autora desta pesquisa.

2.1 Acolher: a sala de leitura

Este capítulo começa com flores artificiais e bem organizadas em cima das mesas de trabalho em grupo. A sala de leitura Carolina de Jesus do Centro de Educacional 01 do Riacho Fundo II funciona numa sala de aula sob responsabilidade da professora de língua portuguesa.

A sala dispõe de cerca de 600 exemplares, dispostos em estantes e classificados de acordo com o gênero, a maior parte das estantes são apenas separações aleatórias. A sala de leitura foi inaugurada em 18 de fevereiro de 2018. Antes era apenas um projeto, pois a escola não tinha disponibilidade de espaço. Ao iniciar o processo de modulação seriada, a escola passou a contar com esse espaço, o qual foi transformado em sala de leitura. A sala de leitura recebe aquisições de compra, quando há recurso disponível e também doações tanto de alunos quanto de professores. Para muitos estudantes e muitos de nós, a primeira entrada numa biblioteca ou sala de leitura ocorre por conta de uma exigência de algum professor. Mesmo que esse seja o motivo, após adentrar um espaço assim, será difícil retornar ao caminho anterior sem ser modificado. Há diferentes relatos de pessoas que dizem que “as bibliotecas são como portos acolhedores”.

As aquisições e doações são registradas em caderno com essa finalidade, porém não há um parâmetro para registro e não há nenhum meio informatizado para o inventário do material disponível. Os alunos podem buscar a sala de leitura nos dois intervalos da escola. O primeiro intervalo tem duração de 10 minutos e o segundo duração de 20 minutos. Durante o segundo intervalo é servido o lanche.

O fluxo de empréstimo gira em torno de 6 exemplares por dia. Ao tomar emprestado um material, os alunos têm o direito de permanecer com ele durante uma semana. Não há previsão de multa para estudantes que extrapolam o dia da entrega, a própria professora coordenadora da sala fica responsável pela cobrança de devolução do livro atrasado e realiza esse procedimento de modo individual e pessoal com cada estudante quando é necessário. O aluno pode renovar o exemplar, porém cada renovação é apenas por mais uma semana.

Há apenas uma servidora dentro da sala de leitura, trabalhando 40 horas por semana. Assim, alguns procedimentos inerentes às bibliotecas não são realizados como, por exemplo, as fichas para empréstimo dos livros. O empréstimo ocorre por meio da transcrição de informações como: livro, autor, série do aluno, data de empréstimo e devolução e o nome do aluno em um caderno específico para essa finalidade, substituindo qualquer tecnologia ou ficha de empréstimo. Esse caderno é responsabilidade da professora. Para que o aluno lembre

de devolver o exemplar a servidora faz uma anotação à lápis na contracapa do livro. Quando o aluno devolve, a marcação é apagada.

Os alunos procuram a biblioteca por motivação própria ou por indicação dos professores. Normalmente, os docentes indicam alunos livros didáticos de suas disciplinas. Pelo relato, a professora disse que o ambiente da sala de leitura impacta positivamente no seu uso.

Acolhimento é a palavra-chave na sala de leitura. Em alguns momentos, os alunos chegam com problemas pessoais ou dificuldades na própria escola, e a sala serve como uma “fuga”, pois a funcionária deixa os alunos bem à vontade para que eles possam escolher qualquer título que queiram sem preconceitos ou distinções de leituras.

Para Dias de Jesus (2018), o termo “acolhimento” não é usual nos textos da Ciência da Informação no Brasil. Segundo o dicionário Michaelis, “acolhimento” remete à ideia “de hospedar, receber, abrigar, dar acolhida, atender, deferir, dar crédito a, dar ouvido a”, ou seja, o sujeito que procura o serviço deverá ser acolhido, ouvido, atendido, pois todo esse aporte fará com que ele tenha o sentimento de pertença àquele local. O que a sala de leitura Carolina de Jesus faz tão bem. Mesmo tendo algumas normas para fins de sua organização, criadas pela professora afim de tornar o ambiente propício ao uso, a sala não deixa de conduzir sua missão na orientação e acolhimento dos estudantes.

Os estudantes ao sentirem que o espaço pertence a eles procuram por seus exemplares favoritos, e os que têm mais saída são os de literatura estrangeira, como John Green (A culpa é das estrelas), Rick Riordan (Percy Jackson), Jojo Moyes (Como eu era antes de você), Jeff Kinney (Diário de um banana), mangás (Dragon Ball e Naruto) e J.K Rowling (Harry Potter). Para a professora, esses livros causam uma excitação quando estão disponíveis e sempre estão nas listas de mais emprestados. A leitura despertada nessa literatura passa a ser construída e evolui para os outros livros de que a sala dispõe.

No caso da sala de leitura, a literatura ofertada, o ambiente, a quantidade de páginas de um livro, a disposição dos livros na estante influencia a vontade de leitura do sujeito jovem. Para a professora “se a estante estiver muito organizada, os alunos não retiram os livros”, sendo necessário deixar folgas e até livros deitados para que os alunos se sintam à vontade para tomá-los emprestados.

Quando o aluno não tem ideia do que gostaria de ler e solicita uma sugestão à servidora, ela sempre indica “O pequeno príncipe” (Antoine de Saint-Exupéry), pois acredita que “o livro é fininho e apresenta uma profundidade incrível de reflexões”. Sempre após

alguma indicação, a professora tem o cuidado de perguntar se o aluno gostou da leitura, muitas vezes, iniciando uma pequena conversa sobre o assunto lido.

Dessa maneira, a professora disse que consegue “acompanhar a maturidade e o desenvolvimento em leitura dos alunos”. A professora acredita também que a valorização do aluno que lê é muito benéfica nesse desenvolvimento. Então, ela propõe a cada semestre um evento conhecido como “Chá literário”. Para esse evento, a professora envia o convite para participação e os alunos leitores daquele semestre recebem um certificado de “honra ao mérito”. Uma forma de estimular os alunos que frequentam e pegam empréstimo de livros na biblioteca. Como a sala não comporta um número grande de participantes, a professora estipula um número de 30 pessoas incluindo os professores convidados. Normalmente, os professores entregam os diplomas e fazem o discurso da entrega do certificado. A professora relata que esse reconhecimento faz com que os alunos fiquem emocionados, pois muitas vezes “é o primeiro reconhecimento público que eles têm de alguma atividade que realizam de forma livre e espontânea”.

Uma outra maneira encontrada para estimular os alunos é realizar semanas temáticas, como, por exemplo, a Semana da Clarice Linspector, na qual o aluno terá a sua disposição vários exemplares do autor e algumas curiosidades de suas vidas.

Pelo relato da servidora, é possível perceber que a sala de leitura conta com uma área específica para dicionários (referência) e não são realizados empréstimos domésticos, pois a quantidade de exemplares é pequena. Também há uma área reservada para novas aquisições, nomeada de “novidades”. Essa área é muito atraente aos olhos dos alunos, pois frequentemente são adquiridos ou recebidos em doação a literatura internacional, de livros mundialmente reconhecidos.

É perceptível também, pelo relato, que a indicação de livros realizada em sala de aula é apenas para confecção de trabalhos, ou seja, uma saída de exemplares com finalidade didática. Os livros de literatura com saídas frequentes são os mesmos indicados para os vestibulares e/ou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No máximo, os alunos podem realizar empréstimos de três exemplares. Àqueles com menos afinidade com a leitura, normalmente pegam um. Ao passo que avançam nas habilidades leitoras, crescem também na quantidade de livros lidos. Alguns alunos chegam a ler um exemplar por semana, fora a indicação dos professores para a realização de trabalhos acadêmicos.

Para a professora, a leitura ajuda tanto “na pontuação em sala de aula, como na formação das ideias e nas reflexões de vida que os alunos possam fazer”. Também percebe

que a oralidade dos alunos melhora com o hábito da leitura, tornando a fala menos “viciosa”. Não há uma pesquisa na escola, mas a professora nota que o índice de aprovação também melhora com a prática da leitura, mesmo em disciplinas indiretas, como matemática, física e química.

O quadro branco presente na sala de leitura também serve como estímulo aos estudantes. A professora, no semestre passado, escreveu a frase “recadinho da galera” e os alunos podiam deixar recados, frases, poemas, citações e reflexões. O quadro estava sempre cheio com essas informações e os alunos se sentiam parte daquela atividade, pois segundo a professora era como se os alunos “tivessem descoberto o mundo” e “feito outras leituras” para deixar marcada no quadro.

Para o dicionário Michaelis (2018), o verbo “pertencer” significa “fazer parte de, ser parte do domínio de, ser referente a, ter relação com”, essa crença numa origem comum que reúne os indivíduos e os fazem defender o ambiente em que estão inseridos. Em algumas cidades satélites podemos perceber fortemente esse sentimento. No Riacho Fundo não é diferente, e a escola exerce o seu papel de identificar os indivíduos como parte daquele grupo. A sala de leitura leva os estudantes a compartilharem informações de forma livre. Para os alunos leitores, a sala de leitura é um espaço de compartilhamento que une sujeitos diferentes, mas que partilham de um objetivo comum, tornando-os participantes das atividades propostas. Para Dias de Jesus (2018), “o pertencimento é uma noção subjetiva, que gera o sentimento de fazer parte, de ter relação intrínseca com um determinado grupo, bem como o sentimento de estar inserido, de transformar-se e ter uma identidade”.

Para Gasque (2012), os alunos letrados na busca e no uso das informações têm condições de superar problemas graves que assolam sua comunidade. O letramento permite que o estudante tenha consciência das informações recebidas, sendo mais críticos em sua distribuição. O que pode fortalecer comunidades éticas.

Todas essas questões foram levantadas por meio de entrevista guiada, as perguntas feitas foram baseadas no histórico de percepção da investigadora acerca de funcionamento das bibliotecas (vide questões no apêndice B).

2.2 Breve revisão sobre projetos de letramento informacional

Não é raro ver escolas que trabalham com o sistema de projetos em seus planejamentos. Na perspectiva do letramento é possível verificar que vários autores também realizam projetos para subsidiar suas pesquisas. Para Kleiman e Moraes (1999), o projeto está

ligado a vontade de fazer algo, envolve uma ação, ou seja, é perceber uma realização futura. Na escola, o coletivo pode ser a saída criativa para a falta de recursos com atendimento das demandas locais.

A informação passa a ser útil quando é colocada à disposição dos alunos para eles próprios utilizarem aquilo que precisam (...) o aluno passa a construir suas redes de conhecimento, sendo a leitura objetivo e instrumento de aprendizagem. A leitura ainda pertence a todas as disciplinas, podendo ainda promover a transmissão de valores (KLEIMAN; MORAES, 1999, p. 44).

A leitura pode ser o escopo de preparação para a cidadania, a partir do momento que permite ao leitor aplicação prática daquilo que se vivencia em sala de aula, pois não adianta ler um texto de maneira desconexa com sua realidade, é necessário que ele perceba o pertencimento em suas leituras. A compreensão também é um fator que deve fazer parte das práticas de projetos na escola. Quando o aluno se sente deslocado do projeto, torna-se mais distante das conexões que podem surgir das atividades propostas, não fazendo sentido em suas condições de aprendizado. A sala de aula é o espaço de inter-relações, expressão e construção de redes. Um espaço saudável de aprendizagem pode promover o aprendizado coletivo e as ações de ajuda mútua.

Esse espaço pode propiciar o que Gasque (2012) defende em seus textos, de que projetos de letramento informacional podem propor atividades que contribuam para o pleno crescimento da capacidade informacional dos estudantes, desenvolvendo pensamento crítico e reflexivo, tornando-os assim mais autônomos.

Inspirados e embasados pelo material produzido por Gasque (2012), desenhamos a trajetória do letramento informacional ao longo da história. No infográfico criado abaixo, temos a percepção do letramento a partir da contextualização da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. Apesar de serem períodos traumáticos, para uma gama da população, foram dois períodos em que as trocas de informações e a criação de novas informações surgiam quase que cotidianamente. Essas trocas e esse farfalhar de informações nos conduziu a explosão informacional, as quais apoiadas no rádio, na TV e nas revistas tiveram seu auge diminuindo ou estreitando as fronteiras existentes.

Mais tarde, o conhecido fenômeno da globalização impactou diretamente a formação profissional, ao tornar o mundo virtual interativo e dinâmico. Essa mudança no processo de ensino e aprendizagem pode contribuir para a formação de cidadãos reflexivos, críticos e autônomos, sendo essa a proposta mais precípua do letramento, ao democratizar a cultura e apoiar o ensino e aprendizagem, encoraja os indivíduos a utilizar as ferramentas de linguagem

no seu cotidiano, permitindo que, no caso dessa pesquisa, jovens sejam partícipes de seu aprendizado.

Figura 2 - Breve Histórico



Sonia Caregnato conseguiu fazer a distinção entre alfabetização e habilidades informacionais. Porém, a tradução mais comum é competência informacional, pois propõe que o letramento seja entendido como algo mais amplo, capaz de conduzir os usuários de informações a reflexões que os tornem mais independentes no uso e na busca dessas informações.

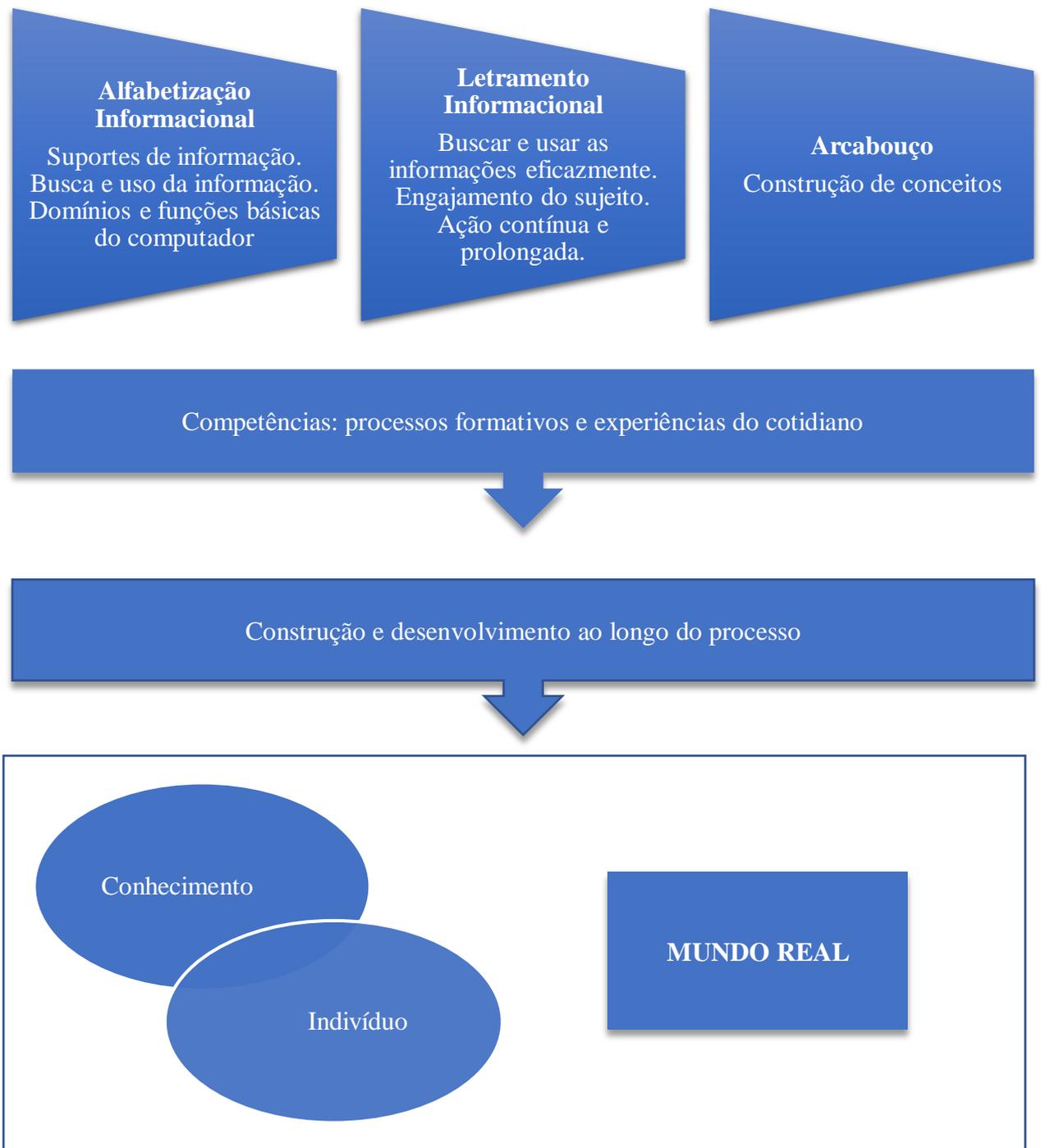
No contexto histórico de obtenção de informações, percebe-se que na década de 70, a aprendizagem era mais mecânica, sem muita abertura para o aprendizado sozinho ou mediado pela curiosidade. Já nos anos 80, com os estudos dos processos cognitivos, Carol Kuhlthau, propõe o ciclo de aprendizagem e reconhecimento das informações. Ao longo desta década com a hiper valorização da escrita, o indivíduo letrado era realmente o que fazia bom uso dessa ferramenta.

Na década de 80, os estudos mais relevantes são o de Mary Kato – No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística – porém sem a definição do conceito de letramento ainda. E o livro “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso” de Leda Tfouni, o qual já fazia uma distinção entre letramento e alfabetização, para que nos anos 90, a aprendizagem passasse a ter uma dimensão social e ecológica. E em 1995, as autoras Ângela Kleiman, Magda Soares e Leda Tfouni trouxeram a conceituação de letramento e a sua separação definitiva somente do processo de alfabetização.

Nos anos 2000, a “*Association of College and Research Library*” - ACRL propõe que há competências que possibilitam ao indivíduo reconhecer a informação necessária bem como localizá-la, avaliá-la e utilizá-la eficazmente. O letramento informacional passa a ser visto como algo a ser estimulado. Claro, que devemos considerar que o documento produzido pela ACRL estava direcionado ao ensino superior e para esta pesquisa, buscamos emancipar a busca de informações a partir do ensino médio, assim como promover a importância da biblioteca nesse percurso.

Assim, temos, conforme identificado, avaliando o percurso traçado por Gasque (2012), a proposta de criação das duas esferas abaixo, que objetivam demonstrar visualmente a diferença conceitual traçada até aqui:

Figura 3 – Conceitos de Alfabetização, Letramento e Arcabouço teórico



Fonte: Criação própria

No trajeto demonstrado, entendemos que para a criação do arcabouço conceitual das concepções de letramento e alfabetização foi necessário estudá-los e dissecá-los individualmente, compreendendo o seu uso e ampliando o seu alcance. Esse alcance passa pela competência adquirida no cotidiano, de maneira processual, a partir da formação do indivíduo como pessoa, podendo compreender até mesmo sua formação emocional. O

indivíduo não está estanque, e o conhecimento disponível também não. Como uma simbiose, se relacionam a fim de construírem reflexões acerca do que chamamos de mundo real.

Por esse motivo, as escolas devem estar preparadas para esse processo de transformação na educação e coadunadas com a formação de indivíduos reflexivos e independentes na busca por informações. Para Guasque (2012), a qualidade na educação depende de estudos bem definidos; envolvimento da família; formação dos professores e dedicação dos aprendizes.

CAPÍTULO 3 – O MIOLO

Sabemos que várias são as pesquisas que têm como fenômeno a educação. Como já anteriormente dito, o miolo é algo interno, que visa dar voz ao texto. No miolo estão as informações relevantes e a essência do livro. A análise de dados envolve atores que estão inseridos no contexto do letramento informacional, o que acarreta enxergar o sujeito como parte preponderante desse contexto.

Neste capítulo descreveremos a trajetória da pesquisa e a metodologia escolhida. Sendo a pesquisa qualitativa o suporte para esta jornada, temos ainda situações em que fomos instigados a perseverar, mesmo quando não encontramos os resultados, mas sim de estimular a busca constante na jornada do pesquisador. Também relatamos as ferramentas e instrumentos que permearam essa construção. Pode-se dizer que o miolo está para a metodologia, como fagulhas que nascem de uma fogueira.

Inicialmente, dividiremos o miolo em duas fases, na primeira verificaremos as respostas ao questionário inicial, como o intuito de perceber como os alunos entendem o letramento informacional e seus conhecimentos acerca do tema. Na segunda fase, faremos a análise da aula ministrada e do vídeo que substituiu a visita durante o trajeto da pesquisa, após colher as respostas abertas dos alunos acerca das atividades.

3.1 Os rumos da pesquisa

Para a escolha do processo metodológico desta pesquisa, temos o arcabouço da pesquisa qualitativa no campo das pesquisas sociais. A abordagem quantitativa, que porventura exista, é somente para mensurar numericamente os sujeitos envolvidos. Conforme Ribeiro (2000), a pesquisa qualitativa surge no final do século XIX, pois antes as pesquisas tinham um enfoque na precisão e objetividade. A pesquisa qualitativa surge a partir dos questionamentos que não podiam ser somente respondidos por meio dos números.

Para André (1995), a pesquisa qualitativa configura-se com base na interpretação, na descoberta, na valorização e na consideração dos fatores relacionados. Estas características levantadas pela autora, nos faz perceber a aplicação prática que houve na presente pesquisa e como foi ter acesso a alguns discursos desconhecidos, até então, da pesquisadora. Essa visão permitiu a ampliação de suas próprias concepções. Como forma de alocar benefícios advindos também da proposta quantitativa, a utilizamos subsidiariamente, como forma de mensurar estes sujeitos e suas participações nas tarefas realizadas, pois neste trabalho tivemos como objetivo compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da

construção de iniciação científica que possam aproximar biblioteca e estudantes. Assim, a pesquisa qualitativa permite reflexionar acerca das interações ocorridas em sala de aula e externadas no questionário apresentado, como também as perguntas feitas no momento da explanação da pesquisadora.

Tínhamos como proposta inicial realizar uma aula sobre letramento informacional, na qual seriam abordados conceitos, características e os significados que movem a iniciação científica. Essa aula ocorreu de maneira diferente do previsto no escopo deste trabalho, no sentido de que, poucas semanas antes da data marcada para a aula, o professor regente da disciplina de língua portuguesa, perguntou se não seria possível ministrar o conteúdo em todas as suas turmas de terceiro ano. Com planejamento e remanejamento de alguns assuntos, foi possível. Assim, a aula contemplou todas as turmas do terceiro ano, abarcando cerca de 140 estudantes, num total de 4 turmas. Foi realizada um dia de aula, cerca de 4 horas totais. Além de 7 dias alternados de visitas a escola, sendo: 1 dia para apresentação ao corpo docente, 1 dia para observação e entrevista com o professor regente, 2 dias para entrevista com a servidora da sala de leitura, 1 dia de aplicação do questionário, 1 dia para aula prática, 1 retorno de *feedback*. A pesquisadora esteve na escola no período matutino, estando presente cerca de 28 horas.

Por motivos alheios a esta pesquisa, no dia da realização da aula, havia presentes na escola cerca de 112 estudantes, os quais em algum momento estiveram na aula e responderam à pesquisa. Em cada turma era possível verificar um perfil de estudantes diferentes. Todos eles, porém, atentos à novidade – uma pesquisadora em sala de aula. Em algumas turmas, o professor regente fez uma apresentação prévia de qual era o objetivo daquela aula, em outras, não foi necessário.

Para fins desta pesquisa, não foi possível abarcar uma análise de todos os questionários respondidos. Assim, realizamos uma média de quantos alunos havia em cada turma e, por amostragem, foi analisado o total de 30 questionários.

O questionário foi aplicado na aula de língua portuguesa e durou cerca de 20 minutos em cada turma. São respondentes trinta alunos (30) do terceiro ano do ensino médio. Em sala de aula, a pesquisadora iniciou sua fala explicando sobre a pesquisa. Neste momento, os alunos ficaram curiosos sobre a Universidade de Brasília, seus cursos e sua estrutura. Foram feitas perguntas acerca desses temas e respondidas pela pesquisadora, o que favoreceu a abertura entre alunos e pesquisadora, principalmente quando as perguntas giraram em torno do vestibular.

No início da pesquisa, também tínhamos pensado em realizar uma visita presencial à Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Porém, ao buscar transporte para os alunos, que não tinham como arcar com o custo da passagem, a pesquisadora se viu em torno de um dilema. Os ônibus disponíveis na universidade não poderiam mais ser utilizados com essa finalidade, pois atendem preferencialmente às demandas do próprio *campus*. Então, a pesquisadora buscou orçamento para tornar possível a visita com recursos próprios. Porém, os valores para aluguéis do transporte estavam elevados, não sendo possível a realização.

Como forma de sanar essa dificuldade no caminho da pesquisa, a pesquisadora, utilizando-se da tecnologia, substituiu a visita presencial pela virtual. Não seria o planejado inicialmente, porém, no decorrer da pesquisa, percebeu-se que o alcance seria muito mais abrangente. Esse vídeo poderá ser melhorado para versões futuras e poderá ser utilizado tanto pela Biblioteca Central quanto por seus usuários. Uma das facilidades da tecnologia é que, dessa maneira, o vídeo, além de não se limitar a um período temporal e que requer uma logística e um custo financeiro em um determinado cronograma, também poderá ser compartilhado por meio de redes sociais e *WhatsApp*, e explorados em períodos diversos.

De qualquer maneira, foi uma das formas encontradas pela pesquisadora para inserir os alunos no ambiente da Biblioteca Universitária da UnB, estimulando-os à iniciação científica. Além de criar uma aproximação entre o letramento informacional, base dessa pesquisa, com a realidade da comunidade pesquisada.

3.2 Principais resultados

Uma semana antes da aula, foi aplicado um questionário diagnóstico, com o intuito de verificar os conhecimentos acerca do letramento. Esse questionário foi importante por também possibilitar que os alunos pudessem colocar no papel suas expectativas. Consideramos também que os conceitos de letramento informacional podem ser aplicados em todas as disciplinas, porém, a entrada se deu na disciplina de língua portuguesa pela disponibilidade do professor regente. Além do subsídio do questionário, também ocorreram anotações das dúvidas dos estudantes, assim como a transcrição de suas falas.

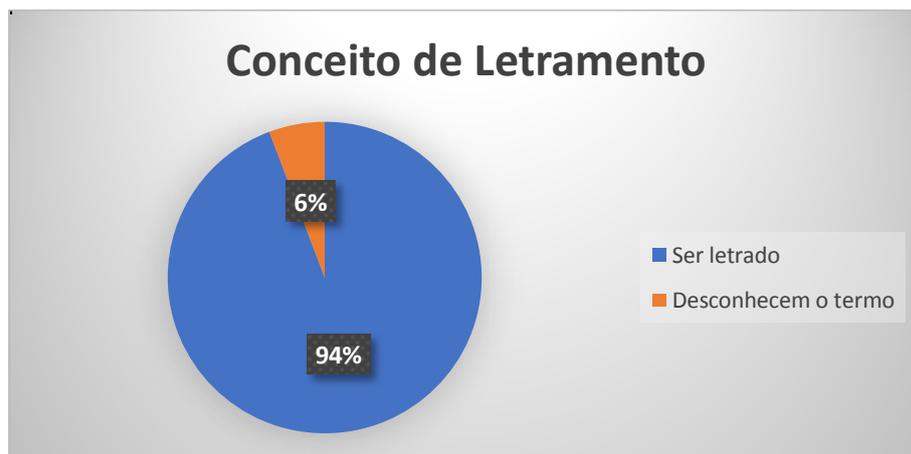
A aula foi gravada por áudio, no gravador do celular da própria pesquisadora. Por motivos de sons do ambiente, alguns períodos gravados ficaram prejudicados com uma baixa resolução do áudio que não conseguiu captar todas as falas, sendo aproveitado cerca de 70% das gravações realizadas.

Como resultados, temos a seguinte configuração:

Para 94% dos alunos dessa turma, o conceito de letramento é de conhecer as letras e ser letrado; 6% nunca tinham ouvido esse termo e o restante faz uma relação com o que o professor fala em sala de aula sobre a importância de saber ler e escrever. Apenas um estudante questionou o fato de que o que realmente importa é compreender aquilo que se tem escrito. Ressaltaram também o fato de que as redes sociais não estimulam a escrita, fazendo com que eles “percam” habilidades de reconhecimento de formas da escrita, justificando alguns erros gráficos. Alguns alunos relataram que, muitas vezes, “a leitura obrigatória” se torna “chata” visto as cobranças dos professores acerca do tema estudado, não tendo “um período livre para criação” do que se tem lido.

Percebemos que para aqueles alunos que dizem conhecer o termo, há uma associação entre ser alfabetizado e ser letrado. Para esta pesquisa, consideramos as práticas sociais da escrita como exposto por Soares (2008, p. 24), “o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma letrado”. Esse fenômeno induz o sujeito a adquirir competências para usar a leitura e a escrita. Na escola pesquisada, esse uso pode ser facilmente verificado nas atividades realizadas pela sala de leitura, onde uma das atividades é a leitura em voz alta de livros que o próprio aluno escolhe. Essa ideia estimula os alunos a exercerem a oratória e o falar em público e estimula a discussão dos trechos lidos. Um exemplo de prática social dentro do contexto educacional da região.

Gráfico 1 - Conceito de Letramento



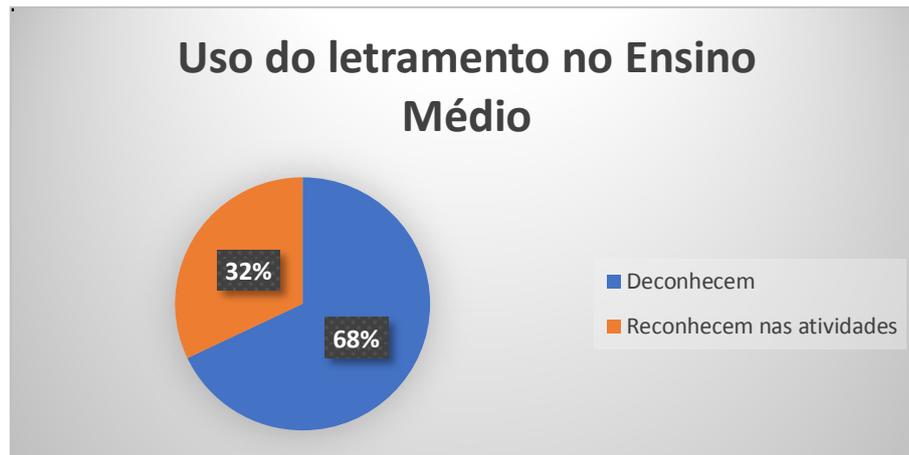
Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

Na segunda questão foi perguntado se as informações sobre letramento são amplamente divulgadas no ensino médio. Essa questão visa criar um arcabouço para adentrar no letramento informacional; 68% dos alunos desconheciam as formas em que o letramento

está presente na aula com essa nomenclatura. Explicaram que há atividades, mas que eles não reconheciam como formas de letramento, já 32% reconhecem as atividades propostas na escola como atividades de letramento. As atividades relatadas não tinham vínculos com a sala de leitura presente na escola, relacionavam-se com a parte diversificada oferecida pela escola, conhecida como PD (parte diversificada).

Gráfico 2 – Uso do letramento no Ensino Médio



Fonte: Elaboração própria

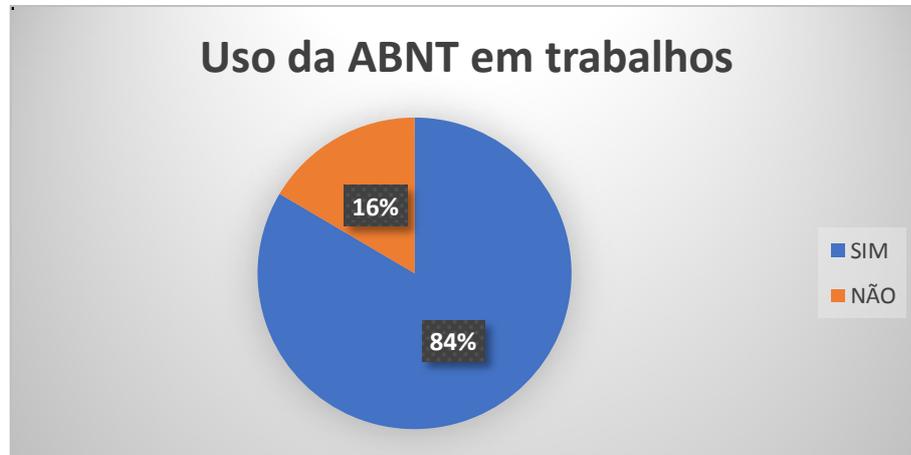
Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

Vivemos na sociedade do conhecimento e da informação. É cada vez mais comum termos acesso a tecnologias que podem impulsionar o conhecimento do conceito de letramento. Para aqueles alunos que dizem desconhecer como o letramento é aplicado na escola está ao encontro da questão 1, pois provavelmente os que não sabem o conceito também não assimilarão que todo aprender requer um processo de letramento novo. O que nos leva a perceber que ser letrado é um processo cíclico, de construção e de reconstrução, passando por novos saberes e superação de desafios.

No ambiente escolar é importante que os alunos tenham acesso a diferentes modos de aprender e que os professores também passem por um letramento constante, sejam na construção de suas relações e no ensinar. Porém não há um padrão de mensuração de quanto esse indivíduo possa ser letrado ou não (BRITTO, 2007).

Na terceira questão foi abordada a utilização da ABNT em formatações de trabalho, sendo que 84% dos alunos responderam que as normas são cobradas nos trabalhos acadêmicos e 16% dos alunos relataram que nem todos os professores cobram a utilização da ABNT e que muitas vezes, apenas solicitam que o aluno não “copie” da internet, razão pela qual eles questionaram à pesquisadora de onde deveriam copiar.

Gráfico 3 – Uso da ABNT



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

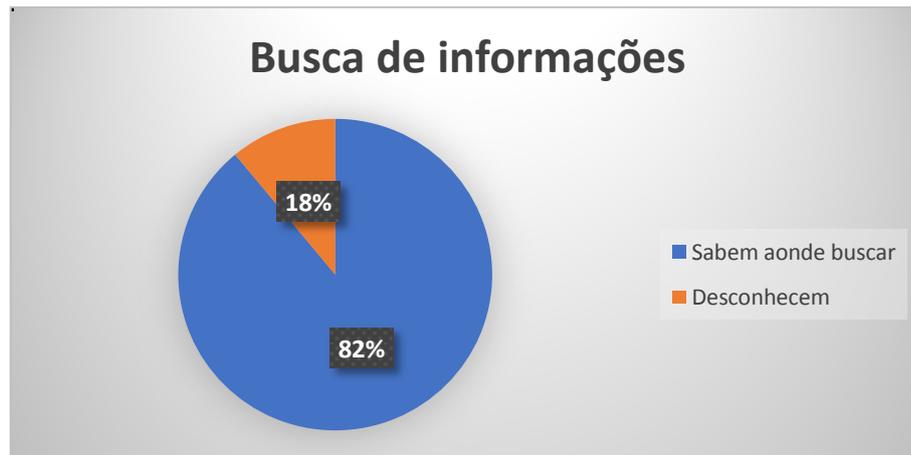
Na resposta a essa questão, muitos alunos relataram que os trabalhos feitos são formatados no padrão ABNT, porém os itens mais cobrados desse padrão são: “capa, contracapa, índice, formatação, bibliografia e português culto”. Os alunos relataram, também, que “alguns professores não cobram a formatação do trabalho”, o que os fazem pensar que “não é uma regra”.

O receio de utilizar a ABNT de maneira constante e correta nos trabalhos escolares, advém do fato de que, por muito tempo, suas regras foram temidas e muitos universitários a refutavam, pois as consideravam difíceis de aprender. Liberato e Fulgêncio (2002) explicam que a oralidade faz parte da construção textual. Essa noção nos faz compreender que, pelo distanciamento das normas do cotidiano dos alunos do ensino médio, as regras se tornam incompreensíveis. Uma estratégia seria criar aproximação entre teoria e prática, a fim de familiarizar os estudantes com as normas considerando as vivências deles, o que também pode ser considerado um tipo de letramento.

Como a pesquisa foi aplicada dentro da disciplina de língua portuguesa, foi considerado os planos de aula do docente regente. Percebemos que o professor tem um item em seu plano chamado “Trabalhando o gênero no discurso”, no qual ensina vários gêneros textuais. Nesse momento, o professor cobra trabalhos mais práticos, de acordo com o gênero estudado, o que facilita a compreensão dos estudantes, levando o aluno a decodificar e a compreender a informação.

O que nos leva à quarta questão que busca compreender onde os alunos têm buscado essas informações inerentes aos trabalhos escolares, os quais 89% responderam que sabem exatamente onde localizar as informações. Relatando ferramentas tais como *Wikipedia*, *Google*, livros, com alunos das turmas avançadas (obtendo trabalhos já realizados por esses). Raramente vão até a sala de leitura ou procuram exteriormente alguma biblioteca.

Gráfico 4 – Busca de informações



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

A maioria dos alunos busca as fontes para seus trabalhos na internet. Na discussão oral, alguns disseram que “não leem” as informações. Ao serem perguntados sobre informações que chegam em seus celulares, a resposta foi similar, ou seja, muitos não procuram a veracidade da informação ou sua confirmação e apenas a repassam. Durante esse tópico discutimos também acerca da geração de *Fake News* tão comuns na nossa sociedade.

Quanto ao *Wikipedia*, 82% dos alunos desconheciam como era sua construção e acreditavam que esse tipo de ferramenta funcionava mais como um repositório de informações. Não sabiam, por exemplo, que as informações colocadas no *wiki*, não passam, por um processo de confirmação e veracidade.

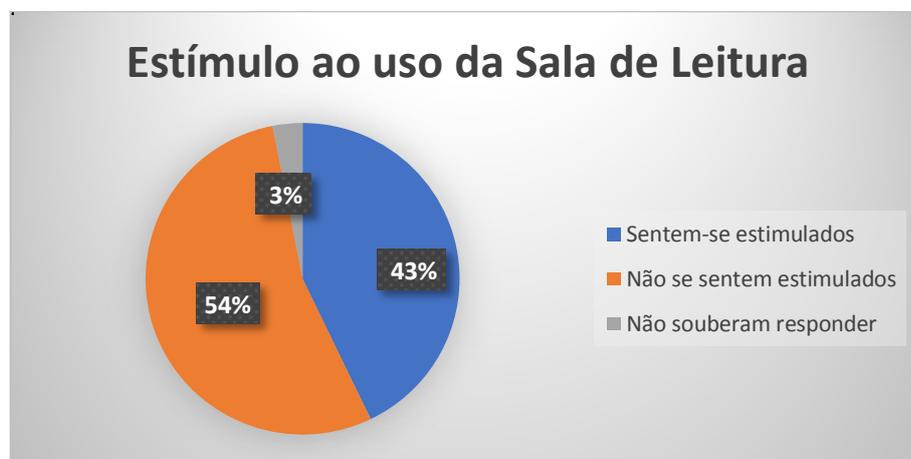
Na aula prática também foi apresentado o *Google Escolar*, visto que o relato era de que as pesquisas e dúvidas eram retiradas do próprio *Google*. A pesquisadora também sugeriu alguns canais no *YouTube* que poderiam impulsionar o aprendizado, concordando com Palácios (2003) quando afirma que os estudantes devem ter a capacidade de usar textos para construir novas aprendizagens.

A construção de novas aprendizagens requer que os alunos decodifiquem as informações e realizem reflexões em cima do que estão visualizando. A partir daqui o

estudante é capaz de se familiarizar com os conteúdos abordados; conhecimentos prévios do assunto; minimizar os erros e falhas de compreensão (SOLÉ, 1998; JIMÉNEZ RODRIGUEZ, 2004).

No tópico em que foram perguntados se são estimulados a utilizar a biblioteca escolar (sala de leitura), 43% responderam que são estimulados, já 54% disseram que não se sentem estimulados, visto que na sala de leitura não há livros atuais e também conta com poucos exemplares em seu acervo.

Gráfico 5 – Estímulo ao uso da sala de leitura



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

Ficamos curiosos com o resultado dessa questão, pois a sala de leitura fornece inúmeras atividades e há uma literatura atualizada, como por exemplo: “Senhor dos Anéis”, “Harry Potter”, “Percy Jackson”, “O Hobbit”, “A Cabana”, “Diário de um Banana”, “Como eu era antes de você”, o que não está de acordo com a resposta de que não frequentam a sala de leitura “por falta de obras atuais”.

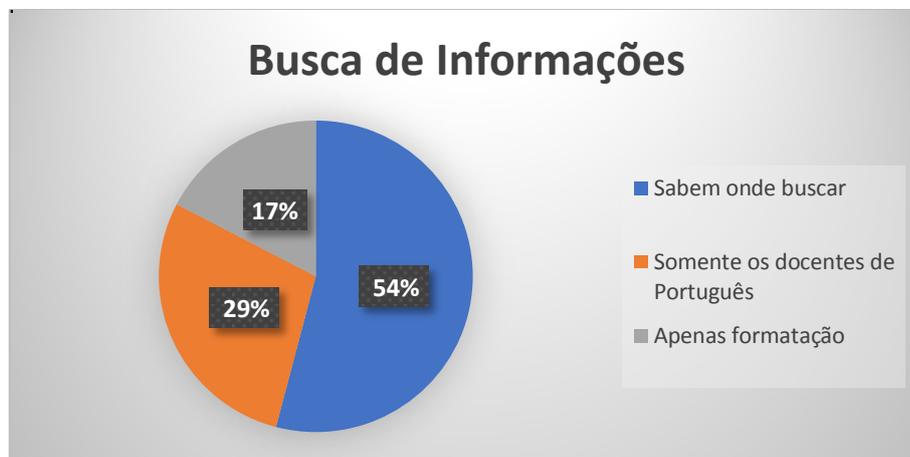
Refletimos que a finalidade da leitura é importante para a decisão de frequentar ou não a sala de leitura, ou seja, o aluno deve saber previamente por que deseja ler tal estilo de livro. Esses objetivos podem ser inúmeros e não há uma regra, então, elencamos os mais prováveis: “todos estão lendo”, “virou filme”, “gosto do estilo”, “gosto do autor”, “meu irmão, primo, pais leram”, “algum professor indicou”, “virou jogo”. De acordo com esses relatos percebemos que a frequência à sala de leitura está intrinsecamente relacionada com o objetivo da leitura.

Nos relatos fica claro que a imagem que os alunos fazem das pessoas que estão próximas pode estimular a frequência da leitura e a busca dos livros na sala de leitura.

Dudziak (2003) propõe que a educação mudou, sendo necessário, atualmente, muito mais, um trabalho cooperativo entre os sujeitos da escola. O que nos conduz a pensar que esse trabalho cooperativo não pode ser apenas um movimento ligado à interdisciplinaridade, muito em voga em projetos e trabalhos conjuntos, possivelmente para serem mostrados em feiras escolares, mas um movimento de experimentação e atividades que perpassa o ano letivo e deixe marcas em seus estudantes. A criação de memórias positivas dentro da escola faz parte do processo de aprender.

Quando questionado sobre se os professores orientam adequadamente e em quais locais devem buscar informações, 54% dos alunos responderam que os professores orientam onde buscar as informações adequadas para realização de uma pesquisa. Já 29% disseram que apenas os professores ligados à língua portuguesa e literaturas orientam acerca de padrões para pesquisas. E, assim, eles apenas replicam as orientações em outras disciplinas. Dos respondentes, 17% dos estudantes disseram que as orientações são superficiais acerca de padrões para entrega dos trabalhos escolares e muitas vezes os alunos que buscam as informações necessárias para a formatação dos textos.

Gráfico 6 – Busca de Informações



Fonte: Elaboração própria

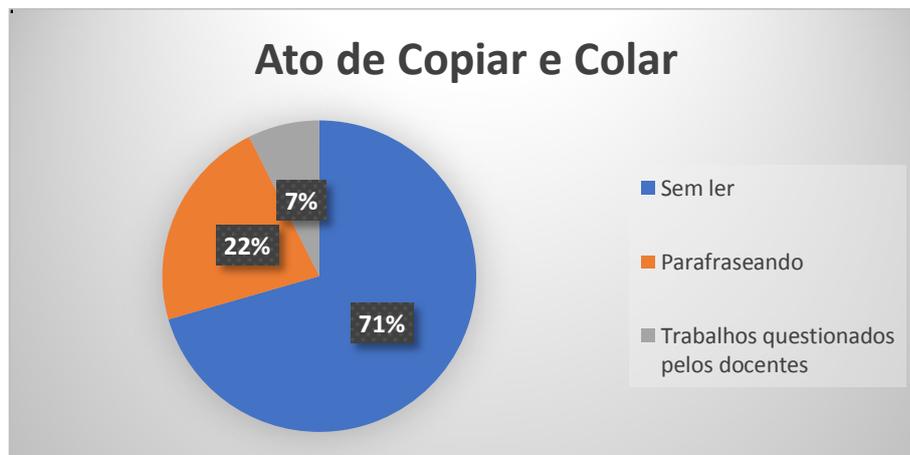
Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

O gráfico acima nos indica também a importância de os docentes estarem à frente das orientações acerca da busca de informações, ou seja, o letramento é um processo cíclico e de aprendizado constante, que em diferentes fases estamos aprendendo ou reaprendendo algo. Se considerarmos Dudziak (2003), o letramento informacional está além dos limites da tecnologia, sendo um movimento muito mais inclusivo, capaz de tornar possível o descobrir de novas estratégias.

Além de ser um dos atores principais desse ressignificar do aprender, o professor, muitas vezes, é admirado por seus estudantes e exerce influência sob esses. Assim, suas dicas ou orientações passam a ser valoradas de maneira que os alunos queiram realmente ser mentorados no aprendizado. As exigências da informação mudaram e estão velozes, cabe também aos docentes inferir e orientar nesse universo, para que os alunos não se sintam desamparados.

O que desencadeia o fenômeno de “copiar” e “colar”, o mecânico e assimilado exercício das teclas “ctrlC” + “ctrlV”, levando 71% dos alunos a assumirem que durante a vida escolar já utilizaram do “copiar e colar” sem ao menos ler a informação. E muitos ainda relatam que já fizeram pesquisas para apresentação de Seminário no dia anterior à data marcada. Dos entrevistados, 22% relatam que tentam realizar uma pesquisa escrevendo “com suas próprias” palavras e 7% relataram que, em episódios aleatórios, alguns professores questionaram como o trabalho foi realizado.

Gráfico 7 – Busca de Informações



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

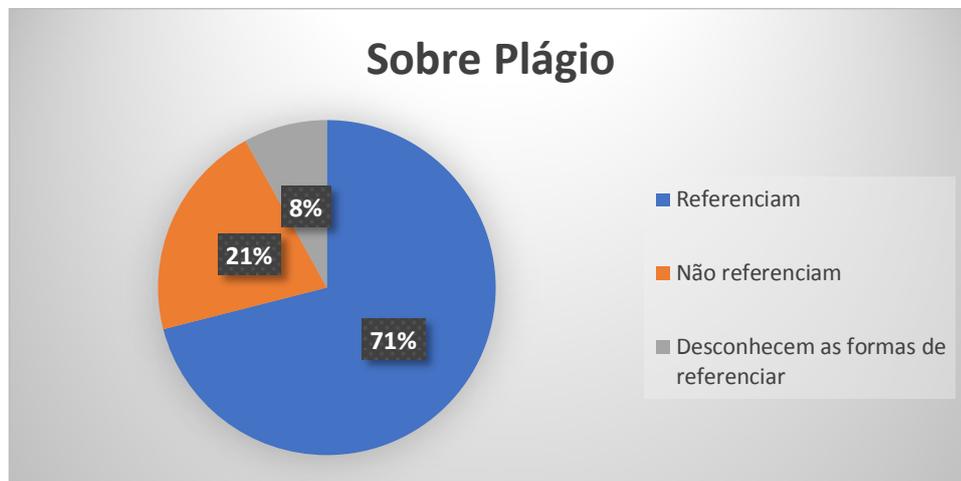
Quanto ao termo plágio, 92% conhecem o significado e 71% relataram que referenciam e citam os autores em seus trabalhos, assim como informam adequadamente as bibliografias no final da pesquisa escolar. No entanto, não souberam correlacionar plágio com o fato de não realizar citação com as devidas referências.

A competência informacional amplia a visualização que o sujeito tem acerca das informações que recebe. Em suas respostas, os estudantes relataram que compartilham informações, “quando as recebem de pessoas que eles confiam”. Esse relato explica o fato de estarmos vivendo num constante aumento de notícias falsas.

Podemos pensar que a cópia de algum assunto está intimamente relacionada à busca de informações. Para esse quesito temos as competências de Marland que tratam sobre: qual a minha necessidade?; quais os meus recursos?; onde eu localizo a informação?; qual informação devo utilizar?; onde devo armazenar?; essa é a informação necessária?; como devo apresentá-la?; o que eu vou obter? (*apud* CAMPELLO, 2009, p. 43)

Esses questionamentos podem ajudar na construção da trilha da informação, ou seja, como devo procurar, manter, estruturar e compartilhar de maneira coerente com a realidade da sociedade vigente.

Gráfico 8 – Busca de Informações



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

Por fim, ao serem questionados se já tinham ido à Biblioteca Central da Universidade de Brasília, 71% responderam que não conheciam e 25% informaram que já tinham ido, seja por oportunidade na escola ou porque têm algum parente que estuda no *Campus Darcy Ribeiro*.

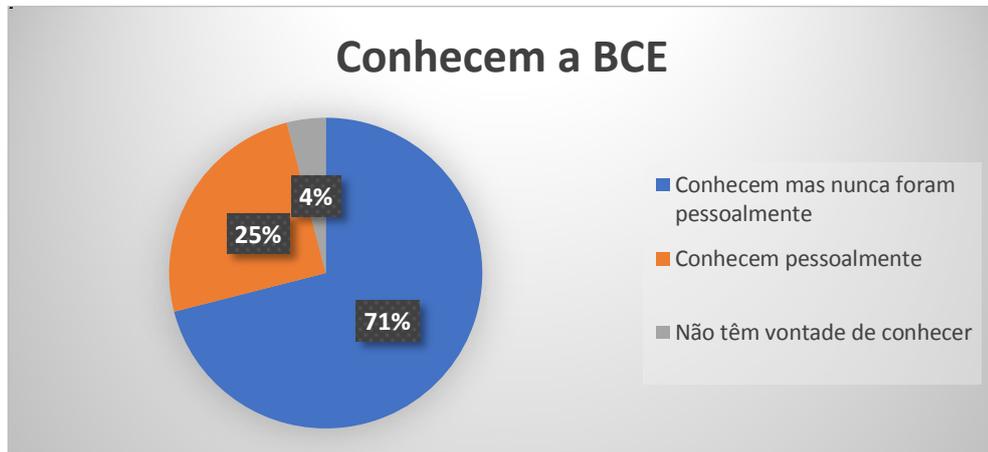
A maioria relatou que não conhece a biblioteca por falta de oportunidade. Atualmente, há uma aproximação entre escolas públicas e a BCE, permitindo que as escolas possam marcar visitas e levar seus estudantes a ela. Esse interesse deve partir da escola que, por meio de agendamento, procuram o serviço.

As visitas servem para aproximar instituição de seus públicos externos e também funcionam como uma apresentação e um cartão de estímulo a alunos que sequer se imaginam dentro de uma universidade pública.

Para Campello (2003), a competência informacional consolida-se a partir da sociedade da informação, as teorias educacionais construtivistas, a tecnologia da informação e o

profissional de biblioteca. Numa visita orientada, podemos ter acesso a esses quatro itens. Ao ampliarmos o olhar, percebemos que o letramento informacional também não foge dessa prática.

Gráfico 9 – Busca de Informações



Fonte: Elaboração própria

Nota: Gráfico elaborado com base na análise das questões disponibilizadas

Essas questões serviram como um fomento à reflexão, a toda conversa e às aulas seguintes. Foi a partir da aplicação do questionário que os alunos se sentiram mais confiantes para estabelecerem uma conversa em sala de aula. No Apêndice D, há uma série de perguntas usadas para estimular a reflexão de como a iniciação científica está presente em nosso cotidiano.

A visita orientada serve como um estímulo ao futuro que pode ser alcançado, mais do que simplesmente a apresentação da Biblioteca Central em si. É até uma forma de devolução à sociedade do posicionamento da ciência da informação frente às novas demandas dos alunos de ensino médio, possibilitando que a biblioteca tenha uma abordagem na “aprendizagem ativa, constituindo um local do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem” (CAMPELLO, 2003).

Vários documentos relacionados à competência informacional citam as habilidades inerentes para a sociedade da informação, tais como: habilidade de solucionar problemas, de aprender independentemente, de aprender ao longo de toda a vida, de aprender a aprender, de questionamento e de pensamento lógico. Essas habilidades não podem estar dissociadas do papel que a Biblioteca Central da Universidade de Brasília assume perante a sociedade.

CAPÍTULO 4 – O MARCADOR

A proposta desse capítulo é apresentar o produto resultante da pesquisa. Chamamos de marcador por considerar que essa parte é como um “mimo” que será deixado, denotando toda a troca de experiências que existiu ao longo da pesquisa. Uma das propostas é um fluxo de visita orientada que seja voltado para os alunos do ensino médio.

Em cada momento de explicações, os alunos estariam expostos ao que a Biblioteca Central da Universidade de Brasília tem a oferecer como item de iniciação científica. Até a década de 50, a educação de usuários praticamente não existia e as bibliotecas eram apenas centros de guarda e empréstimo de exemplares. Atualmente, uma série de programas são implantados, normalmente voltados para a comunidade acadêmica que é o cerne da existência das bibliotecas universitárias. Mas nada impede que nas visitas orientadas voltadas ao ensino médio, sejam feitas alterações para que o objetivo com aquele público seja atingido.

Em 1960, a abordagem guia sugeria que “os materiais da biblioteca estivessem ligados às disciplinas do currículo” (KUHLTHAU, 1998, p. 24). Atualmente, é um desafio associar a visita orientada ao currículo daquela disciplina. Na proposta, desta pesquisa, a visita virtual, possibilita que, em qualquer tempo, o estudante secundarista tenha acesso ao espaço físico da biblioteca, criando cenários e perspectivas futuras de sua própria formação.

O vídeo será repassado ao professor regente que fará a distribuição em sala de aula. Também estará disponível para uso dentro da Biblioteca Central e poderá no futuro ser ampliado e melhorado de acordo com as necessidades de configuração da visita virtual.

Abaixo, temos a sugestão de um fluxo de visita orientada, voltado para alunos do ensino médio, em que cada setor, tem uma orientação de explanação, que possa estar vinculada ao currículo docente.

Para fins de exemplificação, decidimos por simular a trilha com a referida escola e com os materiais enviados pelo docente regente. No Planejamento Anual de aulas, em anexo, enviado pelo professor regente, temos como tópicos para estudos os subitens abaixo. O objetivo é que os alunos após realizarem essa visita consigam produzir os gêneros solicitados.

1. Trabalhando gêneros do discurso: leitura e produção (paródia e panfleto);
2. Trabalhando gêneros do discurso: carta argumentativa (solicitação e reclamação)
3. Trabalhando gêneros do discurso: dissertativo-argumentativo;
4. Trabalhando gêneros do discurso: artigo de opinião;

Dessa forma, em cada local de parada no fluxo, o aluno poderia ser levado a construir posteriormente a sua produção para a biblioteca.

- Na Referência, por ser o local onde os alunos da Universidade buscam orientação acerca da pesquisa ou informações sobre onde encontrar os livros, artigos e outros inerentes a própria pesquisa. Os alunos do ensino médio poderiam ser estimulados a produzir panfletos informativos acerca do que se produz neste setor.
- O Espaço Pop é um espaço novo e muito atrativo ao público jovem. Este espaço por trabalhar com novos formatos e gêneros diferentes, estimula os alunos a pensar nos diversos estilos de escrita. Além de trabalhar as questões relacionadas a criatividade e a inovação.
- O Espaço de Direitos Humanos pode estimular a criação de estilo dissertativo-argumentativo, ao propiciar a reflexão de questões atualizadas do mundo contemporâneo.
- O Setor de Mídias com todos os seus suportes diferenciados propicia aos alunos visualizar como eram a guarda e a transmissão das informações. Neste setor, os alunos são convidados a perceber que o mundo está em constante mudança e que os letramentos ocorrem de maneira contínua, nos convidando a aprender sempre.
- Por fim, o Setor de Restauração permite que os alunos trabalhem a ideia de cuidado, guarda e prevenção, ao conhecer como proteger um livro e quais as formas de restaurar os que precisam. Esse setor é muito interessante, pois engloba discussões que envolvem o cuidado e o uso adequado. Normalmente, as visitas são finalizadas nesse setor, visto que os alunos saem encantados com trabalhos realizados por bibliotecas que, talvez, não soubessem que são realizados.

A visita orientada consegue dar a ligação que é necessário ao trabalho teórico que é feito em sala, com a praticidade. É envolvente, a partir do momento que convida os alunos a adentrar outro universo que até então não conheciam. E também criam a aproximação da comunidade com a Universidade.

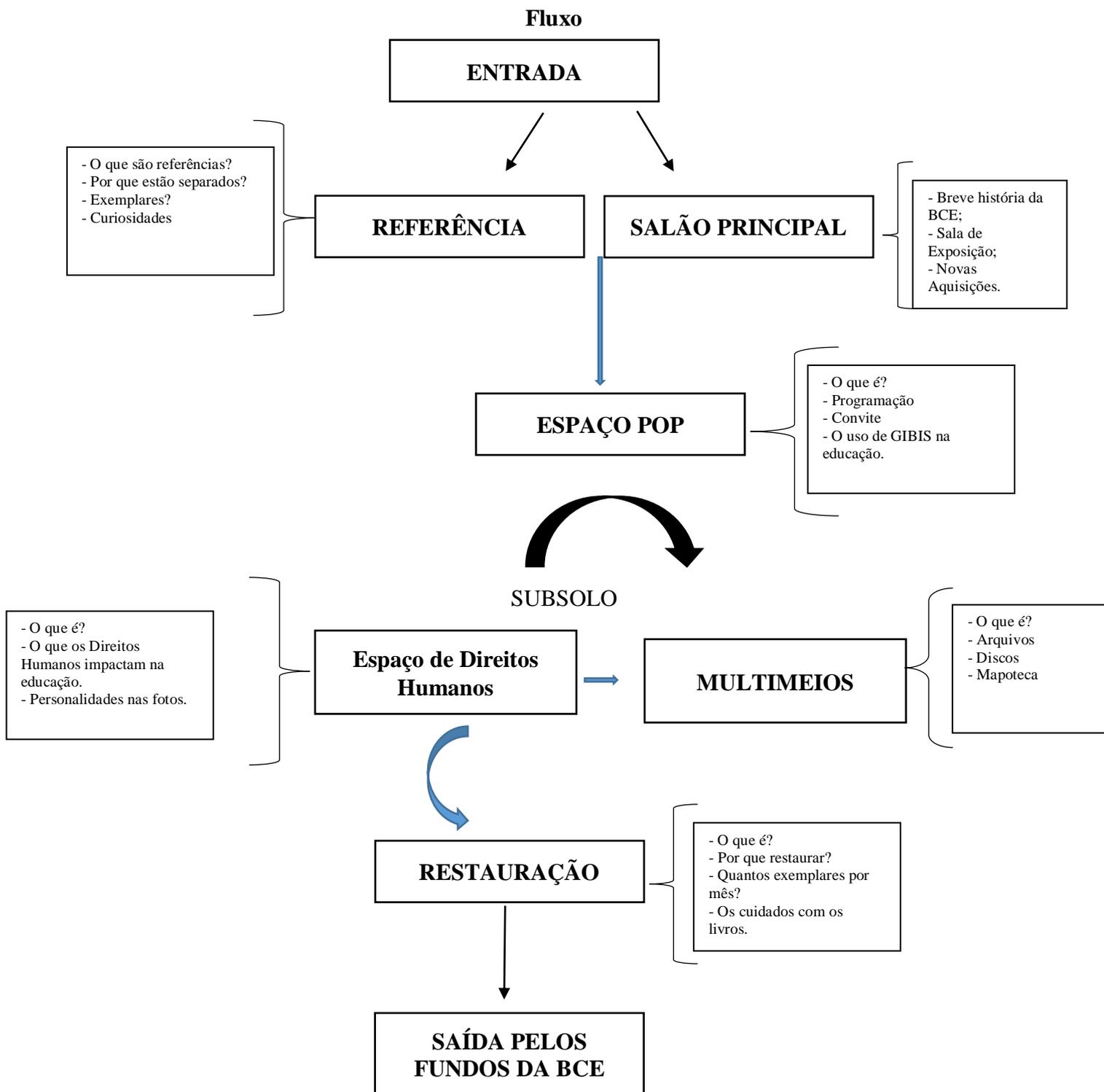
A descrição acima não substitui os projetos que podem nascer futuramente advindos dessa pesquisa, tais como minicursos para a comunidade externa e alunos do ensino médio e oficinas presenciais que envolvam o público jovem que ainda não é estudante da Universidade.

Sugestão de fluxo de visita orientada voltada para alunos do ensino médio

Dias da semana: Segunda a Sexta-feira

Horário: 7h às 13h e de 14h às 18h

Profissionais: Turmas de 40 alunos – 2 servidores



CAPÍTULO 5 – A COSTURA

A pesquisa começou com a revisão teórica dos conceitos de letramento e demais termos usados pela ciência da informação. Os seus mais variados autores e as perspectivas acerca de um letramento social, voltado para a construção da leitura e que impactassem diretamente na iniciação científica e no uso das salas de leituras e das bibliotecas.

Durante a pesquisa muitas foram as questões que impactaram a autora. Perguntas acerca do letramento que foram levantadas enquanto o projeto se desenvolvia. Enquanto o trabalho progredia, tivemos o cuidado de responde-las ao longo do texto, facilitando assim a leitura para o leitor e propiciando um desenrolar do que se estava construindo.

Também no decorrer da pesquisa, algumas questões que não entraram neste texto poderão ser exploradas em novos trabalhos. Como por exemplo os novos tipos de letramentos ligados à mudança constante das ferramentas tecnológicas ou o papel educativo das bibliotecas e salas de leitura em escolas periféricas.

Após a construção do referencial teórico foi realizada a pesquisa em *lócus*, que teve como foco investigar e compreender o processo de letramento informacional no ensino médio, a partir da construção de pesquisas escolares que possam aproximar biblioteca e estudantes. Quanto a esse objetivo, observou-se que a escola apresenta programas dentro da sala de leitura que não são abarcados por todo o corpo docente. Sendo que, muitas vezes, atividades individuais são mais estimuladas do que o trabalho em grupo.

A interdisciplinaridade é um fenômeno que existe dentro da escola, porém fortemente vinculada ao PD (parte diversificada). É importante que as disciplinas conversem entre si e também com a sala de leitura, não somente em projetos, mas de uma forma ampla por todo o ano letivo.

Não foi possível identificar, nas entrevistas com a responsável pela sala de leitura e com o professor regente, atividades que sejam construídas de maneira conjunta ao longo do ano letivo que estivessem fora do PD.

Também consideramos que convém discutir mais o assunto letramento informacional em sala de aula e a realização de pesquisas que tenham impactos sociais e não somente para a configuração de notas no final do semestre. Essa discussão poderia ter um papel de norteadora de outras atividades. A associação entre sala de leitura e atividades promovidas pelos docentes pode afetar as práticas pedagógicas. A iniciação científica promove o desenvolvimento do estudante e sua independência perante o mundo das informações.

Sendo possível, os alunos poderiam também participar da construção dessas atividades. Assim, passariam a compreender o objetivo de se ter um programa de letramento que aproxime sala de leitura do plano de aula dos docentes. E ao se sentirem pertencentes, podem criar mecanismos de desenvolvimento nas atividades em sala de aula, tornando-se responsáveis pelo seu aprender.

Sob a perspectiva da sala de leitura, há algumas atividades organizadas pela responsável que favorecem o desenvolvimento de aspectos do letramento, como a organização das estantes por categorias de leitura e não por sistema de Dewey, o que facilita para os alunos, como a leitura em voz alta; O Café com Literatura, ou uma estante separada, na entrada da sala que mostra as aquisições recentes. Outro ponto positivo é a liberdade que os estudantes têm para escolher suas leituras após adentrarem no ambiente da sala. Também é proposital e benéfica a organização visual da sala, que fornece uma noção de acolhimento para os estudantes. Quando visualizamos esses quesitos percebemos que a sala de leitura trabalha com o aspecto do letramento social e infere na realidade daqueles alunos.

Na disciplina de língua portuguesa, podemos verificar práticas de letramento informacional estabelecidas. O docente preocupa-se em socializar e difundir o conhecimento acerca de formatação de trabalhos e orientações sobre a construção de pesquisas. E nos momentos em que são trabalhados textos, esses são vistos como uma forma prática de aproximar o estudante da teoria.

Mesmo considerando que as práticas docentes são diferentes e variadas, ainda existem professores que acreditam que somente na disciplina de língua portuguesa o letramento e a iniciação científica devem ser trabalhados.

A escola tem uma parte diversificada que visa abarcar atividades diferenciadas para o estudante. Uma sugestão é inserir nesses momentos a iniciação científica e fomentar a prática de escrita e pesquisa. Por outro lado, compreendemos que os docentes da escola se ocupam muito em atividades de documentação pedagógica, o que, muitas vezes, toma-lhes o tempo de se estar em processos mais criativos.

A carga de trabalho é um fator preponderante e presente em muitas escolas públicas, além de outros fatores que diminuem a participação em projetos que estejam fora do escopo estabelecido. Para os alunos, também seria benéfico reconhecer a interdisciplinaridade da pesquisa ao longo das diversas disciplinas.

Ademais, é necessário que dentro do escopo da escola fosse possível que a proposta pedagógica fornecesse subsídios que inserissem a iniciação científica e o letramento; que as compras para a sala de leitura fossem mais constantes, assim os livros frequentemente seriam

atualizados e se teriam mais itens no acervo. Caso as compras não sejam possíveis, pois sabemos como são os dilemas das compras públicas, a escola pode ter acesso a algum programa de doação de exemplares. Esses programas são mantidos por empresas e realizam doações de exemplares para diversas bibliotecas.

Por fim, após realizada a pesquisa e feito o referencial teórico e conhecido mais acerca dos conceitos que permeiam o letramento, foi possível realizar atividades de pesquisa mostrando as metodologias de pesquisa com o uso de livros e ambiente virtual e a própria iniciação científica em si; apresentar os recursos de pesquisa informacionais que possam contribuir na pesquisa com aporte de livros e ambiente virtual; verificar junto com o professor regente de língua portuguesa atividades que possam aproximar as atividades ofertadas pela biblioteca em seus planos de aula; e ao final realizar a visita orientada virtual que permitam ao aluno conhecer a proposta de extensão da Biblioteca da Universidade de Brasília.

Um trabalho acadêmico científico não se esgota em si. É sempre um refletir do que se possa fazer a mais e de que maneiras alcançar o público pretendido. Dessa maneira, como proposta futura de pesquisa, sugerimos a busca de atividades práticas de letramento informacional, com uso das tecnologias e com o apoio das redes sociais, como forma de aproximação do estudante do ensino médio atual.

Como palavra final, não seria utópico afirmar que é possível transformar escolas em unidades de iniciação científica. Não somente com o intuito de formar jovens pesquisadores, mas como forma de estimular a leitura, explorar o letramento informacional e formar estudantes que tenham desde cedo acesso aos aspectos da pesquisa, chegando mais independentes ao ensino superior e também no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- DE ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Braileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2004.
- AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS/ ASSOCIATION FOR EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. **Information power: building partnerships for learning**. Chicago: ALA, 1998. Disponível em: http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards_final.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Curso de capacitação para dinamização e uso da biblioteca pública**. São Paulo: Global, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARTON, David. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford, U.K. and Cambridge, U.S.A.: Blackwell, 1994.
- BEJES, N, C.; DIAS, M. S. **Orientação de pesquisa bibliográfica sistematizada em bibliotecas escolares**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., 1973, Belém. **Anais [...]** Belém: IBICT, 1973. p. 292-297.
- BERNARDES, Alessandra Sexto; FERNANDES, Olívia Paiva. A pesquisa escolar em tempos de Internet. **Revista Teias**, v. 3, n. 5, p. 15, 2002.
- BJORNER, S. **The information literacy curriculum: a working model**. IATUL Quarterly, v. 5, n. 2, p.150-169, 1991.
- BLANK, Cintia Kath; GONÇALVES, Renata Braz. Projeto de letramento informacional para estudantes do ensino fundamental: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 22, n. 1, p. 104-117, 2017.
- BOURDEIU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRASIL. Lei 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 02 jul. 1962, p. 7149. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 31 ago. 2018.
- BRASIL. Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 19 abr. 1991, p. 7293.

BRASIL. Lei n. 9.674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 26 jun. 1998. p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9674.htm. Acesso em: 31 ago. 2018.

BRASIL. Lei 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País (bibliotecas escolares com bibliotecários). **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 25 maio 2010, p. 3. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 31 ago. 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Alfabetismo e educação escolar. *In.*: SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de Bibliotecários em escolas de ensino básico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 234-235, 2009.

CAMPELLO, Bernadete dos Santos *et al.* **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, v. 8, p. 47-55, 2000.

CARVALHO, Mariana; SILVA, Maurício da. Como ensinar a ler a quem já sabe ler. **Revista Ciência Hoje**, v. 20, n. 19, 1996.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez editora, 2008.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Revista de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica. 2010.

GUIMARÃES, Luciana Guedes. **Tinha uma leitura no meio do caminho**: formação do aluno-leitor. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Encontro de Governadores. **Compromisso de Brasília**. 1970. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Compromisso%20de%20Brasilia%201970.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

JESUS, Thaisa Alves Dias de. **Biblioteca e Educação**: um estudo sobre acolhimento em dispositivos culturais para crianças. 2018. 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade de São Paulo, 2018.

JIMÉNEZ RODRIGUEZ, Virginia. **Metacognición y comprensión de la lectura**: evaluación de los componentes estratégicos (processos variables) mediante la elaboración de una escala de consciência lectora (ESCOLA). 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. Editora Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. *In*: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: São Paulo, 1993.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

MACEDO, Neusa Dias de; SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa. **Biblioteca Pública/Biblioteca Escolar do país em desenvolvimento**: diálogo entre bibliotecária e professora para reconstrução de significados com base no Manifesto da Unesco. São Paulo: CRB-8/FEUSP, 2000.

MACHADO, Marli; BLATTMANN, Ursula. A biblioteca universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 25, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2011.

MACHADO, Veruska Ribeiro. **Práticas escolares de leitura**: relação entre a concepção de leitura do PISA e as práticas da escola. 2010. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MAIA, Grazielle Batista. **A influência da biblioteca escolar no desenvolvimento formativo dos alunos do ensino fundamental**. 2014. 58f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) – Universidade Estadual da Paraíba, PB, 2014.

MANATA, Elisabete Filipe. **Atitudes dos jovens face à leitura e a si próprios**: Um estudo com alunos do 7.º e 9.º ano. 2011. 142f. Dissertação (Especialização em Formação Pessoal e Social), Universidade de Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

MATA, Marta Leandro da. **A inserção da Competência Informacional nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil e nos cursos de Informação e Documentação da Espanha**. 2014. 197 f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2014. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_do_mar.pdf. Acesso em: 16 mar. 2019.

MESQUITA, Leopoldo. A relação entre a educação e o trabalho, no contexto do actual processo de capitalização da actividade educativa. **Trabalho & Educação**, v. 18, n. 2, p. 171-191, 2010.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MIRANDA, A. B. Vida e obra do professor Edson Nery da Fonseca. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/13081>. Acesso em: 26 ago. 2018.

NININ, Maria Otilia Guimarães. Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico? **Educação em Revista**, n. 48, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000200002. Acesso em: 23 jun. 2018.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org.) **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

PERILLO, Amanda Cavalcante; SILVEIRA, Raidan Cruz. Letramento informacional: formação do leitor na biblioteca escolar. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2012, Florianópolis. **Anais [...]** Região Sul, Florianópolis, v. 1, 2012.

QUEIROZ, Patrícia Andréa de Araújo. **Concepções de letramento que respaldam as avaliações Saeb e Prova Brasil**. 2013. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2013.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. Ressignificando o processo de letramento na EJA: quando ler é fazer sentido. In: BOTTECHIA, Juliana Alves de Araújo. **A formação continuada na educação de jovens e adultos**: Cenários, Buscas e Desafios. Campos de Goitacazes-RJ: Instituto Brasil Multicultural de Educação e Pesquisa IBRAMEP, 2018, v. 1, p. 1-15.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. Por que investir em pesquisa qualitativa? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 81, n. 197, 2000.

SANTOS, Andréa Pereira; TEIXEIRA, Célia Araújo. A importância da leitura e da biblioteca no processo de letramento informacional. **Letramento Informacional – Educação para a Informação**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. Disponível em <http://cafecomleitura.fic.ufg.br>

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 175-189, 2012.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 72-81, 2000.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, V.M. (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004, p. 89-113.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG : Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. *In*: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 54-67.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAKAHASHI, Regina Toshie; FERNANDES, Maria de Fátima Prado. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paul. Enf**, v. 17, n. 1, p. 114-118, 2004.

TEIXEIRA, L. do A.; GRECO, M. G. V. de A. Letramento informacional e cursos de graduação: um relacionamento necessário. SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 6. Recife, 7 e 8 dez. 2015. Anais eletrônicos. Recife: UFPE, 2015. p. 1-16. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2016. Tfouni (1988) Página 21

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Biblioteca Central da UnB**. [2018]. Disponível em: <http://www.bce.unb.br>. Acesso em: 29 jun. 2018, 08:30.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, 1990.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. Editora: Cidade, 2001.

LOERTSCHER, David V.; WOOLLS, Blanche. The information literacy movement of the school library media field: a preliminary summary of the research. **LIGHTHALL, L.; HAYCOCK, K. Information rich but knowledge poor**, p. 337-358, 1997.

ZURKOWSKI, Paul G. The Information Service Environment Relationships and Priorities. Related Paper No. 5. 1974.

APÊNDICES A – QUESTIONÁRIO

LETRAMENTO EM PESQUISA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NA (IN) FORMAÇÃO DO JOVEM PESQUISADOR

Você está convidado (a) a participar da pesquisa LETRAMENTO EM PESQUISA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NA (IN) FORMAÇÃO DO JOVEM PESQUISADOR, elaborada pela aluna Michelle Soares sob a supervisão da Professora Ormezinda Maria Ribeiro da Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro. Gostaríamos de contar com sua colaboração para responder o questionário em anexo, cujo tempo estimado é de 15 minutos. Lembre-se: não há respostas certas ou erradas, apenas devem expressar suas opiniões. Além disso, a participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de participar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Ressaltamos que as informações fornecidas nesse questionário são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Você não será identificado (a). Ao prosseguir, você concorda em participar da pesquisa. Para esclarecer dúvidas, fazer comentários ou conhecer os resultados desta pesquisa, não hesite em contatar michellesoares@bce.unb.br

Agradecemos sua colaboração!

Michelle Soares

Leia cada afirmativa e assinale a opção que melhor reflete sua percepção. Por favor, não deixe itens em branco.

1. O conceito básico de letramento é de conhecer as letras e ser letrado?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

2. As informações sobre letramento são amplamente divulgadas no ensino médio?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

3. As normas da ABNT são utilizadas em formatações de trabalho no ensino médio?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

4. Quando você realiza uma pesquisa escolar você sabe em quais locais buscar as informações?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

5. Os professores do seu curso orientam adequadamente em quais locais você pode buscar informações para realizar uma pesquisa?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

6. Em algum momento, durante a realização de uma pesquisa escolar, você utilizou o método “copiar” e “colar”?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

7. Você conhece o termo plágio?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

8. Normalmente, você cita em suas pesquisas escolares as Referências e as Bibliografias?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

9. A independência para realizar pesquisa é necessária nas pesquisas escolares?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

10. Você é estimulado a utilizar a biblioteca escolar?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

11. Você costuma pedir ajuda em casa para realizar uma pesquisa solicitada por um professor?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

12. Você conhece a Biblioteca da Universidade de Brasília?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

13. Você sabe quais os serviços são oferecidos numa biblioteca?

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

As seguintes questões foram criadas para orientar a entrevista com a professora responsável pela sala de leitura, visando encontrar o arcabouço para a perspectiva de letramento informacional embutida nesta pesquisa.

1. Apresentação pessoal, formação e tempo de trabalho.
2. Como foi a formação da sala de leitura e os projetos iniciais?
3. Quantidade de exemplares e organização na sala de leitura.
4. Como os alunos buscam a sala de leitura?
5. Quais são as formas de empréstimo?
6. Qual a quantidade e o prazo para o empréstimo?
7. Qual o horário de funcionamento da sala de leitura?
8. O que significa o resgate pela leitura?
9. Há alguma vivência fora da escola que os alunos relatam?

APÊNDICE C – QUESTÕES UTILIZADAS COMO NORTEADORAS PARA DISCUSSÃO NAS AULAS.

1. Para se realizar uma pesquisa é necessário apenas que o pesquisador já saiba quais são suas fontes?
2. Para formular uma boa pergunta de pesquisa é necessário que se defina o tema, criando uma pergunta ou situação-problema que desperte a vontade de saber mais?
3. Os pré-testes possibilitam ajustes na realização da pesquisa?
4. Os livros são grandes aliados na realização das pesquisas. São partes físicas de um livro: capa, lombada, miolo, referência e introdução?
5. Índice, título e subtítulo são partes de um texto e podem compor uma pesquisa?
6. Para uma boa pesquisa é pertinente a leitura de vários textos para levantamento de diferentes pontos de vistas. Só assim, sua pesquisa poderá ser publicada?
7. Uma intervenção em pesquisa é quando você é estimulado a inferir opiniões no objeto?
8. A socialização das pesquisas só ocorre nas universidades. No ensino médio é apenas com o professor?
9. Vivemos na Era da Informação, com uma gama de textos, vídeos, aos quais somos cotidianamente expostos. Assim, um novo termo chamado “fake News” surge para exemplificar notícias falsas.
10. Todo trabalho de pesquisa deve ser referenciado?
11. O *wikipedia* é um site de construção coletiva, por isso confiável em suas informações?
12. O *Whatsapp* é uma ferramenta que facilita a comunicação, porém sendo também responsável pela divulgação de notícias falsas?
13. Arquivos de áudio e vídeo não podem ser utilizados em pesquisa científica?
14. O *google* escolar é uma ferramenta de apoio à pesquisa científica?
15. É importante checar as referências para cancelar a qualidade dos trabalhos acadêmicos?
16. A interpretação dos dados de pesquisa não faz parte do processo de iniciação científica?
17. Os gêneros textuais exercem uma função social específica e ocorrem em situações cotidianas de comunicação, apresentando uma intenção comunicativa bem definida.
18. Os tipos textuais são modelos que definem e distinguem a estrutura e aspectos linguísticos de uma narração, descrição, dissertação e explicação.
19. O resumo é um gênero muito usado no ensino médio. Por isso, não tem um padrão definido?
20. A leitura é essencial para a boa escrita. Ler é um diferencial na iniciação científica?

APÊNDICE D – PROPOSTA DE CONTEÚDO

Proposta de conteúdo para iniciação científica	
Conteúdos	Habilidades
Ciência	<p>Conceitua o que é ciência.</p> <p>Compreende a necessidade do pensamento complexo.</p> <p>Descreve os limites da ciência.</p> <p>Identifica as principais questões éticas vinculadas à ciência.</p> <p>Descreve os principais produtos científicos e fontes científicas.</p> <p>Compreende a importância da comunicação científica.</p>
Pesquisa	<p>Operadores <i>booleanos</i> – e, ou, não.</p> <p>Elementos do texto científico: introdução, desenvolvimento e conclusão.</p> <p>Referências bibliográficas.</p> <p>Descreve as fases de uma pesquisa.</p> <p>Compreende o que é projeto de pesquisa.</p> <p>Define e articula as necessidades de informação.</p> <p>Identifica os tipos e fontes potenciais de informação.</p> <p>Diferencia os diferentes tipos de informação: científica, tecnológica e atualizada.</p> <p>Descreve e identifica critérios gerais para avaliar a qualidade da informação.</p> <p>Compreende o que é pesquisa qualitativa e quantitativa.</p> <p>Explica o conceito de letramento informacional e sua importância.</p> <p>Descreve, em linhas gerais, os principais padrões de letramento informacional.</p> <p>Identifica assunto de interesse para pesquisar.</p>
Apresentação de trabalho acadêmico	<p>Emprega a norma para estruturação do trabalho acadêmico.</p>

Resumo Técnico-Científico	<p>Compreender a importância do resumo como disseminadores da informação.</p> <p>Normas gerais do resumo.</p> <p>Tipos de resumos.</p> <p>Resumo indicativo e formativo.</p>
Referência	<p>O que é referência.</p> <p>Os principais elementos da referência.</p> <p>Normas gerais da referência.</p> <p>Formas de autoria e tipos de autoria.</p> <p>Referência em site de internet.</p> <p>Compreende a referência como importante fonte de informação</p>
Artigo	<p>Compreende a diferença entre projeto e artigo.</p> <p>Descreve os elementos principais do artigo.</p>
Citação bibliográfica	<p>O que é plágio.</p> <p>Legislação sobre plágio e autoria.</p> <p>Descreve os termos usados na norma: citação, citação de citação, citação direta, citação indireta, notas de referência, notas de rodapé, notas explicativas.</p> <p>Explica as normas gerais de citação.</p> <p>Conhece os sistemas de chamada (numérico e autor-data).</p>
Técnica de coleta de dados	<p>Descreve as principais técnicas de coleta de dados.</p>
Mapa conceitual	<p>Explica o que é mapa conceitual e a importância para os estudos.</p> <p>Descreve as características do mapa conceitual.</p>
Biblioteca	<p>Conhece as normas da biblioteca.</p> <p>Compreende o sistema de organização da biblioteca (classificação, número de chamada, sistema de indexação).</p> <p>Sabe buscar informações no catálogo da biblioteca. Descreve os serviços e produtos da biblioteca.</p>

Introdução às técnicas de estudo	Planejamento do plano de estudos. Tarefas do processo de estudo: antecipar a informação geral do texto; leitura do texto; análise dos conteúdos do tema; síntese da informação; esquemas/diagramas; condições básicas para melhorar a fixação e a recuperação das informações.
---	---

Fonte: Gasque (2012) com modificação

ANEXO A – PLANEJAMENTO ANUAL 2019

	CENTRO EDUCACIONAL 01 – RIACHO FUNDO II			
	Planejamento anual 2019			
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA		PROFESSOR: CARLOS		
Anos – Ensino Médio:	3º	Data:	Fevereiro	2019

1º BIMESTRE**1. PRÉ-MODERNISMO (capítulos 4 e 5):**

- Contexto histórico do século XX;
- Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas;
- Leitura e análise de autores brasileiros: Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos;
- As vanguardas brasileiras e europeias e a Semana de Arte Moderna.

2. MODERNISMO 1ª FASE - PROSA E POESIA (capítulos 7 e 9):

- Leitura e análise de autores brasileiros: Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

3. ASPECTOS GRAMATICAIS E LINGUÍSTICOS (capítulos 14, 15 e 19):

- Classe de palavras (Morfologia);
- Período simples (Sintaxe);
- Período composto por coordenação: orações coordenadas;
- Crase;
- Trabalhando gêneros do discurso: leitura e produção (paródia e panfleto);
- ENEM.

2º BIMESTRE**1. MODERNISMO EM PORTUGAL (capítulo 8):**

- Contexto histórico e características;
- Fernando Pessoa: vida e obra.

2. MODERNISMO 2ª FASE - PROSA (capítulo 12):

- Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas;
- Leitura e análise de autores brasileiros: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Érico Veríssimo;
- Leitura e análise de obra literária: Vidas secas e Fogo morto (fragmentos).

3. ASPECTOS GRAMATICAIS E LINGUÍSTICOS (capítulos 16 e 23):

- Período composto por subordinação: orações subordinadas substantivas;
- Trabalhando gêneros do discurso: artigo de opinião;
- PAS: conteúdos programáticos – Língua Portuguesa;
- ENEM.

3º BIMESTRE**1. MODERNISMO 2ª Fase - POESIA (capítulo 10):**

- Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas;
- Leitura e análise de autores brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e

Vinícius de Moraes.

2. ASPECTOS GRAMATICAIS E LINGUÍSTICOS (capítulos 17 e 18):

- Período composto por subordinação: orações subordinadas adjetivas e adverbiais;
- Pontuação;
- Trabalhando gêneros do discurso: carta argumentativa (solicitação e reclamação) e artigo de opinião;
- PAS: conteúdos programáticos – Língua Portuguesa;
- ENEM.

4º BIMESTRE

1. LITERATURA CONTEMPORÂNEA (capítulo 13):

- Concepções filosóficas, estéticas e linguísticas;
- Leitura e análise de autores brasileiros: Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar.

2. ASPECTOS GRAMATICAIS E LINGUÍSTICOS (capítulo 29):

- Concordância verbal;
- Concordância nominal;
- Trabalhando gêneros do discurso: dissertativo-argumentativo;
- ENEM.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO

- Utilização de: livro didático, quadro, atividades em cópias, data show, som, notebook;
- Aulas expositivas;
- Exibição de vídeos;
- Roda de leitura;
- Debates.

Avaliações

- Avaliação formativa (participação, execução de atividades, compromisso...);
- Participação em eventos do CED I: Feira cultural, Feira de ciências e JICED;
- Prova multidisciplinar e interdisciplinar;
- Provas bimestrais;
- Testes;
- Projeto de redação (PD 2);
- Seminários.